Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 25 DE OUTUBRO DE 1973 - N.º 18 261 - ANO 53.º - PREÇO 1$50

O Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou uma segunda moção, proposta pelos americanos e pelos soviéticos, pedindo a restauração do cessar-fogo no Médio Oriente. A moção foi aprovada por 14-0. A China não participou na votação. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

MÉDIO ORIENTE

TROPAS AMERICANAS DE PREVENÇÃO

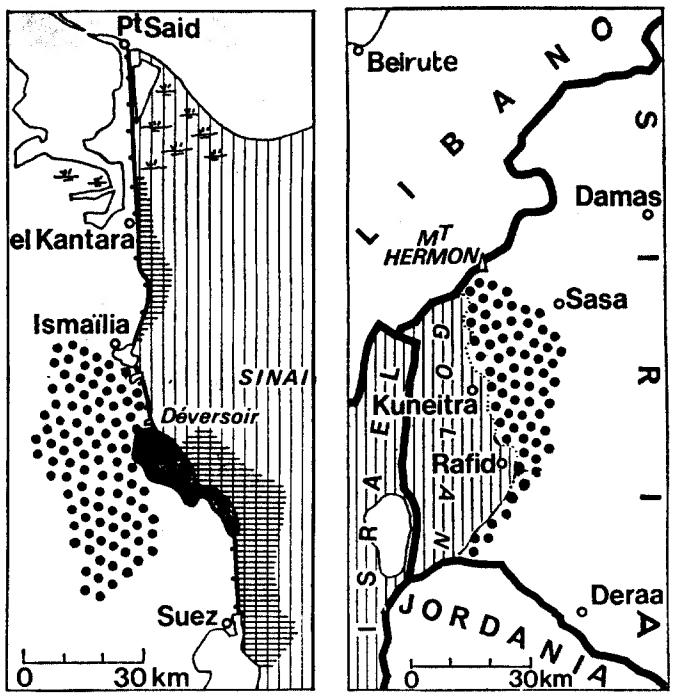
WASHINGTON, 25 (FP, R e UPI-ANI) — Unidades militares americanas entraram de prevenção depois de um aviso de Moscovo acerca de eventual envio de tropas soviéticas para o Médio Oriente com o objectivo de fazer respeitar o cessar-fogo — soube-se de fonte governamental em Washington.

Correm boatos na capital federal de que ontem à noite, já tarde, houve uma reunião urgente de Conselho Nacional de Segurança com a participação do presidente Nixon e do secretário de Estado Kissinger.

A ordem dada pelo Pentágono, de acordo com os mesmos círculos, abrange a 82.ª Divisão Aerotransportada, com base em Forte Bragg, na Carolina do Norte, e «equipas de reacção rápida» estacionadas na Europa, além de outras unidades militares baseadas nos Estados Unidos.

Os observadores comentam que o Egipto havia pedido às Nações Unidas ontem para providenciar no sentido de serem enviadas tropas norte-americanas e russas para o Médio Oriente para policiarem o cessar-fogo, ao que os Estados Unidos se têm firmemente oposto até agora.

O automóvel do embaixador soviético Anatoly Dobrynin foi visto depois da meia-noite a abandonar o parque de estacionamento na cave do Departamento de Estado e circulavam notícias de que tivera uma entrevista com o secretário de Estado, Henry Kissinger.



Penetração das forças israelitas (pontos negros), a oeste do Canal de Suez e na Síria, e dos egípcios (tracejado horizontal), no Sinai

ESCÂNDALO WATERGATE

O novo procurador-geral vai processar Nixon

WASHINGTON, 25 (UPI-ANI) — É esta noite (na próxima madrugada em Lisboa) que o presidente Nixon explicará ao país diversos aspectos do caso Watergate.

O presidente deveria ter falado ontem à noite, mas dado o facto de se encontrar muito ocupado com o problema do Médio Oriente adiou por 24 horas as suas explicações ácerca do mais premente caso interno norte-americano. Tais explicações serão dadas sob a forma de uma conferência de Imprensa televisionada.

Entretanto, o procurador geral em exercício, Robert Bork, indicou à Imprensa que processará Nixon nos tribunais federais a fim de obter novas gravações para além daquelas que o presidente está disposto a divulgar; gravações e ainda memorandos ou outros documentos necessários para continuar um vigoroso inquérito do caso Watergate. E deu a entender que se demitiria se fosse impedido de ir por diante com os seus intentos.

Entretanto, os dirigentes republicanos do Senado concordaram em obrigar o presidente Nixon a nomear imediatamente um novo promotor especial para o caso Watergate.

Os democráticos e os republicanos da comissão judicial senatorial, reunidos em sessão privada, concordaram também, por unanimidade, que havia a necessidade de um novo promotor especial.

O senador democrático Edward Kennedy e o seu colega republicano Roman Hruska, ontem, à saída de uma reunião ligada ao processo de impugnação do presidente Richard Nixon. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Fuzilados mais quatro chilenos

SANTIAGO, 25 (R.) — Mais quatro «extremistas das Esquerdas» foram executados por um pelotão de fuzilamento após terem sido condenados por um tribunal marcial — anunciou a noite passada o regime militar do Chile.

Ontem a Junta Militar, que se apoderou do poder derrubando o Governo do presidente marxista Salvador Allnende, ordenou o fim das execuções imediatas e sem julgamento de sabotadores e outras pessoas que atacassem as Forças de Segurança.

"NOVAS CARTAS PORTUGUESAS"

Julgamento secreto

O juíz dr. Alírio Calina Barbosa declarou secreta a audiência do julgamento das autoras e do editor das «Novas Cartas Portuguesas», que hoje começou no Tribunal Correccional da Boa Hora.

Em virtude da decisão, foram forçados a abandonar a sala muitas dezenas de assistentes, entre os quais se encontravam representantes da Imprensa nacional e estrangeira e observadores do Movimento Feminista e do International Pen-Club (associação de escritores).

Na sala ficaram apenas, o juíz, o agente do Ministério Público, os réus e seus advogados, além do pessoal judicial.

A escritora Maria Velho da Costa retirou o patrocínio do dr. António Alçada Baptista, conferindo-o ao advogado dr. Francisco de Sousa Tavares. Maria Teresa Horta e Maria Isabel Barreno são representadas pelo dr. Duarte Vidal. O editor do livro, que é corpo de delito neste invulgar processo, Romeu de Melo, é defendido pelo dr. Silva Ferreira.

Assalto ao Consulado de Portugal em Paris

PARIS, 25 (ANI) — Foi assaltado na madrugada de ontem o Consulado Geral de Portugal em Paris, na Rua Edouard Founier.

Actualmente, a polícia procede averiguações. Mas verificou já que os assaltantes (parece que se trata, pelo menos, de dois indivíduos) arrombaram uma janela para entrarem no edifício.

Segundo as primeiras verificações da polícia e do cônsul geral, dr. Pedro Pinto, parece que os assaltantes roubaram uma pequena quantidade de passaportes, partiram o cadeado que fecha o selo em branco (não se sabendo se este foi utilizado) e partiram diversas gavetas de secretárias.

Segundo os primeiros resultados da investigação, não parece ter havido roubo de dinheiro.

O Dr. João de Barros morreu há 13 anos

Faz hoje 13 anos que faleceu o dr. João de Barros, cujo exemplo de dedicação ao «Diário de Lisboa» continua presente no espírito de quantos trabalham nesta casa. Poeta notável e cidadão dos melhores que jamais houve neste País, norteadas que sempre foram as suas acções pelos ideais da Democracia, fez parte da missão intelectual que, em 1922, acompanhou o presidente António José de Almeida ao Brasil, tendo sobraçado, em 1925, no Governo do dr. José Domingos dos Santos, a pasta dos Negócios Estrangeiros. Como político e escritor, grande parte da sua acção foi orientada pela luta em prol da aproximação luso-brasileira. Nas colunas do nosso jornal, ficaram algumas das mais belas manifestações do seu enorme talento.

36 PÁGINAS INCLUINDO "SUPLEMENTO LITERÁRIO"

DL/NACIONAL

MARCELLO CAETANO RECEBEU UMA MEDALHA DO SINDICATO DOS MOTORISTAS

O Chefe do Governo recebeu ontem no Palácio de S. Bento uma medalha de prata que lhe foi entregue pelo Presidente do Sindicato dos Motoristas de Lisboa, ex-membro da comissão administrativa que até há pouco geriu o organismo por nomeação ministerial, «como preito de gratidão dos motoristas de Lisboa» pela atribuição das novas licenças de táxi a profissionais do volante que há muitos anos a isso aspiravam, com vista à melhoria da sua difícil situação.

Foi já publicada a primeira lista definitiva correspondente a 250 novas licenças, e muitos dos profissionais contemplados compareceram à cerimónia. A isso se referiu o presidente do organismo nas palavras de saudação que dirigiu ao presidente do Conselho, fazendo também referências ao IV Plano de Fomento, documento muito citado no decorrer da presente campanha eleitoral. O prof. Marcello Caetano, ao agradecer, começou por afirmar: «Tenho muito prazer em recebe-los. Aliás, com a sensação de ver muitas caras conhecidas.» E referindo-se à sua acção governamental, frizou em dado passo não ter feito «promessas mirabolantes». No final, o Presidente do Conselho apertou a mão, em cumprimento individual, aos motoristas presentes.

JULGAMENTO DO PÁROCO DE MACIEIRA DE LIXA

PORTO, 25 — Com o tribunal constituído pelo desembargador dr. Morais Campilho, presidente, e pelos corregedores, drs. Figueiredo de Sousa e Simões Ventura, iniciou-se esta tarde, no 2.º Juízo Criminal, o segundo julgamento do padre Mário Pais de Oliveira, pároco de Macieira de Lixa (Felgueiras). É defensor do réu o advogado desta cidade, dr. José da Silva. Aquele reverendo é acusado de crimes contra a Segurança do Estado. No pleito, agora iniciado, figuram vinte testemunhas de acusação e vinte e sete de defesa, entre as quais muitos sacerdotes e párocos de dioceses.

JULGAMENTO DE ESTUDANTES

PORTO, 25 — Na sessão de ontem, do julgamento de 90 estudantes, que tem decorrido no Tribunal de Polícia e em que são acusados de não pagarem as multas que lhe foram aplicadas por terem participado num «meeting» que se realizou no passado dia 4 de Abril, na Faculdade de Ciências, aquando da realização dum festival de coros universitários, foram ouvidas as testemunhas da ré Maria Idalina e do réu Joaquim Augusto Pina de Moura. Foram instadas pelos advogados de defesa, pelo representante do Ministério Público, dr. António de Castro, e ainda pelo juiz dr. Ary Elias da Costa, que presidiu a sessão.

O julgamento prosseguiu durante o dia de hoje.

MILITARES MORTOS

O Serviço de Informações Pública das Forças Armadas comunica que morreram, em combate os seguintes militares: no estado de Moçambique, soldado n.º 036502/73, José Baptista Rosário, natural de St. Catarina, concelho de Caldas da Rainha, filho de José Vicente Rosário e de Teresa de Jesus Baptista; soldado GEP n.º 1669/72, Fernando Moqueno, natural de Curo, filho de Moquene Muni e de Madumba, no Estado de Angola soldado R. Estado n.º 618303/73 Benjamim Chitamdula, natural de Vila Flor, filho de Felino Pesso e de Florinda Nandi; na província da Guiné; soldado milícia n.º 169772, Mussina Comba, natural de Folacunda, filho de Comba Cangue e de Mcapace Yoqui; 1.º cabo n.º 007025/73, José Gaspar Rodrigues, natural de Montalvo, concelho de Constança, filho de António Rodrigues Rafael e de Maria Perpétua Gaspar; soldado milícia n.º 10367 Corça Jaló, natural de Caió, filho de Assunção Jaló e de Fatumata Jaló, casado com Adama Bari e Jumar.

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

Com o 4.º volume, agora publicado, completou-se o Dicionário Jurídico-Fiscal, 4.000 páginas de informações úteis. Uma obra actualizada, indispensável em qualquer escritório. Manda-se o 1.º volume, para apreciação sem compromisso. Jornal do Fundão, Editora — Fundão.

GRUPO D 18 ANOS

SATÉLITE

5.ª SEMANA

REGRESSO d'AFRICA (Le Retour d'Afrique)

o último filme de ALAIN TANNER o realizador de O ÚLTIMO A RIR...

(Charles Mort ou Vif)

chegarei calmo e jovem a esse país meu
e direi a esse país:
errei durante muito tempo
e regresso ao horror das vossas chagas que deixei.
chegarei a este país meu e dir-lhe-ei:
beijai-me sem receio.

aimé cesaire

Animatógrafo

ÀS SEXTAS E SÁBADOS: SESSÃO SUPLEMENTAR ÀS 0.15 HORAS

uma história com a idade do mundo... jovem como a humanidade... eterna como a esperança...

GODSPELL

2ª SEMANA

GODSPELL • Argumento de DAVID GREENE e JOHN-MICHAEL TEBELAK
Música e poemas de STEPHEN SCHWARTZ • CHOREOGRAPHY BY SAMMY BAYES • ASSOCIATE PRODUCER KENNETH UTT
CINEMATOGRAPHY BY RICHARD HEIMANN • Produção de EDGAR LANSBURY • Realização de DAVID GREENE

SELECCIONADO PARA INAUGURAR O FESTIVAL DE CANNES DESTE ANO

GRUPO C/14 Anos

Distribuido por COLUMBIA & WARNER

MONUMENTAL

Banda sonora gravada em discos BELL distribuidos por PHONOGRAM

motor revista

ATÉ 31 DE OUTUBRO
NO RESTAURANTE DO CASINO AS 23H. E 1H.)
GRUPO C - M/14 ANOS

O ESPECTACULAR DUO
SÉRGIO WONDER & MADY NELSON

SURPREENDENTE
AMBROISE

O BALLET
DAYGO DANCERS

E O CONJUNTO DE
MÁRIO DE JESUS
COM A CANTORA INGLESA
JAY SOUTH

SALA DE MAQUINAS - Acesso livre a m/ de 21 anos
SALA DE JOGOS - DIÁRIAMENTE DAS 17 ÀS 3 H
PENINA - Telefone (0082) 2341

CASINOS DO ALGARVE

BISSELL

A SENSACIONAL MÁQUINA ALEMÃ DE LIMPAR TAPETES E ALCATIFAS COM ESPUMA EXTRA-SECA.

* Limpa em profundidade e aviva as cores.
* Não precisa curvar-se, ajoelhar-se ou esfregar.
* Fornecida completa com um frasco de shampoo especial BISSELL genuino.

Demonstrações nos representantes exclusivos:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS
Rua dos Douradores, 43 - ☎ 361545/361763 - LISBOA
Rua de Santo António, 208 - ☎ 25581 - PORTO
À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

DL/OPINIÃO

WATERGATE, POIS CLARO

Deste lado do Atlântico não podemos presumir de sabedores dos meandros do caso celebérrimo de Watergate que a História dos Estados Unidos decerto fixará, sob reserva daqueles passes de prestidigitação que não raramente se operam nos compêndios... Para uma ciência certa não dispomos de bússola nem de roteiro, e é caso para dizer que do assunto sabemos o que dizem os jornais, assim nos emparceirando, discretamente, com os leitores que nos lêem: fique bem clara esta nota liminar para que logo possa desistir da leitura quem porventura julgue que viria encontrar aqui «revelações sensacionais», o «como» e o «porquê» dos acontecimentos, e também (ó ambição suprema do jornalista!) a certa previsão do futuro de Nixon e das instituições americanas. Por ignorância e prudência, a tanto não nos atreveríamos: aí está, para nosso aviso, aquele jornalista francês que, poucas horas antes de Nixon ter decidido entregar à justiça as gravações, escrevia para edificação dos seus leitores: «O problema do Médio Oriente continua e permite a Nixon acabar, de uma vez para sempre, com o caso Watergate.» De uma vez para sempre?... Atrevemo-nos a duvidar.

E com isto eis-nos embarcados, contra a inicial prevenção, na navegação difícil do chamado comentário internacional. É tempo de mudarmos o rumo definitivamente para águas mais familiares, o que não significa mais remansosas... Posto o que falemos de Watergate apenas como de um caso conhecido (não interessa agora até que ponto) entre uma infinidade de outros que cuidadosamente se mantêm ocultos, por obra e má graça do jogo de cumplicidades e interesses que mantêm de pé certos sistemas e estruturas que precisamente nesses casos encontram o seu equilíbrio, mesmo precário. Ultrapassam-nos, evidentemente, as razões que terão levado a seleccionar (permita-se a palavra) o caso de Watergate entre os mil e um possíveis, pois em matéria de escândalos ninguém vai acreditar que, tirando os subornos de Spiro Agnew, nada mais haja que as prováveis cumplicidades de Nixon... Seja como for (e na falta de melhor informação) descubramo-nos com não pequena reverènica diante da ousadia e da possibilidade de a ter que na América do Norte se vê, diante de uma justiça que não se intimida com os furores de um presidente, diante de uma consciência cívica capaz de enfrentar a suprema autoridade do homem mais poderoso do mundo, conforme lhe chamava a propaganda oficial nos tempos da boa harmonia...

Comparar a vida política a uma representação teatral tornou-se já uma banalidade, um dessorado lugar-comum. Há a plateia, com as claques bem distribuídas e industriadas nas cem maneiras de provocar aplausos, há os actores que evoluem no palco e repetem pela milésima vez um texto sem surpresa nem novidade, há o cenário e o jogo de luzes, e há também, mas fora da vista do público, o lado de trás das aparências, os bastidores, com as suas estreitas passagens, os camarins, as cordas que mantém de pé a frágil armação, as correntes de ar que fazem ondular os papéis pintados, enfim, uma realidade que todo o mais condiciona mas que facilmente perdemos de vista graças ao processo de mitologização por que passou... Watergate é como um palco que tivesse feito uma rotação de 180 graus, pondo à vista da plateia uma boa parte da estrutura oculta e forçando os actores a continuar a debitar os seus papéis num ambiente que já é, rigorosamente, o de reverso da respeitabilidade oficial. Só por isto Watergate é uma lição exemplar, desde que liguemos menos às peripécias do que à substância...

Mas, vivendo nós neste lado do Atlântico, em que pode importar-nos Watergate, Nixon ou as gravações secretas? Provavelmente em muito pouco, mas supomos que o leitor que nos acompanhou até aqui achará também que não é inútil meditar alguns minutos nestas coisas de casos ocultos que deixam de o ser, e muitos mais minutos naqueles outros casos que ocultos estão e ocultos continuam a estar.

Condenação à morte

A Imprensa romena revelou que um alto funcionário de uma empresa do Estado foi condenado à morte e fuzilado por crimes contra a economia nacional, pois aceitava suborno de companhias estrangeiras para assinar com elás contratos desvantajosos para a Roménia.

Ion Tudora, director comercial da empresa «Imagrex», de importação e exportação de maquinaria agrícola, foi julgado por um tribunal militar em Bucareste e condenado à pena máxima «por atraiçoar os interesses da pátria e sabotar a economia nacional» — disse a agência «Agerpress».

A pena de morte por crimes de natureza económica é muito rara na Roménia mas a sua aplicação neste caso e a publicidade dada à execução parece destinar-se a ter um efeito psicológico preventivo.

Tudora admitiu ter recebido dinheiro e objectos no valor de dois milhões de «lei» (cerca de 3.200 contos) mas as suas actividades ilegais causaram ao Estado um prejuízo de 6.400 contos.

As firmas estrangeiras que subornaram o funcionário não foram identificadas pela agência.

Comércio de armas

Segundo um relatório oficial americano o comércio mundial de armas, nestes últimos dez anos — de 1961 a 1971 — subiu a 48,4 biliões de dólares. Os Estados Unidos e a URSS figuram à cabeça de uma lista de 54 países fornecedores de armas, entre os quais se contam certos países neutrais como a Suiça ou a Suécia, e países em vias de desenvolvimento como a Argélia e o Paquistão. O relatório estabelecido pela «U.S. Arms Control and Disarmement Agency» observa que as tentativas para reduzir os fornecimentos de armas de certas categorias para certas regiões teve o efeito de levar os compradores a procurarem outros fornecedores».

Nota a propósito que a cifra de negócio dos vendedores daquelas armas no mundo passou assim de 2,4 biliões de dólares em 1961 para 5,1 biliões em 1971.

Para o decénio estudado, os Estados Unidos exportaram 22,7 biliões de armamento, e a URSS exportou 14,7 biliões de dólares, os fornecimentos americanos ao Vietname do Sul foram de 5,2 biliões de dólares ou seja o triplo dos fornecimentos da URSS ao Vietname do Norte. Certos países receberam armamentos tanto americanos como soviéticos — Índia, Paquistão, Indonésia, Irão, Iraque, Líbano, Camboja, Filândia e Jugoslávia.

O relatório nota também que os fornecimentos soviéticos de armas a Cuba são superiores aos fornecimentos americanos para os outros 21 países da América Latina reunidos, tendo atingido 827 milhões de dólares.

Brasil e RDA

O Brasil e a República Democrática Alemã estabeleceram relações diplomáticas, pela troca simultânea de notas em Brasília e Berlim Oriental.

Em Brasília, os respectivos governos estiveram representados pelo ministro brasileiro das relações Exteriores, Mário Gibon Barbosa, e por Dieter Kulitzka, chefe do departamento latino-americano do Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Democrática.

QUADRATIM ISABEL DA NÓBREGA

RUA DA ESPERANÇA

Dir-se-á que foi da noite para o dia mas não foi. Cada qual andava era distraído. Iam à sua vida. Regressavam a casa a pé ou de carro. Conforme. De carro, passavam obrigatoriamente pela fonte, dizendo de cada vez ou pensando que bonita que é esta fonte que bem iluminada e depois era um apertar de olhos a perscrutar à distância o lugar ainda vago ou já de novo vago na fila onde dar guarida ao seu único bem ao luar ... A pé não passavam necessariamente pelo flanco da fonte. Subiam às vezes as escadinhas que têm o nome de Travessa dos Barbadinhos. Por entre o empedrado meio solto crescem à vontade tufos de erva e aquelas flores miúdas que o vento costuma semear à toa, em fenda de muro ou interstícios de degrau. Se houvera serão na Lapa, desciam também a pé, metiam a Santos-o-Velho, e enfiavam directamente pelo alto da Rua da Esperança, em privilégio de peão contra o sentido proibido. Logo abaixo da Travessa das Isabéis a porta da casa. No sossego da noite a reverberação mineral dos azulejos das fachadas. Mas também um sub-reptício aumentar de lixo, sacos de plástico esventrados, remexidos por cães, ou por gente calada à procura de jornais e garrafas vazias; os papéis rasgados soltam-se dos embrulhos mal atados e esvoaçam ao longo dos passeios; caixas e cascas inundam o pavimento da rua; mas isto não é mal que eles (aqueles) trouxessem, começou antes de chegarem e se instalarem nos andares com escritos. O que não foi, como disse, da noite para o dia. De repente, sim, vagaram umas casas velhas, os senhorios fizeram pinturas à pressa e elevaram as rendas para muitos contos de réis. Os interessados subiam a escada a indagar, desciam de orelha murcha. Durante semanas, meses. Até que um dia alguém fez outras contas. Quartos estreitos, bastantes, alguns deles interiores, ah, mas uma cozinha ampla, água quente na casa de banho. Está bem, cinco contos não é de mais se me der licença para abrir pensão ... Negócio fechado. E assim vieram aos poucos, parentes informando parentes, uns só de passagem, outros para ficar. Nas noites de sábado ouvem-se as mornas nos gira-discos roufenhos, sempre as mesmas, o peso de uma gargalhada de homem, as vozes roucas das pretas velhas.

Sim, vive agora mais gente na rua. Mortos os últimos inquilinos com direito herdado de habitação, onde outrora viviam duas, três pessoas de idade, agitam-se hoje sete, oito membros da mesma família, incluindo crianças. Além do movimento das casas maiores, transformadas em decentes pensões. Há embrulhos atirados, altas horas, da janela para a rua. Não apetece, tarde, descer e subir uma altura de cinco andares, por causa de um pacote de lixo que pode ir voando pelo ar ... Chegado ao empedrado, claro, rebenta com um baque seco e os restos de comida espalham-se pelo chão. Mas eu disse que a culpa não era deles. De manhã, a recolha do lixo é feita à pressa e mal feita. A rua nunca é lavada. Já não passa, como dantes, o camião das regas. Entende-se aquele desarrumo, o acumular de desperdícios e de impurezas.

A linda Rua da Esperança e os seus azulejos. E agora as suas lindas negras, os corpos soberbos delas.

Algumas não é por ali que param. Por lá vêem-se as mães de família, e as mais garotas arranjaram trabalho na drogaria, no armazém, donde voltam ao fim da tarde, de bata branca.

Mas já têm rebentado rixas entre mulheres, entre brancas e pretas, geralmente por causa dos filhos. Passam também razpes que a coberto do grupo que formam as insultam e à sua raça. No outro dia, uma, com voz magoada, deu-lhes, da janela, uma lição. Mas vê-se realmente crescer a impaciência e o mal-estar. Há quem os mande para a terra «deles». Cruzam-se os gritos. É talvez mais difícil ao cidadão branco não ser racista ombro a ombro, com «eles» na exígua mercearia do bairro. Por isso os recém-chegados usam de algum retraimento e prudência.

Tanto assim que ... Eu conto. Isto passou-se comigo. Ontem à tardinha subia a Rua da Esperança. Que bonita é esta fonte de pedra branca mesmo quando não está iluminada. Cerro os olhos, dou com um espaço para o carro na fila única, mas diante de dois garotos acocorados na beira do passeio da esquerda — um branco e outro preto — tive de dar uma guinada ao volante. O miúdo branco ergueu-se de um salto a atirara-me com uma tábua pesada e comprida que já só bateu na roda e não roçou no guarda-lamas, que amolgaria. Arrumo o carro lá onde vira o lugar e desço pausadamente pelo meio da rua, disposta a uma «acção pedagógica» ... E é então que as duas jovens negras que conversan an soleira de umaiporta (mas só entã) começam a invectivar docemente o seu menino preto, que continuava acocorado na beira do passeio fronteiro: «Isso não se faz! Tu não podia fazer isso, menino, é muito feio e nós vamo bater em 'ocê!» Parei e olhei-as. «Mas aquele não fez nada! Foi o outro, o que fugiu e está ali à esquina a espreitar!» Logo elas, muito naturais e alegres: «Pois foi! Foi o outro, foi, aquele não fez nada, então a senhora viu?!»

Confrangida, deixei a «acção pedagógica» para outro dia qualquer. E regressei rua acima, a cismar. Sim, ao menos eu vira.

Exclusivo «Le Monde» / «DL»

O VOTO E A ESPINGARDA

O general Perón, brilhante vencedor da eleição presidencial do domingo 23 de Setembro na Argentina, e campeão de um populismo bastante ambíguo para facilitar todas as concentrações, afirmava, ainda há pouco, que contava Salvador Allende entre os seus melhores amigos.

Os gritos de alegria dos mais fervorosos partidários peronistas, ao celebrar em Buenos Aires a vitória, já esperada, de um general desiludido e com a idade de 78 anos, fazem hoje eco com os rumores sinistros dos fuzilamentos que regulam as contas com os partidários, confessos ou não, da Unidade Popular chilena.

Porém, é já evidente que o êxito do dirigente da Frente Justicialista de Libertação argentina não concederá nenhuma moratória aos chilenos ou aos estrangeiros perseguidos por uma Junta cujas intenções fascizantes se notam cada vez mais claramente. Prudente, o general Perón já havia dado a saber, antes da sua eleição, que a Argentina continuaria a manter boas relações com o novo regime chileno.

A confirmação clamorosa da calema peronista de 11 de Março de 1973, já não modificará o novo equilíbrio de forças criado repentinamente na América Latina pelo tremor de terra político chileno.

Antes do «putsch» de Santiago, em 11 de Setembro, o general Perón podia esperar que a Argentina, sob a sua direcção, alinharia, ao lado do Chile da Unidade Popular, as outras nações de língua espanhola do hemisfério ocidental, inquietas com as intenções e a expansão do subimperialismo brasileiro. Estes países, agrupados, na sua maior parte, no seio de um grupo andino de dinamismo prometedor, e podendo contar com o apoio resoluto do México, são hostis à concepção das «fronteiras ideológicas» definida e aplicada por Brasília.

A queda dramática do governo Allende desmoronou estas perspectivas. O Brasil dos militares, que já transformou o Paraguai do general Stroessner em seu satélite, e pode contar com sólidas amizades no Uruguais e na Bolívia é, na América do Sul, o grande beneficiário do golpe chileno.

O seu principal rival continua a ser, no «cone Sul», uma Argentina cujos novos dirigentes defendem, em princípio, teses opostas às suas.

Continua na pag. 19

DL/GERAL

Conferência de imprensa na Amadora

OS CANDIDATOS DE LISBOA E A DESISTÊNCIA DA C.D.E.

Momento da conferência de Imprensa.

«Os candidatos da CDE do distrito de Lisboa são apenas intérpretes da decisão de abstenção na ida às urnas do próximo domingo, decisão tomada em evidente consequência da repressão que sobre ela se fez sentir logo desde o início da campanha e tomada na sessão plenária de ontem, pelos activistas e democratas nela presentes, por 1098 votos a favor, 13 contra e 14 abstenções. Esta decisão corresponde e é expressão da opinião manifestada por algumas dezenas de milhares de democratas auscultados nas últimas sessões da CDE de Lisboa. A ela aderem os candidatos embora não lhes caiba a sua autoria nem iniciativa afirmou hoje na conferência de Imprensa que na sede da Amadora reuniu representantes de vários orgãos da Informação e à qual estiveram presentes os candidatos Gonçalves André, Sequeira Branco, Tavares da Cruz, António Abreu, Urbano Tavares Rodrigues, José Manuel Tengarrinha, Arons de Carvalho, Manuel Fernandes, Herberto Goulart, Helena Neves, Pedro Coelho, Carlos Carvalho, Caiano Pereira, Gilberto Lindim Ramos, Luísa Amorim e Victor Dias.

Em relações as consequências que desta desistência advirão, os candidatos afirmaram: **Em primeiro lugar, o decreto que tentará privar-nos de direitos políticos por cinco anos, por não irmos às urnas, refere-se à eleições. Ora eleições são votações livres. Não consideramos o que se vai passar no domingo como eleições pelo que não poderá ser aplicado. Em segundo lugar, teucionamos** organização que do ponto de vista contestar esse decreto, nos devidos lugares. **Em terceiro lugar** não foram os candidatos que desistiram da participação no acto eleitoral, **pelo que não poderão ser sancionados, a não ser como** intérpretes dos democratas. **Em quarto lugar, quem verdadeiramente incitou à desistência foram as autoridades através da repressão e das sucessivas ilegalidades que cometeram, a mais flagrante das quais foi a proibição do uso da palavra a todos os não candidatos».**

Focando as diferenças fundamentais entre a campanha eleitoral de 1969 e a que esta semana termina, afirmou-se: **Em 1969, o movimento democrático** era ainda uma auscultação da base, admitia-se, ainda que se pudesse ir às urnas e que isso poderia ser um fim em si. Este ano, desde o início que essa intenção estava afastada do movimento e a CDE aproveitou a campanha apenas como uma oportunidade de propaganda política. Como consequência desta propaganda e do agravamento das condições de vida do povo português, o movimento revela-se agora com uma organização de largueza de estruturas e solidez sobreleva muito a de 1969. Essas estruturas são suficientemente sólidas e elásticas para abrangerem todos os democratas, que ao longo da campanha foram aderindo à CDE e que nos garantem a continuação do movimento para além das eleições, vontade que manifestaremos numa exposição ao Presidente da República, devidamente fundamentada. Do ponto de vista numérico e qualitativo o movimento aumentou, elevando-se também a capacidade de mobilização junto da população que apresenta um grau de consciência política e de combatividade consideravelmente superior ao de 1969.

Os temas que maior adesão suscitaram nas sessões foram o direito à greve, a liberdade para os presos políticos e o fim das torturas e o congelamento de salários e aumento de preços.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Francisco Caseiro, R Guilherme Gomes Fernandes, 20 TORRES VEDRAS

Os Euroford

Nós não precisamos de imitar os carros europeus. Pela simples e poderosa razão de que — somos europeus. Com três ou quatro vantagens. Primeira: respondemos às exigências de quem conduz, qualidade de construção, segurança, performance, conforto. Segunda: achamos que quem compra um carro tem o direito de o receber completamente provado. Terceira: temos a mais vasta gama de modelos. Quarta: o serviço Ford está realmente em toda a parte.

Ford Escort, Cortina, Capri, Consul, Granada.
Atrás de todos eles estão milhões de carros já experimentados.

Vá vê-los aos Concessionários Ford.

PAI, COMPRA UM CARRO MUITO MUITO MUITO SEGURO!

Ford
Ford à frente!

CEBA-NCK

TV DL/ESPECTÁCULOS

ARTES, SIM. ABORRECIMENTOS, NÃO.
BEM BASTA O QUE BASTA!

Por MÁRIO CASTRIM

O novo programa de *Artes plásticas* tem nome *«Perspectiva»*. O nome não foi justificado e talvez não tivesse sido desinteressante fazê-lo. Conhecemos, no entanto, os processos de trabalho que se propõem os responsáveis da rubrica: a actividade far-se-á em dois planos de intervenção: o primeiro será estabelecido por um esforço de divulgação e extensão cultural *onde se abordem temas capazes de favorecer o entendimento do fenómeno estético*. O segundo será constituído por referência noticiosa.

Porque tem interesse para a compreensão da posição dos dois responsáveis de «Perspectiva» perante as suas próprias tarefas, vejamos mais alguns esclarecimentos fornecidos.

Assim, ficamos a saber que serão incluídas *anotações de tipo didáctico que possam mobilizar a atenção dos telespectadores, o seu interesse pela realidade artística.*

Mais:

. *Este trabalho, feito sem o recurso a efeitos de redução exige, da parte de quem o observa, um certo esforço de inteligência e de participação, pois o que se propõe não é uma aventura cujas peripécias sejam fáceis de seguir. A obra de arte é um objecto difícil cuja apreciação crítica se baseia irremediavelmente num código particular, exigindo uma linguagem da qual é difícil extrair por completo e vocabulário técnico. Mas essa circunstância não transcende a capacidade de entendimento do telespectador interessado na participação e no exercício crítico. Espera-se por isso que o programa «Perspectiva» possa favorecer, com o concurso de uma audiência assídua, a cultura visual do telespectador e a sua informação sobre a actual realidade artística portuguesa.*

O trecho que acabamos de ver parece ferido de algumas contradições ou certa imprecisão que com elas se aparenta. Por um lado, declara-se que a apreciação crítica da obra de arte se baseia *irremediavelmente* num código particular; por outro lado, algumas esperanças nos são deixadas, pois logo a seguir se afirma que esse código *dificilmente* poderá simplificar-se. Optimo, a tarefa é apenas difícil — e como a dificuldade aguça o engenho, fica-nos pelo menos a ideia de que existe vontade de a vencer.

Ainda por um lado, manifesta-se o desejo louvável de mobilizar a atenção dos Telespectadores, através de anolações de tipo didáctico; por outro lado, conta-se com a capacidade de entendimento do telespectador *interessado*. Acontecendo que o telespectador interessado já representa uma atenção mobilizada, fique-nos a esperança de que alguma coisa se fará para interessar o telespectador *ainda* não interessado. Encher o céu de justos, é tarefa sem valor. Forte, forte será encaminhar para lá os prometidos (os condenados) ao inferno.

EFEITOS DE SEDUÇÃO? VENHAM ELES!

Só assim, na verdade, se entenderá plenamente uma acção a desenvolver-se na televisão portuguesa. Repare-se que os responsáveis da rubrica *«Perspectiva»* têm na sua frente uma audiência que ultrapassa o milhão; dispersa por um território sem museus, sem possibilidades de contacto ao vivo com a obra de arte plásticas. A televisão, que pode dar tão forte ajuda a tantas artes (a música, a literatura, a arquitectura, o bailado, que sei eu!) apresenta graves lacunas no que se refere à pintura, não apenas por dificuldades de ordem técnica (a falta de cor, a dimensão do visor que apenas permite leituras parciais de um quadro) mas de ordem prática: *ver* um quadro, não é um *olhar* um quadro; entre amá-lo, quando se está vivo, e lambê-lo, quando se está em turismo, há grande distância a correr. Não se pode dizer que seja uma audiência *desinteressada*. A enorme procura de livros com reprodução de obras-de-arte prova que há um vasto mercado à disposição de *«Perspectiva»* — assim como há outro vastíssimo mercado possível

Se os responsáveis de «Perspectiva» descobrirem processos engenhosos para captá-lo. Se forem ardilosos, não sendo desleais. Se forem simples, não sendo simplistas. Se forem camaradas nas dificuldades, e não «mestres» para ocultar essas dificuldades. Se se souberem «bater» no campo do telespectador ignorante *ainda*, em lugar de escolherem o seu próprio campo. Em suma: se aprenderem com as dificuldades dos outros, em vez de as ignorar. Se não disserem: «Siga-me quem quiser» — mas se insinuarem, com arte, o desejo e a necessidade de os seguirem.

(Recordo-me de visitar guiadas com dezenas e dezenas de rapazes e raparigas do nosso *«Juvenil»*. Rui Mário Gonçalves conseguia mobilizar-lhes a atenção depois de ele próprio ser mobilizado pelas dúvidas, pelos problemas, pelas dificuldades que encontrava na audiência.)

. Bom. Mas como poderão os responsáveis de *Perspectiva* conseguir essa mobilização se já comunicam que o seu trabalho será feito *sem o recurso a efeitos de redução*?

Não, amigos. Pelo contrário. Todos os efeitos de redução devem ser utilizados. Serão boas todas as armadilhas que conduzam à fruição estética. São mais todas as armadilhas que conduzam ao aviltamento das emoções. Ora se deixamos o campo livre a estas últimas (e se há, e se há, e se há um excesso de produção!), lá está a fruição estética quilhada...

Viva a imaginação e a alegria. Abaixo a chatice e a água morna. Viva em mangas de camisa. Abaixo a palestra de «os malefícios do tabaco». Viva a conversa que abre os olhos, abaixo a conferência que os fecha.

O PIOR DE TUDO

A primeira parte da emissão de *Perspectiva*, elaborada por José Luís Porfírio, teve um real interesse. O seu principal mérito consistiu no incitamento à procura da arte na cidade que nos rodeia e na sugestão de que a arte tem raízes na História, na actividade dos homens: a arte como um produto social, eis aqui uma fonte de trabalhos futuros.

O *efeito de sugestão* que consistiu na viagem no autocarro 32, lá no segundo piso, fora da armadilha das montras e do superficial, foi um achado precioso. Alguma coisa acordou, terá acordado, ontem na consciência de muitos telespectadores: o segundo piso dos autocarros, nem por ser apenas um exemplo de nível de olhar, nem por isso deixou de representar, em si mesmo, um valor. Andar de autocarro, lá em cima, poderá passar a ter outro encanto. Muito embora se pudesse ter dito, ou sugerido, que viajar cá em baixo nos compensa doutra riqueza — as montras tenebrosamente cheias num mundo desfalcado, as pessoas mais próximas, a vida na cave... — quando se sabe *ver* e não apenas olhar...

Já Rocha de Sousa, autor de comentários que acompanhavam a apresentação de diversos autores, não foi tão infeliz. Aquela linguagem, se já não pode aceitar-se em páginas de jornal não especializado, muito menos pode aceitar-se na Televisão: quando ouvimos as últimas palavras, as primeiras já esqueceram.

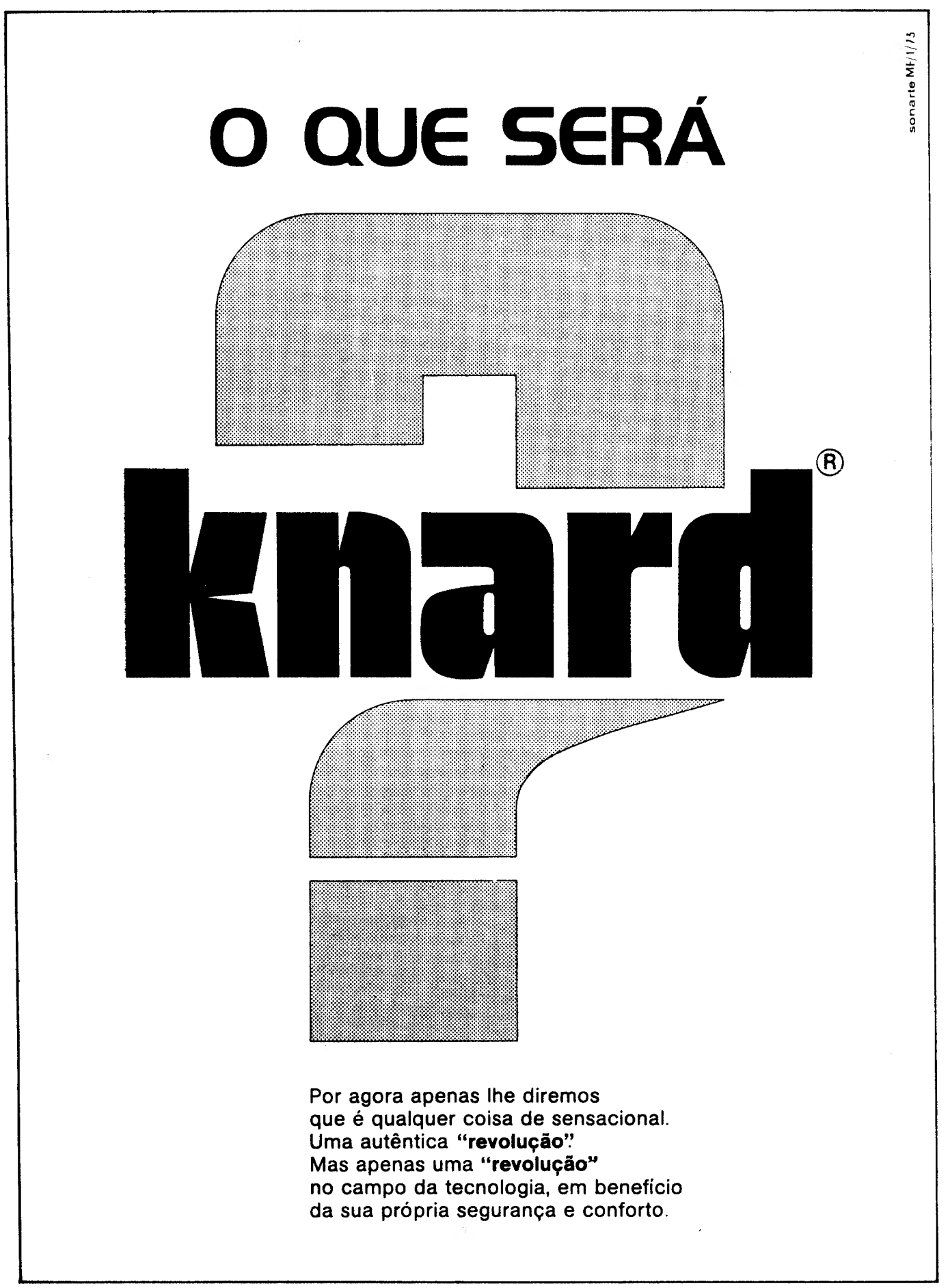
Alguns exemplos:

. *João Vieira: as suas composições abstractas uns que se misturam sólidos elementos da escrita, alcançam pela ressonância da cor, um emblematismo cheio de vigor.*

Noronha da Costa: o lugar do centro real que é o quadro, coincide com o centro ideal do representado. O que realmente está pintado é o que há de parecido. O corpo da obra é o indivisível.

Assim, não. Assim estaremos não a contribuir para o conhecimento de um artista, mas a ensinar piruetas no trapézio de um paleio e de uma retórica que — cuidado! — pode tornar-se contagioso.

Claro que Rocha de Sousa começa agora a entrar em contacto com a necessidade doutra linguagem. Esperemos que venha a encontrá-la. Oxalá. Se não, não vale a pena. E não valer a pena é o pior de tudo.



Por agora apenas lhe diremos
que é qualquer coisa de sensacional.
Uma autêntica **"revolução"**.
Mas apenas uma **"revolução"**
no campo da tecnologia, em benefício
da sua própria segurança e conforto.

LONDRES
«À LA CARTE»
Desde 1.890$00
NATAL
EM
LONDRES
Desde 2.600$00
avião + transfers + hotel + visita da cidade com guia
Inscreva-se já ! ! !
Peça programa a:
viagens nascimento
Rua das Flores, 71 Tel. 32 04 00 36 18 23 Lisboa 2

Abegão
VINHO DE MESA

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata doenças da boca
PORQUE É MEDICINAL

De Blue Bell, um computador fala linguagem de management. O novo UNIVAC 90/60.

Custos, rentabilidade, crescimento, protecção de investimento, gestão são conceitos chave no vocabulário de qualquer director de empresa.

A concepção do novo UNIVAC® 90/60 teve por base aquelas ideias.

Comecemos pelo custo. O 90/60 tem uma relação custo/potência extraordinariamente elevada. É, pelo menos, 60% mais potente que os computadores do mesmo preço, potência suficiente para processar muitas outras aplicações. Portanto – mais rentabilidade.

Quanto a crescimento. Para os utentes de equipamento de outros fabricantes ou de UNIVAC 9400/9480, o 90/60 possibilita crescimentos fenomenais. Por outro lado, o 90/60 pode fácil e economicamente ser expandido para 90/70 no próprio local.

Protecção do investimento. Não só o crescimento é económico, como o "software" é convertido sem dispêndio. Na verdade, não existem custos invisíveis para "extras".

O novo UNIVAC 90/60 é um sistema de "preço global" pois nele se inclui assistência na instalação, treino, suporte técnico e "software".

Se tem em vista a aquisição de um sistema de médio porte, que fale a sua linguagem, analise o novo UNIVAC 90/60.

BLUE BELL é a sede da

SPERRY UNIVAC

O Sucesso dos nossos Clientes é o nosso sucesso.

SPERRY UNIVAC UMA DIVISÃO DA SPERRY RAND CORPORATION

ESPIRAL-adap.

DL/GERAL

"Fedra" em Luanda

Está a alcançar assinalável êxito em Luanda, a «Fedra» de Racine, levada à cena, no «Nacional», pela Companhia do Grupo Experimental de Cascais, dirigida por Carlos Avilez. A interpretação de Eunice Muñoz (que vemos, na foto, numa cena da peça) tem arrancado fortes aplausos a um público ávido de bom teatro. Ao lado de Eunice estão a actuar Maria Albergaria, Santos Manuel, Isabel de Castro, João Vasco, Zita Duarte, Carlos Daniel, Alina Vaz e António Marques.

Filarmónica de Zagreb dá concerto em Leiria

. No próximo dia 31, pelas 21,30 horas, no Teatro José Lúcio da Silva, em Leiria, a Orquestra Filarmónica de Zagreb, dará um concerto, interpretando «Pássaro de Fogo», de Stravinsky e Sinfonia N.º 6 — «Patética», de Tchaikowski.

Os bilhetes para este serão cultural poderão ser adquiridos ou marcados no próprio teatro.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João Prates Piteira — PAVIA

alimentação racional um impulso novo na sua vida

Dar ao organismo o que ele precisa, respeitar exactamente as suas necessidades específicas, em qualidade e quantidade; adaptar a satisfação dessas necessidades às exigências da vida moderna, promovendo o acordo entre os alimentos e as verdades que a ciência da nutrição nos fornece, dia a dia, isso constitui, em toda a sua extensão, a prática da alimentação racional.

Através do Gabinete de Estudos de Nutrição faculta-se o estudo, planificação e organização de Esquemas Alimentares, adaptados ao seu caso particular, quer para profilaxia, quer para normalização dos seus problemas de saúde.

Contacte o GABINETE DE ESTUDOS DE NUTRIÇÃO
Av. da República, 46 - Lisboa 1 • se mora em Lisboa, utilize o tel. 76 71 41

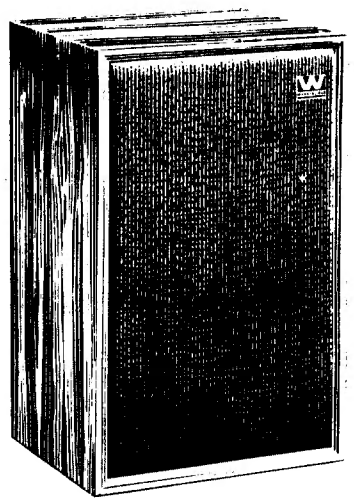
hifen

Abegão
VINHO DE MESA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Actividades Hoteleiras do Calcurrinhos, Lda. — OLIVEIRA DO HOSPITAL

se gosta de música...

visite-nos e oiça o verdadeiro som através de um altifalante WHARFEDALE

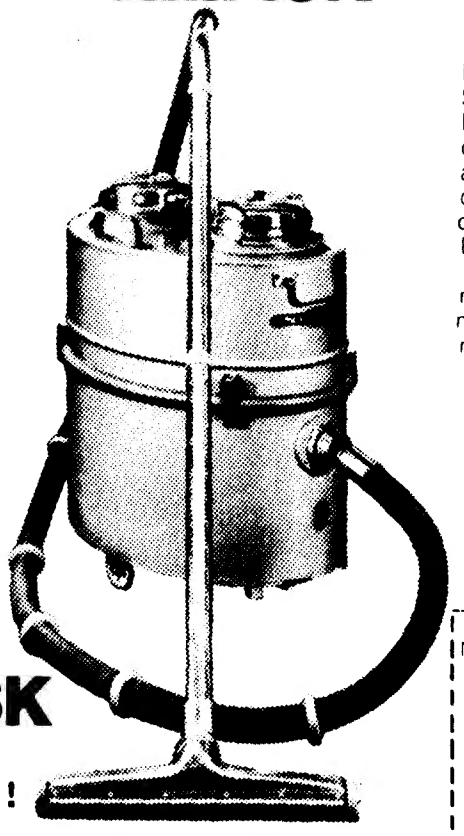


é um som mais nítido... mais puro... mais agradável

existem 5 modelos de altifalantes WHARFEDALE

CONSULTE OS PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO CI SARL
RUA NOVA DO ALMADA 95 97 - LISBOA
R. DE STO. ANTÓNIO, 210 - PORTO • R. FERREIRA BORGES, 150 - COIMBRA

este aspirador tem ideias próprias sobre limpeza é um NILFISK



ELE PENSA EM GRANDES E PEQUENAS SUPERFÍCIES
Ele sabe onde os resíduos do trabalho dia-a-dia se amontoam e onde o pó se acumula. Ele chega aos pontos de mais difícil acesso, onde por vezes, a poeira concentrada, pode constituir perigo. De grande poder de sucção, NILFISK INDUSTRIAL, em qualquer dos seus modelos, é o aspirador mais eficiente e mais durável — o mais versátil e mais rentável.

NILFISK INDUSTRIAL tem sido duramente comprovado em fábricas, hotéis, hospitais, igrejas, armazéns, garagens, cinemas, etc.

Para mais informações, corte preencha e envie para:

NILFISK - Aspiradores Industriais e Domésticos, Lda
Apartado 4049 - Lisboa - 4
Nome .....
Actividade .....
Morada .....
Localidade .....

NILFISK
um mundo de soluções!

NILFISK – Aspiradores Industriais e Domésticos, Lda.
Lisboa - 4 – Rua Félix Correia, 8 – Tel 78 83 31

DL/NACIONAL

A CDE EM MEM MARTINS

«Não vamos às urnas. Voltamos as costas às urnas» — esta foi a frase que mais aplausos arrancou em Mem Martins, na sala do Cinema Chaby, no decurso da sessão de propaganda que a CDE (círculo de Lisboa) levou a efeito ali ontem à noite. A lotação encontrava-se esgotada

Um único candidato falou à assistência: Herberto Goulart. Bastante fatigado, fez o resumo das acções repressivas ao longo da campanha eleitoral.

Levantou a sala quando afirmou:

«A juventude foi o nosso motor! Aplausos sem fim para a juventude!»

E os aplausos estenderam-se por mais de um minuto.

TELEGRAMAS E APLAUSOS

E Herberto Goulart:

«O povo saberá conquistar a justiça a que tem direito!»

E mais aplausos surgiram quando foram lidos três telegramas procedentes de Évora, Santarém e Setúbal: as respectivas Comissões Democráticas Eleitorais desistiam também de ir às urnas.

A CDE ACUSA

Depois, em tom ritmado, Herberto Goulart leu (passe a expressão) o «J'accuse» da CDE.

E foi assim:

NÃO HÁ FÉRIAS DEMOCRÁTICAS

Voltando novamente a abordar a não ida às urnas, Herberto Goulart gritou:

«Não é uma abstenção!

A não ida às urnas é um protesto contra a tirania!»

Explicou depois que essa não ida às urnas implicava a paralização da actividade democrática.

«Porque — disse — ser democrata não é sê-lo durante uma campanha eleitoral. É sê-lo durante as vinte e quatro horas de todos os dias. Não vamos entrar em férias democráticas a partir de amanhã ou a partir de segunda-feira. Não vamos às urnas, mas somos a resistência a um regime verdadeiramente odiado por nós todos!»

O Hino Nacional encerrou a sessão às zero horas.

ESTABELECIMENTO ASSALTADO EM GAIA

PORTO, 25 — Por meio de arrombamento, foram esta madrugada assaltadas as instalações da firma António Moreira e Moreira, Lda., em Perosinho (Vila Nova de Gaia).

Os gatunos retiraram dali uma máquina de calcular electrónica, um gravador, livros de cheques e ainda algum dinheiro que se encontrava em cofres portáteis. O valor do roubo foi estimado á priori em 25 contos, mas dado a desarrumação do estabelecimento não se sabe se teriam sido furtados mais artigos.

A P.J. procede a investigações.

RESPONDEU ÁS PALAVRAS COM UMA NAVALHA

Segundo uma declaração apresentada no Governo Civil foi detida, ontem á tarde, na Avenida Almirante Reis, a comerciante Elvira, de 36 anos, solteira, acusada de ter desferido várias navalhadas no pintor Artur Malheiros, de 38 anos, que, atingido no rosto e no abdomén, recolheu ao Hospital de S. José onde ficou internado em estado grave.

Por sua vez, a agressora, que apresentou como justificação para o seu acto o facto de Artur lhe fazer frequentemente «propostas imorais e desonestas», recolhia aos calabouços do Governo Civil, tendo transitado, esta manhã para a Polícia Judiciária.

Centro técnico da Madeira

Uma portaria do Ministério da Economia cria o Centro Técnico da Madeira e aprova os respectivos estatutos. Por outro lado, um decreto-lei, pelo mesmo departamento oficial, torna livre o preço de aluguer das embarcações afectas ao exercício da indústria de transporte de mercadorias na área do porto de Lisboa.

SESSÃO OPOSICIONISTA NO CENTRO JOSÉ ESTEVÃO

Das sessões de propaganda que a CDE de Lisboa tinha programado para ontem à noite nem todos se realizaram

Deste modo, foram suprimidas as reuniões previstas em Alvide (Cascais) e no Centro Escolar Republicano Elias Garcia.

No Centro Republicano José Estevão a sessão que decorreu normalmente, foi presidida pelo nosso camarada de redacção José Saramago, estando presentes os candidatos Carlos Carvalho, António Abreu e Helena Neves.

Carlos Carvalho, o primeiro orador, leu um texto em que, depois de referir todas as ilegalidades, tendentes a reduzir a Oposição Democrática a um papel servil em relação ao regime acrescentando que podiam declarar **«com satisfação e também com orgulho que estas tentativas falharam totalmente»**, afirmou que a intervenção dos democratas no período **eleitoral** constitui um acto de acusação, **não um episódio eleitoral em eleições inexistentes, mas um novo estímulo ao desenvolvimento da caminhada do povo português pelo socialismo.**

Usou da palavra, seguidamente, o candidato António Abreu que escalreceu a assistência sobre o plenário distrital realizado ontem à tarde em Odivelas, onde a esmagadora maioria optou por não ir às urnas, tendo depois a candidata Helena Neves tecido considerações sobre o acto eleitoral em si.

No final da sessão, José Saramago usou da palavra para pôr em destaque algumas particularidades da maneira como a ANP tem procedido nesta campanha exemplificando com o que se passou recentemente em Cascais, quando aquele agrupamento político convocou uma reunião com os representantes das juntas de freguesia do concelho, para a qual convidou também o presidente da Câmara, a fim de se inteirar dos problemas da zona. O orador esclareceu que tal atitude nunca poderia ter sido tomada pela CDE e as razões eram bem visíveis.

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

10.ª Secção de Actividade «INDÚSTRIA QUÍMICA»

AVISO

Promovido pelos Delegados Sindicais da C. U. F., realiza-se no dia 26, pelas 21,30 horas, na Rua do Alecrim, 46-1.º, um Colóquio sobre Previdência.

COMISSÃO DIRECTIVA

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

11.ª Secção de Actividade
«INDÚSTRIA METALÚRGICA»
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos do artigo 57.º e do n.º 2 do artigo 59.º dos Estatutos, convocam-se os sócios do Sindicato, integrados nesta Secção de Actividade, a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, no próximo dia 8 de Novembro, às 21 horas, nas instalações deste Organismo, sitas na Rua do Alecrim, n.º 46, 1.º andar, nesta cidade, com a seguinte

ORDEM DOS TRABALHOS

Apreciação, Modificação e Votação do Relatório de Actividades da Comissão Directiva, relativo ao ano de 1972.

Se, à hora marcada, não estiver presente a maioria dos associados que nele têm lugar, a Assembleia reunirá meia hora depois, com qualquer número.

Lisboa, 10 de Outubro de 1973.

A COMISSÃO DIRECTIVA

NOTA: A fim de facilitar os Serviços, agradecemos se faça munir do seu cartão de sócio.

EXTERNATOS
São Vicente
Rua Edith Cavell, 8
(Ao Chile) Tel. 83 14 16
Marquês de Pombal
Rua Morais Soares, 93
Tel. 82 02 21/83 46 58
Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) — Tel. 70 69 74/5
PREPARATÓRIO — LICEAL
COMERCIAL — ADM. INSTITUTOS
— ADM. UNIVERSIDADE —
MANHÃ — TARDE — NOITE

EXCURSÕES CP
O DOCE OUTONO DO ALGARVE...
ALBUFEIRA - SAGRES
2, 3 E 4 DE NOVEMBRO
- Viagem em carruagem reservavda de 1.ª classe e autocarro de grande turismo
- Alojamento em Hotel de 1.ª na Praia da Rocha
- Passeios panorâmicos através do Barlavento algarvio, com refeições em Restaurantes típicos de Albufeira, Sagres e Alvor

PREÇOS (TUDO INCLUÍDO)

LISBOA	850$00	PORTO	1.070$00
SETÚBAL	830$00	AVEIRO	1.030$00
SANTARÉM	900$00	COIMBRA	990$00

REDUÇÃO PARA GRUPOS DE 10 OU MAIS PESSOAS E PARA CRIANÇAS

INFORMAÇÕES E PROGRAMAS COMPLETOS:
— Estação de Lisboa-Rossio, Santa Apolónia e Terreiro do Paço.
— Rua do Arsenal, 124, e Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa.

RESERVAS RÁPIDAS — TELEF. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

GRIFO
FABRICO PRÓPRIO DE MESAS EM METAL E ACRÍLICO
RUA CASTILHO, 201 B
LISBOA

No ambiente confortável e requintado do IMPÉRIO nas melhores condições técnicas de projecção, poderá voltar, ao fim da tarde de cada sexta-feira, aos seus bons velhos tempos ou, se é jovem, entrar no conhecimento do que foi êxito nos bons velhos tempos.

PARA ISSO O IMPERIO CRIOU UMA NOVA SÉRIE CULTURAL QUE POR ISSO MESMO SE CHAMA

OS BONS VELHOS TEMPOS

PARA ABERTURA DESTA NOVA INICIATIVA O INESQUECÍVEL

«PÃO AMOR E... FANTASIA»

c/ VITTORIO DE SICA e GINA LOLLOBRIGIDA
ADULTOS (Maiores de 17 anos)
AMANHÃ, ÀS 18.30 HORAS

DL/NACIONAL

SESSÃO DO M.D.P. NO COLISEU

INCIDENTES COM A POLÍCIA

Presidido pela eng.ª Virgínia Moura, realizou-se ontem, à noite, no Coliseu do Porto, o último comício do M.D.P. Sala repleta de público. Gente de todas as idades. Ao contrário do que sucedeu na sessão ali realizada no último sábado, não se verificaram incidentes no início da sessão. Todavia, no fim da sessão, pouco depois da meia-noite, houve corridas nas ruas vizinhas. Seis pessoas, pelo menos, receberam tratamento no Hospital Geral de Santo António, apresentando várias escoriações, contusões e feridas corto-contusas. É a seguinte a identidade dos feridos: Fernando Santos, de 22 anos, solteiro servente da construção civil e Francisca Martins Castro, de 55 anos, casada, servente, ambos residentes em Gondomar; Luís Monteiro Teixeira, de 27 anos, casado, empregado de escritório, de Vila Nova de Gaia; José Monteiro Pereira Custódio, solteiro, empregado de armazém, do Porto Pinheiro, Raúl Júlio Vidal Moreira, de 25, solteiro, estudante, do Porto, e Francisco Sousa Pereira Barbosa, de 44, separado judicialmente, carpinteiro, de Gondomar.

ATÉ QUANDO?

A abrir a sessão, a eng.ª Virgínia Moura proferiu breves palavras em que recordou nomes de democratas mortos e cuja vida disse era um exemplo de caminho a seguir. Disse ainda ser urgente o regresso à Pátria dos democratas Ruy Luis Gomes, José Morgado, Mário Soares e Pedro Soares. E terminou: «**O povo não está inscrito nos cadernos eleitorais. O povo é alienado da vida política do País. Só haverá liberdade quando o povo for dono dos seus próprios destinos**». A presidente da sessão, ladeada dos candidatos e dos democratas drs. Armando Castro, Óscar Lopes, Teixeira de Sousa, Armando Bacelar, Raúl de Castro, Armando Cotta, D. Irene Castro e Alexandre Ferreira Barros, deu a palavra, em primeiro lugar ao jornalista César Príncipe. Porém, antes da intervenção daquele, Horácio Guimarães informou que dois candidatos e diversas democratas que se encontravam à entrada do Coliseu haviam sido agredidos. Gritou-se na sala por um médico e logo a seguir Macedo Varela foi ao microfone acalmar o público dizendo: A sessão não será interrompida.

César Príncipe, então no uso da palavra, começou por dizer: **A partir de amanhã as portas blindadas do regime estarão cada vez menos entreabertas e o Governo tentará, de novo, pôr a oposição a espreitar pela fechadura. Até quando? Perguntamos nós em 1973. Até quando? Pergunta-se há quarenta e sete anos.**

NÃO ÀS URNAS

Entretanto, o público na sala do Coliseu gritava **Não às urnas.**

Falou, depois o candidato dr. Nozes Pires que, num discurso mais longo que o habitual, procedeu à caracterização do regime político actual, suas funções e sua orgânica, que disse ser **uma tarefa teórica-táctica essencial**». Com largo recurso de dados concretos e números, falou depois da inserção do regime no sistema capitalista, regime com **características particulares que advém do facto de representar um capitalismo atrasado bloqueado no seu desenvolvimento por poderosos travões estruturais, contradições económicas e políticas insuperáveis, dependente em grau crescente das economias capitalistas altamente desenvolvidas**».

Falando depois do que chamou **concentração monopolista agrária,** de que a proletarização dos pequenos proprietários é consequência, e da denominação do capital financeiro e da acumulação veloz dos super-lucros, adiantando então os números referentes aos bancos e citando as conclusões do Terceiro Congresso Democrático de Aveiro. Falou, ainda, do número crescente das sociedades anónimas e dos **sectores económicos para onde se dirigem os investimentos estrangeiros: Publicidade e Turismo, Indústrias Transformadoras, Comércio para ramos-chave da actualidade, como os combustíveis e a indústria química, farmaceutica e fábrico de certas peças do sector da electrónica**». E mais adiante: **esta oferta por parte do capitalismo português de uma mão-de-obra barata, é um dos objectivos do capital imperialista alemão, francês, inglês, americano: em Portugal pagam-se salários seis a oito vezes inferiores ao dos países europeus mais desenvolvidos.**

Contestou depois a tese de que os investimentos estrangeiros beneficiam qualquer desenvolvimento da economia nacional. Nozes Pires prosseguiu: **É também sabido que o regime desenvolve esta política de atracção do capital externo, entre outras razões pela exigência de empresários anquilosados por dezenas de anos de proteccionismos e porque os canais de captação e distribuição da poupança se encontram controlados pelos grupos bancários-financeiros favoráveis á concentração do poder político, e ás iniciativas vindas de Pretoria, Nova Iorque, Londres e Paris, e desprezando as necessidades da população portuguesa.**

E mais adiante: **A pequena burguesia, comercial e industrial, o campesinato, estão condenados a serem puramente cilindrados pelo monopólio em desenvolvimento.**

O candidato eng. Sousa Pereira começou depois a ler uma moção chegada á mesa. AO agente da P. S. P. presente no palco dirigiu-se á eng.ª Virgínia Moura contestando a intervenção de Sousa Pereira. Afinal tudo se esclareceu: o oficial da P. S. P. ignorava que Sousa Pereira era candidato...A moção lida era um protesto a que o público se associou, contra as repressões pouco antes ocorridas à entrada do Coliseu.

Sousa Pereira no seu discurso afirmou em determinado momento: **O Governo pretendia uma oposição medrosa, obediente, cordata e colaborante nesta farsa. Nós sabemos que o Governo pretendia uma Oposição de gabinete que aceitasse o seu jogo, justificando assim, nacional e internacionalmente a legitimação do regime.** E mais adiante: **Saiu-lhe um conjunto de candidatos e uma Comissão Democrática cujos únicos interesses a defender são o do povo que os apoia e cuja linha de acção é divulgar e alargar um Movimento em torno dos objectivos da plataforma mínima de unidade.**

O MOVIMENTO CONTÍNUA

Faou depois o candidato Celso Ferreira que referiu diversos problemas dos trabalhadores (habitação, custo de vida, sindicatos, previdência, saúde), **amarrados a um intricado processo de exploração.**

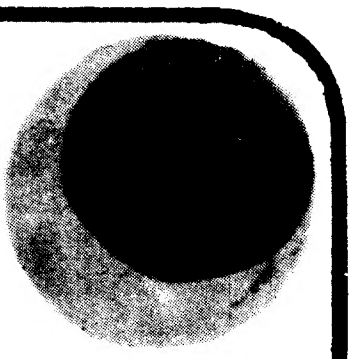
A eng.ª Virgínia Moura leu depois uma das várias moções chegadas á mesa, que lhe parecia **sintetizar o espírito de todos.** A moção referia-se aos termos em que tem decorrido o presente acto eleitoral e concluiu por uma **não ida ás urnas.**

Horácio Guimarães, orador seguinte que disse ser **hora de fazer o balanço político da nossa actuação** afirmou nomeadamente: **Está comprovada a justeza da nossa linha de actuação que sem radicalizar o Movimento soube desenvolver acções de massas que em muito têm contribuido para a luta mais geral do povo português. A unidade na acção conseguida e outros dos aspectos vitoriosos da presente campanha, pois os democratas dos mais diversos sectores políticos souberam dar os braços na hora presente, cerrando fileiras contra o inimigo, comum.**

O último orador da sessão, candidato Pina Moura não concluiu o seu discurso.

Era meia-noite e a sessão tinha que terminar, **por imposição da autoridade,** na expressão do dr. Macedo Varela (que não chegou a proferir o seu discurso), dito ao microfone. A assistência cantou no encerramento.

ELEIÇÕES 73



em Lousada durante a sessão do M.D.P.

Na sede dos B. Voluntários de Lousada realizou-se a anunciada sessão do M. D. P. que foi presidida pelo dr. Arnaldo Mesquita e que terminou poucos minutos antes da meia-noite, com a entrada da G.N.R. Essa intervenção policial deve-se ao facto de o presidente da mesa não ter querido encerrar a sessão conforme lhe impusera o oficial da G. N. R. ali em serviço, quando aquele causídico deu a palavra ao candidato dr. Cassiano Lima.

Antes de se iniciar o comício o oficial de G. N. R. exigira ao presidente da mesa que fossem retirados todos os cartazes colocados na sala.

Na sessão usaram da palavra os candidatos Cassiano Lima. Berta Monteiro, que abordou o problema da mulher e das crianças, António Mota, sobre a luta dos trabalhadores, além do problema colonial.

A sessão deu origem a vários incidentes nos quais ficaram feridos os democratas: Fernando Oliveira Lopes, de 24 anos, solteiro, de Paredes; Alberto Martins de Magalhães, de 27, solteiro; José Duarte Teixeira, de 50 solteiro; Maria de Lurdes Alves, de 28, casada, Agostinho Machado Ribeiro Alves, de 16, solteiro, todos de Lousada; Miguel Freire da Csota, de 56, casaco de Freamunde, e ainda um outro cuja identidade não nos foi possível averiguar.

SESSÃO DA OPOSIÇÃO INTERROMPIDA EM COIMBRA

Realizou-se ontem no Teatro Avenida, que se encontrava completamente cheio apesar de as autoridades terem impedido a entrada a menores de 21 anos a última sessão de propaganda eleitoral da Oposição de Coimbra. Presidiu o democrata Misarela Loureiro, encontrando-se também na mesa representantes dos concelhos e dos grupos específicos do Movimento Democrático. A sala estava decorada com numerosos cartazes.

Por diversas vezes os oradores interpelaram a assistência no sentido de que esta se pronunciasse a respeito da ida às urnas, tendo a resposta sido sempre um impressionante e inequívoco NÃO.

Jorge Seabra inaugurou a série de discursos, referindo-se ao actual momento político e à campanha desenvolvida pela Oposição.

Seguiu-se no uso da palavra Januário Santos, que se debruçou sobre o problema da Informação, tendo salientado: **Ao ler o Diário Popular, o Jornal do Comércio, o Comércio do Porto, o Record e a Rádio e Televisão, os portugueses estão a ler o Banco Borges e Irmão.** Queria deste modo referir-se à concentração e ao domínio dos meios de Informação pelos grandes grupos económicos.

Falaram ainda mais dois candidatos, Flávio Laranjeira e Vítor Costa, que se referiram ao problema dos presos políticos e à necessidade da sua libertação, assim como a diversas questões políticas da actualidade nacional. Todos os oradores salientaram o facto de as eleições do próximo domingo serem uma farsa, na qual os democratas não devem participar.

Mas a sessão, cuja principa característica foi o grande entusiasmo de toda a assistência não poderia chegar ao fim.

Sessões da ANP marçadas para hoje

Da Acção Nacional Popular recebemos a seguinte informação:

«Hoje, último dia da campanha eleitoral, a ANP promove quatro sessões para apresentação dos candidatos a deputados que patrocina.

A sessão do círculo de Lisboa efectua-se no Teatro Monumental, com início às 21 e 30. Preside o dr. José Luís Esteves da Fonseca, presidente da comissão do distrito de Lisboa da Acção Nacional Popular. São oradores os candidatos eng. Daniel Barbosa, prof. Gonçalves de Proença, dr. Arnaut Pombeiro e dr. Manuel José Homem de Melo.

O encerramento da campanha no círculo do Porto realiza-se com uma sessão no Coliseu, pelas 21 e 30. Preside o dr. António Pedro Pinto de Mesquita, na sua qualidade de membro da Comissão Eleitoral do distrito. Usam da palavra os candidatos dr. Hermes Augusto dos Santos, dr. Vasco Costa Ramos, D. Lia Pereira de Lello e prof. dr. João de Almeida Garrett.

Em Leiria, a sessão está marcada para as 21 e 30 no Hotel Aero-Sol. Tomará a presidência o eng. Lemos de Proença, presidente da Comissão de Distrito da ANP. Falam os candidatos dr. Emídio Faria, Manuel Barosa, dr. Silva Pinto e dr. Manuel Sanches.

Finalmente, efectua-se uma sessão em Lourenço Marques, na qual serão oradores os candidatos dr. Alípio Gonçalves, dr. Almeida Penicola, dr. Gonçalo Mesquitela, dr. Capucho Paulo e Paulo Dimene.

Outra moção contra Portugal

NAÇÕES UNIDAS — (F. P.) — Cinquenta e sete países, entre os quais o grupo africano da O. N. U., apresentaram à assembleia geral uma moção exigindo «que Portugal cesse imediatamente toda a violação da soberania e da integridade territoriais da Guiné-Bissau, bem como qualquer acto de agressão contra o povo da Guiné-Bissau». Esta moção segue-se à inscrição na agenda da Assembleia Geral da questão denominada «A agressão de Portugal contra a Guiné-Bissau».

A moção tem o apoio do bloco dos países não alinhados e dos países socialistas, pelo que deverá ser aprovada pela Assembleia Geral. É de notar que as decisões da Assembleia são somente recomendações sem força executória.

Não se esqueça de verificar, antes de partir, se o seu PASSAPORTE se encontra em dia. Lembre-se que a STAR tratará de lho obter, poupando-lhe um tempo que certamente lhe é precioso.
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

PRAIA GRANDE
(COLARES)
Passe os seus fins de semana no agradável e tranquilo Outono da Praia.
Hotel — Motel
Piscina — Restaurante — Selfe-Service — Bars — Sauna
Preços especiais do jantar de 6.ª feira ao almoço de domingo, tudo incluído, desde 360$00 para uma pessoa e 580$00 para duas pessoas.
Suites familiares até cinco pessoas.
Marque pelo telefone 29 02 76 — 29 02 77.

DL/NACIONAL

ENCERROU EM BRAGA A CAMPANHA DA A.N.P.

«Ao longo desta campanha, ficou bem documentado quanto logo saltara à vista nos seus antecedentes e primórdios» — **afirmou o dr. Baltazar Rebello de Sousa, no discurso ontem à noite pronunciado no Teatro Circo, de Braga, durante a última sessão promovida no círculo pelos candidatos da ANP. E continuou:**

«A minoria activista que, de há muito, vinha inspirando, predominando ou chefiando as principais actividades oposicionistas, sob a evidente égide do comunismo marxista, ultrapassara em capacidade de organização, de manobra e de comando os restantes grupos.

Postergados foram uns para a mera clandestinidade de pequenos núcleos, como os marxistas-leninistas e maoistas, adversários de tudo e todos e não com menor intensidade dos que consideram como «revisionistas». Encurralados se viram outros, de idêntica reduzida expressão, no contraditório pluralismo burguês, auto-refugiado num abstencionismo cómodo, adequado à face neutra que necessariamente assume quem, cultivador do equívoco, «profissional na arte de adiar o essencial», defende na teoria o que, em sua vida, não pratica, no usufruto de confortáveis situações de privilégio que não puderam ser ainda, como se impõe, socialmente corrigidas.

Sendo assim transparente o extremar de campos, o povo português pôde ver, fielmente traduzida, a orientação traçada pelas «Internacionais» aos seus filiados, em torrente de afirmações atiradas ao ar, na decalcada reprodução da planfletária fraseologia costumeira: «guerra colonial», «presos políticos», «farsa eleitoral», «monopólios», «exploração», «repressão», «imperialismos», «fascismos», e todo o demais vocabulário que, à custa de repetido e vazio, se mostra já estafado e creio que, desta feita, irremediavelmente.

Sob o manto que já não é diáfano desta verborreia, a mais das vezes primárias, ficou a nu, com os contornos perfeitamente definidos, a verdade inteira que, assim, se apresenta à Nação:

O reclame das vias de «libertação», «progresso» e «felicidade automática do país», pela amputação de suas terras e gentes — «fim imediato das hostilidades, negociações com os movimentos de libertação, entrega dos territórios» — pela negação da democracia — «isto não vai com eleições» pela restrição, melhor, supressão das liberdades — «devemos impor o caminho que leve o País ao socialismo» ou, por outras palavras, «por uma democracia popular que conduza ao socialismo».

FORÇAS EM PRESENÇA

Mais adiante, e sintetizando a sua perspectiva sobre as forças em presença:

«De um lado, estamos nós — os da ANP —, obedecendo todos a um certo número de princípios, mas suficientemente versáteis nas formas de agir e de pensar Portugal. Deste lado, estão connosco, também, os que convictamente julgam que não é preciso destruir o regime para promover uma política mais activa, mais social, mais popular, mais evolutiva nas suas reformas fundamentais.

Do outro lado, estão os que querem destruir primeiro tudo, para construir sobre os restos o «paraíso» socialista de que exibem o figurino, sem, porventura — para ressalvar alguns — lhe avaliar as consequências.

De um lado, estão os que têm um chefe, um programa e os resultados palpáveis de uma obra, como garantia segura do mais e do melhor que há a fazer por Portugal.

Do outro lado, estão os internacionalistas que, de forma deliberada ou como instrumentos ingénuos, acabam por fazer o jogo de quem, além do mais, tem plena consciência da importância estratégica de Portugal e do seu ultramar para a defesa do Ocidente e que, por isso, tudo fazem para o enfraquecer e sufocar».

Já quase no fim do seu discurso, o dr. Rebello de Souxa disse:

«O programa que nos propomos defender na Assembleia Nacional é o programa do Estado Social Corporativo, revigorado, dinamizado e renovado por Marcello Caetano.

Estado Social que o é porque se conforma com:

— o fortalecimento e a defesa da individualidade e coesão da comunidade portuguesa, pelos cinco continentes repartida, e a sua maior projecção no Mundo.

— a unidade e integridade nacionais, reforçada pela via da descentralização e regionalização político-administrativa.

— o respeito pela justiça e pelas liberdades essenciais.

— o carácter activo e intervencionista do Estado.

— o desenvolvimento global da sociedade portuguesa.

— a garantia a todos os cidadãos, sem quaisquer discriminações, da igualdade de oportunidades.

— a satisfação das necessidades sociais básicas.

Estado Social que é, acima de tudo, um Estado de Direito porque a Lei e o respeito pela Lei são condições necessárias à sua existência e progresso. Mas Lei não abstrata e desumana: Lei realista que vá ao encontro das necessidades vitais e permanentes do povo português.

Estado Social porque não é o social que está ao serviço do Estado, mas sim o Estado ao serviço do social. Quer dizer: o Estado que somos todos nós, não anula o indivíduo, mas realiza e mobiliza tudo aquilo que tendo a valorizá-lo e a realizá-lo como pessoa.

Estado Social que não seja estático, mas dinâmico, que seja prospectivo, entrando na programação do presente com a dimensão do futuro, integrando todas as forças, todas as correntes que, não o querendo destruir, pretendem, de boa fé, enriquecê-lo e servi-lo.

Estado Social que consente tudo, menos a destruição ou a hipoteca da independência nacional».

Discursaram ainda os candidatos António Campos (IV Plano de Fomento e problemas regionais), dr. Camilo Lopes de Freitas (problemas políticos), dr. Oliveira Ramos (educação e juventude), eng. Duarte do Amaral (problemas políticos), dr. Fernando Conceição (ultramar), e dr. Teotónio Castro (previdência). A sessão encerrou com o Hino Nacional.

Democratização do ensino e apoio social segundo a ANP

Das comissões eleitorais da A.N.P. recebemos o seguinte comunicado:

«Têm sido ventilados, ultimamente, muitos problemas relativos à reforma da educação. Estranhamente, as Comissões Democráticas Eleitorais, que se deveriam alegrar com a democratização do ensino, procuram pelo contrário desvirtuar esse grande esforço nacional tentanto transformá-lo em cabalística manobra, destinada a conseguir apenas... mão-de-obra barata ao serviço dos monopólios!

E confrangedora a pobreza e a má-fé do argumento, vinda sobretudo daqueles que também acusam o Governo de não combater o analfabetismo!

Ora a verdade — e o País bem a conhece — é que a educação cobre agora o nosso território, e atinge a totalidade da sociedade portuguesa. E como a evidência desses factos chega à consciência de cada um, e os argumentos referidos pela Oposição só a cobrem de ridículo, têm ultimamente surgido sectores interessados em fazer acreditar que a educação é incompatível pelo preço dos livros e material escolar, pela escassez dos transportes — cada vez menos necessários, dado o alargamento da rede escolar — em suma, pela fragilidade da acção social escolar.

Sem querer esgotar o assunto, e sem querer iludir o que há a progredir na matéria, não podem as comissões eleitorais da A.N.P. deixar de chamar a atenção para as grandes soluções já definidas para numerosos aspectos do problema. Aquilo que já se fez, e sobretudo as centenas de milhar de benefiados abrangidos, falam muito mais alto do que a argumentação tendenciosa de quem teima esconder a verdade... mesmo quando dela, directa ou indirectamente, vem também a beneficiar.

Alguns problemas, algumas acusações.

Repetimos, não se pretende um panorama exaustivo daquilo que já está feito, mas apenas referir algumas acusações mais comummente feitas pela Oposição.

Livros escolares.

No ensino primário, apenas são autorizados livros únicos, cujos preços se matêm desde há anos, incluindo o novo livro da terceira classe, que matém o preço do anterior.

Todos os livros aprovados oficialmente para o Ciclo Preparatório mantêm também os mesmos preços desde a sua aprovação.

Todos os livros utilizados por alunos portugueses e estrangeiros, em Cursos Portugueses no estrangeiro são oferecidos aos seus utentes.

Não são autorizados livros ou cadernos de exercícios auxiliares.

Todos os elementos de apoio e enunciados de exercícios ou são apresentados nos manuais aprovados ou são elaborados pelos professores das respectivas disciplinas.

Os chamados cadernos diários são constituídos por folhas soltas de tipo corrente arrumadas em capas de cartolina vulgar, que servem para todos os anos do Ciclo Preparatório.

Os exercícios escritos para avaliação realizam-se nessas mesmas folhas destacadas dos cadernos diários.

Aos alunos que frequentam o novo terceiro ano e o novo quarto ano experimentais, **são gratuitamente fornecidos os textos que servem de informação a todas as disciplinas.**

Os possíveis lucros proporcionados pela aquisição de material escolar nas escolas reverte integralmente para a **Acção Social Escolar** que o investe em auxílios e subsídios de vária ordem, nomeadamente: livros; material diverso; transportes; refeições.

A este propósito se esclarece que no ano lectivo de 1972/73 o Instituto de Acção Social Escolar, com a colaboração das autarquias locais **garantiu transportes a alunos do Ensino Básico em 50 concelhos, número que duplicará na previsão do actual ano lectivo de 1973/74.**

Esta cobertura de transportes atingiu em muitos casos alunos adultos.

Quase 1 milhão e meio de refeições.

No que se refere a refeições, a maior parte das escolas tem cantina, fornecendo almoços a preços reduzidíssimos ou gratuitos a todos os alunos que deles careçam.

Em Lisboa, o I.A.S.E. forneceu no ano lectivo passado **1 481 618 refeições** a 15 000 crianças do Ensino Primário, número este que ascenderá a 25 000 a partir do dia 25 de Outubro do ano corrente.

Alguns exemplos concretos.

No distrito de Castelo Branco 3600 alunos do Ensino Primário são contemplados com outras tantas refeições.

Em Bragança o número de crianças ascende a 2700.

Em Beja aponta-se o número de 2000 refeições diárias.

Em muitos outros locais, e sem preocupações exaustivas ou estatísticas, numa cobertura quase completa do País, as crianças das escolas têm idêntica refeição.

Procura-se neste suplemento alimentar garantir o número de proteínas considerado necessário numa alimentação racional. A cada criança é fornecido 1 copo de leite com chocolate e 1 ovo; 1 «sandwich», com peixe, carne ou queijo; 1 peça de fruta.

Tudo isto é bem conhecido pelas crianças, pelos pais e professores, pela população em geral: só as C.D.E. não sabem... ou fingem não saber.»

Marcello Caetano fala ao País

Amanhã, pelas 22 horas, o Presidente do Conselho fará uma comunicação ao País, através da rádio e televisão. Tudo leva a crer que o Chefe do Governo irá falar sobre o presente momento eleitoral.

ONTEM NO DISTRITO DE SETÚBAL

Vinte mil trabalhadores disseram "não" às urnas

Cerca de vinte mil trabalhadores presentes ontem nas cinco sessões simultâneas do Movimento de Oposição Democrática de Setúbal pronunciaram-se em bloco pelo Não sempre que os seis candidatos do distrito puseram a questão de ir ou não ás urnas.

Às reuniões realizadas a partir das 21 horas na Cova da Piedade, no Barreiro, em Paio Pires, na Baixa da Banheira e em Alhos Vedros compareceram rotativamente os diversos candidatos que mal terminavam, a respectiva intervenção numa das sessões partiam imediatamente para a seguinte. Por força das circunstâncias — só os candidatos podem falar — houve alguns atrasos, tendo no entanto, as pessoas presentes em todas as sessões continuado nas diversas salas até ao limite horário imposto pelas autoridades.

Esses intervalos de tempo foram utilizados na leitura de moções exigindo nomeadamente a libertação dos presos políticos, enquanto pela continuação do Movimento Democrático, denunciando as eleições e cantando.

NA COVA DA PIEDADE

Encontramo-nos aqui na última sessão de uma campanha eleitoral em que não há eleições. Aliás num país como este como poderia haver eleições. — declarou na Cova da Piedade ao abrir a sessão Adílio Costa, de 21 anos, o mais jovem de todos os candidatos.

Cerca de seis mil fizeram transbordar a ampla sala da Sociedade Filarmónica Piedense. Antes dos discursos dos candidatos foi apresentada a constituição da mesa da assembleia: sob o ensurdecedor aplauso da assistência. Foram-lhe oferecidos a todos ramos de cravos acompanhados de vibrantes aplausos do público no decorrer da sessão.

Não serão os candidatos a perder os seus direitos políticos, mas sim o povo português que há 47 anos não tem direitos. Sejam qual forem os resultados das eleições, sabemos que o povo diz não à burla eleitoral. Nós, porém continuaremos a trabalhar para além das eleições salientaria o candidato Alfredo Matos, empregado de escritório.

Após um minuto de silêncio pelas vítimas do fascismo, procedeu-se à leitura de alguns abaixo assinados solicitando, nomeadamente, amnistia para os presos políticos.

Votar na ANP é votar contra a existência da Nação, é reforçar a política e destruidora do Regime — disse por seu turno Aurélio Cruz, de 30, galvanizador, o qual acrescentaria: **Fazem-se decretos como quem ralha com os meninos. Nós é que sabemos se vamos às urnas ou não. O decreto prova bem a necessidade que o regime tem em que apareça uma Oposição mas a Oposição consciente e objectiva na sua política, não admite de forma alguma colaborar com o regime** — declarou a terminar o orador.

Seguiram-se os candidatos Ercília Talhadas e Artur Neves de Almeida. Em todos evidenciava-se um enorme cansaço. Já tinham falado em Paio Pires, Baixa da Banheira, Barreiro e Alhos Vedros. Apenas faltou o dr. Herculano Pires. Aguardou-se a sua chegada até á mei-noite.

NO BARREIRO

A operária Ercília Talhadas abriu a sessão realizada no Barreiro no Cine-Teatro completamente esgotado pelas duas mil pessoas presentes. A sua intervenção visou essencialmente a exploração de que a mulher trabalhadora e a criança portuguesa são vítimas sob o actual Regime. Citou os salários que auferem como os mais baixos da Europa, tendo a dada altura perguntado: **Mulheres, que vos tem dado o Governo do Estado Novo implantado por Salazar? Que vos tem dado o Governo actual em 5 anos de existência? Apenas isto: subida desenfreada de custo de vida, repressão sobre o povo tentando pela força matar todo e qualquer movimento de emancipação.**

Referiu ainda a situação da criança no trabalho **com dez, onze, doze e treze anos. A produzirem a carne, o pão e o leite que eles próprios nem chegam a consumir.** Tendo sublinhado, entre vibrantes aplausos, que **o Governo português sabe bem que o povo está com a Oposição. Ercília Talhadas ouviu depois a assistência dizer não às urnas e terminou** com vivas por um **Portugal Socialista.**

EM PAIO PIRES

O dr. Herculano Pires foi o último orador em Paio Pires, onde chegou faltavam dez minutos para as 24 horas. Resumiu portanto a sua intervenção tendo começado por denunciar todas as ilegalidades e violências cometidas pelas autoridades face ao Movimento Democrático, a falsidade do recenseamento eleitoral, a submissão da Imprensa ao regime de censura prévia e as protecções e facilidades concedidas à ANP.

O entusiasmo com que as sessões da Oposição têm decorrido permitiu ao candidato de Setúbal dizer: **Podemos afirmar por isso, sem propósitos demagógicos, e com a segurança das verdades incontestáveis, que somos a força do Povo. É que o Povo autêntico, o Povo verdadeiro, não são as massas arregimentadas e comandadas pelos explorador do trabalho. O Povo verdadeiro, o Povo autêntico, são as milhares de pessoas que em dias sucessivos e nos mais diversos locais, respondendo ao apelo de motivações conscientes, para gritarem bem alto a sua ânsia de liberdade. Este é que é o povo autêntico e verdadeiro, o Povo que aqui vejo é que vi em toda a parte, apoiando o Movimento Democrático.**

EXPLOSÃO NO PAQUETE «FRANCE»

HAVRE, 25 (R.) — Perdeu a vida um homem e mais dois ficaram feridos em consequência de uma explosão que abalou hoje neste porto o paquete transatlântico francês «France».

Um informador da companhia de navegação francesa a que pertence o luxuoso navio disse que a explosão ocorrera quando o paquete estava a ser submetido a reparações de rotina. Não se soube imediatamente a razão.

As autoridades portuárias revelaram que as vítimas eram pintores que trabalhavam na casa das máquinas.

A companhia comunicou que o «France» partiria amanhã para um cruzeiro, como estava marcado.

Tropas americanas de prevenção

WASHINGTON, 25 — (UPI e ANI) — Pela primeira vez desde a eclosão da quarta guerra do Médio Oriente, tropas norte-americanas aquarteladas nos Estados Unidos e na Europa foram postas de prevenção para uma possível mobilização — revela-se em círculos do Pentágono.

Não se conhece de momento a expressão numérica das tropas envolvidas por esta medida nem a missão que eventualmente lhes será confiada — acrescenta-se nos mesmos círculos.

DL/NACIONAL

ENCONTRO REGIONAL DE LISBOA DOS ANTIGOS ALUNOS S.V.D.

Foi definitivamente marcado para o próximo domingo o Encontro Regional dos Antigos Alunos SVD que tem por objectivo principal discutir o projecto de Estatutos da Associação a criar. Deve transformar-se, também, numa jornada de confraternização dos ex-alunos dos seminários missionários de Tortosendo, Fátima e Guimarães, residentes na região de Lisboa.

A SVD é uma congregação missionária, de origem alemã e que hoje se alarga por todo o mundo, desde o Brasil (onde os seus filiados dirigem colégios, escolas, paróquias e até uma rede de informação própria) ao Extremo Oriente (com universidades no Japão e nas Filipinas e numerosas missões na Indonésia e na Nova Guiné).

O Encontro principia às 15 horas na residência do Provincial em Lisboa (Praça Prof. Santos Andrea, 18-7.º) concluindo-se com um jantar de confraternização após haverem sido discutidos os Estatutos e assentadas as bases da futura Associação de Antigos Alunos SVD.

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE SEGUROS DO DISTRITO DE LISBOA

Largo do Intendente Pina Manique, 35-1.º — Lisboa-1

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL

De harmonia com o preceituado nos Art.os 22.º e 24.º, alínea a), dos Estatutos convoco a reunião da Assembleia Geral Extraordinária para o dia 31 do corrente, às 20.30 horas, na Sede deste Sindicato com a seguinte ordem de trabalhos:

— Pensões Complementares de Reforma.

Não havendo à hora indicada número legal de associados a Assembleia reunirá em 2. convocação, no mesmo dia e local, às 21.00 horas, com qualquer número de sócios de acordo com a segunda parte do § único do Art.º 22.º dos Estatutos.

Lisboa, 24 de Outubro de 1973

O 1.º Secretário da Mesa da Assembleia Geral
a) **Leonardo da Conceição Gonçalves Freitas**

Com Williams vai-se a espuma mas fica a Lanolina!

Com um creme vulgar obtém-se uma espuma abundante...

...mas essa espuma vai-se à primeira passagem...

...Ai! Ai! Ai!
A lâmina não desliza e ficaram pêlos por cortar...

Resultado: pele irritada, cortes e. . a barba mal feita...

Uma camada de espuma de shaving cream Williams e...

...A lâmina desliza sòzinha...

Terminada a primeira passagem, a espuma foi-se, mas ficou a Lanolina...

Resultado: a pele fica macia e a barba escanhoada.

Os cremes de barbear Williams são feitos à base de Lanolina mas o creme Ice Blue também contém GLISSICONE

Ⓟ

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

KIRK DOUGLAS
MONTGOMERY WOOD
FLORINDA BOLKAN

TÃO PODEROSO E IMPLACÁVEL COMO FRENCH CONNECTION!

UM HOMEM DE RESPEITO

MICHELE LUPO (A MAN TO RESPECT)

ESTREIA DE ALTA CLASSE

HOJE NO ROXY

GRUPO D - 18 ANOS COLORIDO

DL/NACIONAL

"Ninguém tem o direito de se abster"

-disse em Évora Cotta Dias

Os candidatos a deputados patrocinados pela ANP, apresentaram-se ontem em Évora no Salão Central Eborense.

Na mesa de honra sentaram-se o presidente da sessão, comendador José Félix Mira e os candidatos a deputados drs. António Murteira, Amílcar Mesquita, eng.º José Mexia e dr. Cotta Dias.

Usou da palavra, em primeiro lugar, o candidato dr. António Murteira que começou por se referir à conjuntura regional e aos meios que Évora teria à sua disposição para vir a ser a capital administrativa e escolar do sul do País. Depois de alguns considerandos sobre a política ultramarina do Governo, passou a abordar as condições sociais, detendo-se especificamente no binómio aceleração da produção repartição dos rendimentos. A terminar falou dos créditos que os candidatos seus companheiros de lista terão, no tocante ao conhecimento dos problemas regionais.

Por seu turno, o segundo orador da noite, candidato dr. Amílcar Mesquita falou à assistência sobre o significado do voto e da abstenção, consistindo esta, em seu entender, em «fazer o jogo dos inimigos de Portugal». Referindo-se à saúde pública, afirmou, nomeadamente: «radicaram-se as principais doenças transmissíveis e a taxa de mortalidade infantil decresceu». Elogiou em seguida a acção a desenvolver pelos Centros de Saúde.

Passando a usar da palavra, o candidato eng. José Nunes Mexia considerou que a actividade eleitoral dos oposicionistas na presente campanha não se situou no campo próprio dos problemas internos. Que se transferiu para o campo da subversão a todos os valores da Nação.

Encerrou a sessão o candidato dr. Manuel Cotta Dias. No início do seu discurso, o ministro da Economia e das Finanças afirmou que lhe parecia desnecessário «enunciar linhas de programa um candidato a deputado que serve, no Governo, o programa que, olhos postos nos superiores interesses da Pátria, Marcello Caetano definiu inequivocamente há cinco anos».

O candidato passou depois a extensa análise ao movimento de oposição, «tentando encontrar a explicação autêntica da escassa quantidade e da tónica radicalista das hostes oposicionistas presentes nas eleições». Afirmou que «as diversas oposições que existiam e que tentam continuar apesar de tudo, se viram gradualmente expropriadas dos conhecimentos que foram sempre seu cavalo de batalha», passando depois a enunciar «realizações de Marcello Caetano», designadamente nos planos económico, social e educativo.

Referindo-se ao movimento oposicionista em Évora, disse:

«Na nossa velha Evora também não foi diferente. Das mesmas causas, os mesmos efeitos, e aí temos os movimentos e os candidatos, sem qualquer valia política própria, a agitarem os refrãos e os slogans que o filtro comunista ditou à CDE e a publicarem manifestos que são, por cópia, os que o Partido espalhou por todo o País. É, como sempre, o fim da guerra colonial, são os monopólios e a reforma agrária, é o grande e inesgotável tema das liberdades cívicas».

O candidato passou a analisar cada um destes pontos, fazendo a este propósito o elogio da política ultramarina seguida pelo Governo (invocando da «rectaguarda um apoio sólido»), referindo o alcance da lei da defesa da concorrência, e da doutrina do Estado Social, afirmando relativamente ao ponto das liberdades cívicas: «Também aqui... me pergunto se valerá a pena gritar mais vezes as nossas razões e orelas moucas por obstinado sectarismo». O candidato defendeu a conciliação dos direitos individuais com as conveniências colectivas e a terminar a sua intervenção declarou que «ninguém tem o direito de se abster faltando a Marcello Caetano com o mínimo que se lhe pode dar quando tanto dá ao País».

"A atitude da oposição é uma afronta ao povo"

-DISSE ELMANO ALVES

A Comissão do Distrito de Setúbal da ANP promoveu ontem uma sessão pública de apresentação dos candidatos a deoutados pelo círculo.

Presidiu o dr. Manuel Seabra carqueijeiro, presidente da Comissão Consultiva Distrital da ANP que fez a apresentação dos candidatos dr. Elmano Alves, dr. Joge Botelho Moniz, D. Maria Ângela da Gama, dr. Caldeira Pais e dr. Cruz e Silva, que seguidamente usariam da palavra. Entre a assistência encontrava-se o secretário de Estado dr. Silva Pinto.

Iniciou a série de discursos a candidata D. Maria Angela que se referiu ao papel da mulher na sociedade portuguesa, afirmando acreditar na sociedade do Estado Social Corporativo para dar uma resposta adequada às exigências da mulher trabalhadora.

O dr. Cruz e Silva referiu-se ao dever de votar e pediu a todos que votem no bom sentido, para anunciar depois a decisão dos candidatos da ANP de advogarem com liberdade e independência os interesses colectivos.

A exemplo dos oradores antecedentes, o candidato dr. Caldeira Pais fez o elogio da política corporativa depois de criticada a actuação da Oposição Democrática.

O dr. Jorge Botelho Moniz referiu-se ao desenvolvimento de Setúbal que, evocando embora os problemas existentes, considerou ser a imagem do que se passa com o país.

Encerrou a sessão o candidato e presidente da Comissão Executiva da ANP dr. Elmano Alves. Disse que a ANP apoia as grandes tarefas nacionais.

Referindo-se à política ultramarina do governo considerou que a última revisão Constitucional tinha favorecido a construção das sociedades multirracionais traduzida na ampla participação dos naturais nos orgãos de Governo próprio e da representação nacional».

Mais adiante classificou o estilo de diálogo adoptado pela ANP para estas eleições, afirmando que ele não se confina á «mera defesa de uma obra do governo», mas se projecta «no rasgar de novas vias».

O Dr. Elmano Alves abordou, seguidamente, aspectos relacionados com o movimento oposicionista, afirmando a dada altura:

«O objectivo final, segundo afirmam, «é a conquista do socialismo» meta havida como «indispensável para a construção de uma sociedade justa e digna».

A esta finalidade última, subordina a Oposição os objectivos imediatos que vão desde o fim da «guerra colonial» e abertura de negociação para a transferência da soberania portuguesa os movimentos terroristas, até à conquista das «liberdades democráticas» de reunião, associação e especialmente o direito à greve».

O candidato, mais adiante afirmou que a atitude da Oposição «constitui uma afronta ao povo português».

Com a definição, em 13 pontos, das linhas de rumo da ANP, terminou o dr. Almano Alves o seu discurso.

SESSÃO NA C.D.E. DE CAMPO DE OURIQUE

A C.D.E. de Campo de Ourique promove, esta noite, na sua sede, Rua Silva Carvalho, 255, 1.º, uma sessão de esclarecimento sobre a posição do Movimento ante o momento eleitoral. Estarão presentes dois candidatos.

VIAGENS
EXCURSÕES
CRUZEIROS
paneuropa
Braamcamp, 11/Telef. 563401/Lisboa
obtenção urgente de passaportes

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preço. Compramos. Pagamos muito bem
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CAZAL-RIBEIRO EM MAFRA

"Rampa de lançamento para novas metas"

. No cinema S. Jorge, de Mafra, realizou-se a sessão de apresentação dos candidatos da ANP por Lisboa. Presidiu à sessão José Sabino Louro e estiveram presentes os candidatos a deputados eng. Alberto Alarcão, Filipe de Goes, dr. Homem Themudo e Francisco Cazal-Ribeiro.

O primeiro orador, eng. Alarcão e Silva, falou sobre a agricultura e a mecanização agrária.

Usou depois da palavra Filipe de Goes fazendo algumas exposições sobre a política económica a nível nacional.

Por último discursou Francisco Cazal-Ribeiro que se referiu detalhadamente à actuação da Oposição Democrática na presente campanha, afirmando nomeadamente:

. A Oposição minimizando a inteligência, a intuição e a ânsia de liberdade liberdade de dispor de si próprio do povo português, condenou-se irremediavelmente. E senão, não será preciso viver muitos dias para se constatar o seu malogro, isto se for às urnas, o que no momento em que escrevo estas linhas ainda se não sabe se sucede: é natural porque, segundo se afirma em estridente gritaria só ela (Oposição) o «poderá decidir». E já houve mesmo quem aludisse que as urnas ... eram para os mortos! Eles lá saberão quem foi escolhido para a farsa que a Oposição representa, porque foi escolhido, e o sentido que eufemisticamente se pretende dar à frase! Haveria, de facto, urnas (sinónimo de eleições) se governassem estes **libertadores** da Pátria portuguesa? Iguais, talvez, às que se passam no leste europeu ...»

A terminar, Cazal-Ribeiro pôs em relevo que no momento presente «só uma grande unidade, compreensão, amor à Pátria e reconhecimento de mais de oito séculos de existência, pode levar-nos a atingir a meta que se procura e que será, ou deverá ser, uma verdadeira rampa de lançamento para novas metas, visto que a vida não pára, a sua evolução é constante e a rapidez com que tudo se processa é cada vez maior, por vezes alucinante».

Candidatos da ANP falaram em Tavira

No Cine-Teatro António Pinheiro, em Tavira, efectuou-se ontem à noite uma sessão de apresentação dos candidatos a deputados pelo círculo de Faro, patrocinados pela ANP.

Depois das palavras de abertura proferidas pelo presidente da Comissão Concelhia da ANP, professor José Joaquim Gonçalves, presidente da mesa, falou em primeiro lugar o candidato eng.º Leal de Oliveira. Começou por afirmar que a sua posição presente se orienta pela mesma linha de rumo que traçou quando, em 1969, fez a sua apresentação como candidato a deputados nas eleições então realizadas. Declarando-se igual a si mesmo, proclamou prosseguir perfilhando o ideário da ANP. Mais adiante referiu-se a necessidade de coesão e de evitar a infiltração dos inimigos da Pátria na Assembleia Nacional.

O dr. Gabriel de Medeiros Galvão, segundo orador da noite, afirmou que o Estado Social criado por Marcello Caetano tem a feição desejada. Referindo-se ao caso específico da carência de médicos, fora dos centros urbanos, sugeriu que para resolver esse problema deveria incluir-se no curriculum das corridas médicas, uma permanência obrigatória em serviços de periferia, depois de naturalmente terem concluído os estágios respectivos em centros considerados idóneos que os tornem aptos a exercer uma medicina de qualidade. Proceder-se-ia com a classe médica, incluídas nas carreiras oficiais, tal como na magistratura, finanças, etc.»

A candidata dra. Maria de Lourdes Oliveira afirmou, durante a sua intervenção: «Em todas as localidades da província algarvia a resposta à pergunta feita ao eleitorado foi uma só: continuar firme na desefa e na continuidade de um Portugal progressivo».

Essa a certeza que ficou à candidata da forma como as gentes algarvias corresponderam aos esclarecimentos dados durante uma viagem pelo círculo.

Ainda na sessão de Tavira, e falando de improviso, o almirante Henrique Tenreiro depois de aludir às necessidades prementes de Tavira, entre as quais a construção de barragens e os inúmeros problemas suscitados pela actividade agrícola que urge activar e desenvolver apelou para a união de todos os tavirenses.

Central School of Languages
International House
excelência no ensino de línguas

A ESCOLA SUPERIOR DE MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
INICIA O 3.º ANO DOS SEUS CURSOS SUPERIORES DE JORNALISMO E DE PUBLICIDADE E RELAÇÕES PÚBLICAS
Frequência de três anos. Horário pós-laboral. Inscrição com o 7.º ano dos liceus (qualquer alínea) ou equivalente. Os alunos beneficiam de todas as regalias inerentes à classificação oficial de ensino superior particular. Possibilidade única de ingresso em bases científicas numa profissão de futuro.
Inscrições e informações:
Rua das Praças, 47 — Rua do Sacramento à Lapa, 16
Telefones 67 63 95 — 67 37 66

DL NACIONAL

O "NÃO" CADENCIADO ECOOU NO TEATRO AVEIRENSE

Mais de duas mil pessoas estiveram presentes no Teatro Aveirense, onde ontem à noite decorreu a última sessão da Oposição do distrito, podendo-se afirmar que metade dos presentes eram jovens. Vinte e sete enormes cartazes estavam dispersos pela vasta sala.

Presidiu à sessão — que viria a terminar à uma e trinta — o jornalista João Sarabando, o qual, após o habitual minuto de silêncio pelos mártires do Chile, começou por afirmar: **Estamos aqui para prestar homenagem a estes candidatos heróicos, representantes dos humilhados, dos ofendidos, enfim, da maioria do povo português.** Lembrou vários vultos da história de Aveiro, tendo dito a propósito de Mário Sacramento: **Para quando o nome de uma rua da cidade para este grande expoente das letras e do pensamento português?**. Em seguida recordou que a legenda da ANP é Deus, Pátria e Família e comentou: **Mas Deus não está em causa. O que está em causa é a Pátria e a Família, num país onde muitíssima coisa está errada e onde não se hesita em chamar branco ao que é preto, e onde com uma facilidade espantosa se apoda de traidores os que lutam contra a extraordinária invasão do capital estrangeiro.** Dirigindo-se a juventude disse: **Eu e muitos outros lutadores estamos a chegar ao fim das nossas vidas. Mas vocês já acordaram e já lutam pelo vosso futuro, que é inexoravelemente vosso. Portugal será vosso.**

Amaral Reis Pedreiras abordou a agricultura, problemas da taxa do vinho, a censura. E referiu-se também à **coragem**. Como algumas passagens do seu discurso tivessem levado a assistência ao rubro, manifestando-se ruidosamente com cânticos e gritos, o representante da autoridade chamou a atenção da mesa. A atitude do comissário da PSP, entretanto, viria a mudar, após uma intervenção do dr. Flávio Sardo.

Para o dr. Neto Brandão, outro orador, as eleições livres acabaram em Portugal há 47 anos, e disso tinha consciência a Oposição quando se apresentou na campanha: **Mas nunca com tantas restrições, e Pensou o Governo que com essas medidas e o decreto sobre as abstenções nos afastaria da luta. Os cálculos sairam-lhe errados, pois quem fizer o balanço das nossas sessões verificará que o Povo está com a Oposição.**

E continuou: **Neste distrito a ANP realizou apenas duas sessões eleitorais. E mais sessões para quê? Depois desta campanha fica-nos a vontade de persistir na luta, até que a existência legal da Oposição seja reconhecida.**

Um resumo da campanha recordando a participação de jovens e mulheres nas sessões da Oposição, a quem teceu um elogio por os considerar uma das grandes vítimas do Governo, foram assuntos tratados pelo dr. Oliveira e Silva.

Foi entretanto enviado para a mesa um texto dos democratas de Espinho.

Com a palavra fácil, o seu entusiasmo e juventude, Mário Rodrigues, que foi apoteoticamente recebido por toda a assistência, pôs esta várias vezes de pé, aplaudindo-o.

E disse: **Os jovens já não são o mesmo rebanho que saía da quarta classe e dizia: dever cumprido. Os jovens querem saber das razões da sociedade que os rodeia. Já não alinhamos no «come e cala», no «manda e obedece», no «vai ao padre e confessa-te». Nós queremos discutir os problemas escolares.**

Rufino Cunha apontou alguns actos repressivos ocorridos recentemente em Espinho e chamou veementemente a atenção para diversos problemas e carências nacionais. Quanto ao dr. Manuel Andrade, que se seguiu no uso da palavra, e dado o exíguo tempo de que dispunha, limitou-se a ler algumas passagens do seu discurso.

E a terminar: **Não sei o que nos vai acontecer depois desta farsa.**

As palavras do ministro do Interior não são nada animadoras.

No meio do maior silêncio, o presidente da mesa leu uma moção para que a Assembleia se pronunciasse, a qual se referia à repressão havida durante a campanha, à falta de condições dignas e à falsificação dos cadernos eleitorais. Haveria que decidir pelo **sim** ou **não** às urnas. De forma unânime e cadenciada, o **NÃO** eclodiu por toda a sala.

O último orador foi o dr. Seiça Neves. Recordou que, tal como em 1969, a ANP não respondera ao convite da Oposição para travar um diálogo público, o que era prova manifesta do seu medo. Terminou dizendo:

Isto apenas um passo para a nossa libertação. Só lutando reconquistaremos Portugal. Não nos esqueçamos desta noite, para que isto não acabe aqui.

E, meus senhores, se nos não lutarmos podemos perder a independência de Portugal.

De pé, e com toda a gente a entoar o Hino Nacional, terminava a campanha eleitoral da Oposição do distrito, após catorze sessões que a reportagem do «DL» pôde testemunhar, pois a todas assistiu. E saliente-se o civismo com que tudo sempre decorreu.

Terrenos em Luanda para o grupo champalimand?

LOBITO, (ANGOLA), 25 (ANI) — Segundo o jornal "O Lobito", o financeiro António Champalimaud teria adquirido uma importante parcela de terreno na "baixa" de Luanda, destinado à construção de um imóvel com 32 andares.

O prédio, cuja construção implicaria um investimento de meio milhão de contos, destinar-se-ia à concentração de todas as empresas do grupo Champalimaud, que operam em Angola.

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE SEGUROS DO DISTRITO DE LISBOA

Largo do Intendente Pina Manique, 35-1.º — Lisboa-1

REUNIÃO MAGNA

C. C. T.

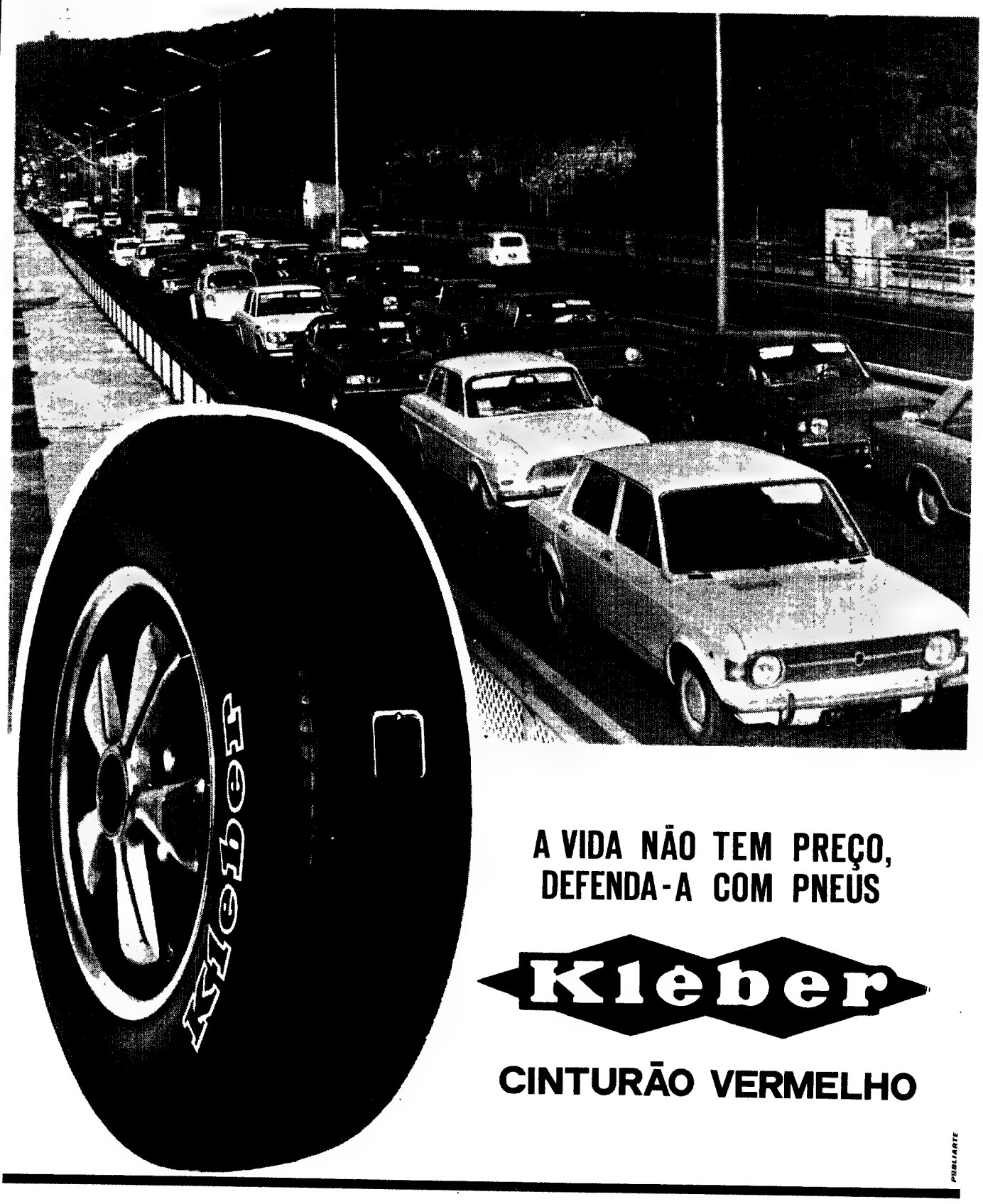
RETRIBUIÇÃO MÍNIMA DO TRABALHO

Informamos por este meio todos os Colegas que se efectua uma Reunião Magna no próximo dia 27 (Sábado), na Sede do Sindicato pelas 15.00 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

— Apresentação e discussão da Contraproposta do Grémio.

Lisboa, 24 de Outubro de 1973

A DIRECÇÃO



CHEFE DE REDACÇÃO, AGENTE DUPLO

BONN, 25 (EP) Horst Grabert, secretário de Estado na Chancelaria de Bonn, confirmou ontem a noite que Heinz Van Nouhuys, chefe da redacção do semanário «Quick», de Munique, trabalhou «até aos anos 60» para os Serviços Secretos da RFA (BND).

Este esclarecimento, transmitido pela Segunda cadeia da televisão alemã ocidental, segue-se a acusações feitas no mesmo dia a Van Nouhuys pela «Stern». Segundo esta revista, o chefe da redação da «Quick» teria trabalhado, desde 1953, na qualidade de agente duplo, para o Serviço Secreto da RFA e para a Segurança do Estado (MFS) da RDA, ainda segundo a «Stern», Van Nouhuys teria recebido, no período de seis anos, perto de 200 000 marcos de honorários de Berlim Leste.

Van Nouhuys tinha desmentido ontem as acusações da Stern e anunciado a sua intenção de utilizar «todo o arsenal jurídico para demonstrar a sua inocência».

Paz podre no Médio Oriente

TELAVIVE, 25 (R.) Havia hoje uma paz podre nas linhas do cessar-fogo do Médio Oriente quando os primeiros observadores das tréguas das Nações Unidas começavam a ocupar posições entre tropas israelitas e egípcias.

Rádio Israel anunciou que os observadores do cessar-fogo da ONU estabeleceram o seu primeiro posto entre forças hebraicas e egípcias a cerca de 35 quilómetros a oeste do Canal de Suez.

A despeito da suspensão das hostilidades, forças judaicas continuavam de prevenção, após se registarem casos esporádicos de luta nas 48 horas que se seguiram ao primeiro apelo de cessar-fogo da ONU.

Os combates travaram-se principalmente na extremidade sul do Canal de Suez, onde os israelitas e egípcios se enfrentam em posições exactamente inversas às que ocupavam antes da guerra principiar em 6 de Outubro. Na verdade, enquanto os israelitas passaram para a margem ocidental, os egípcios estão agora na oriental.

Cerca de 20 000 soldados egípcios conservam uma faixa de terra ao longo da costa do Sinai, onde desembarcaram ao rebentar a guerra.

Segundo os judeus, os combates de ontem começaram quando a força egípcia tentou romper o cerco israelita. Os comunicados hebraicos dizem que 15 aviões egípcios foram abatidos.

O ministro da Defesa, Moshe Dayan, descrevendo a situação, declarou que os egípcios na área depararam em breve com sérios problemas de abastecimento e de logística e que o caso apenas poderia provavelmente ser solucionado por meios políticos.

Essa era a opinião de observadores de Telavive que indicaram que um regresso dessas forças egípcias às suas linhas principais teria de ser concordado por meio de negociações.

Se se chegasse a acordo e os israelitas permitissem que os 20 000 homens e 200 tanques na bolsa se reunissem à principal força egípcia, a situação seria semelhante à da evacuação da bolsa de Faluja, no deserto do Negev, durante a guerra árabe-judaica de 1948.

O oficial dos Serviços Secretos da força egípcia encurralada em Faluja era Gamal Abdel Nasser, então major, que se tornou mais tarde presidente do Egípcio.

Informadores do Exército disseram em Telavive que as secções do Canal, dominada pelos egípcios, e a frente síria se acham hoje sossegadas.

Em Israel, o primeiro efeito do acordo de cessar-fogo foi a decisão de acabar com a ocultação de luzes que começou na primeira noite da guerra.

Embora cafés e restaurantes abrissem na popular Rua Dizengoff, em Telavive, e em toda a cidade, notava-se pouca alegria em consequência da ausência de tantos homens.

Em geral, os israelitas pareciam aliviados por a guerra ter acabado, mas muitos deles manifestavam reservas por causa das forças hebraicas terem de parar antes de conseguirem, segundo se aguardava no país, uma vitória esmagadora sobre os Exércitos egípcio e sírio.

Muitas judeus parecem depositar pouca fé nas intenções árabes quanto à paz e pensam que uma vitória esmagadora no campo de batalha teria conseguido uma maior pausa antes do que muitos acreditam sombriamente será inevitavelmente o «próximo assalto».

Na frente política, o Knesset (Parlamento) planeava reunir-se hoje novamente em sessão especial durante a qual, segundo se esperava, adiaria até Dezembro as eleições gerais no país.

Bloqueio

LONDRES, 25 (UPI-ANI) O golfo de Aden tem estado bloqueado por navios de guerra e os barcos de carga são desviados do porto israelita de Eilat anunciou um informador do ministério britânico dos Negocios Estrangeiros, salientando que este bloqueio começou há dois ou três dias, mas que as informações sobre quais os países a que pertencem os vasos de guerra não eram claras

Para os que julgavam que férias nos Estados Unidos eram demasiado caras a Pan Am organizou viagens de uma semana desde 8 320$00*

Lisboa-Nova Iorque-Lisboa num grande jacto Pan Am

incluído! Quarto duplo com casa de banho privativa num bom hotel de Nova Iorque, durante sete noites.

incluído! Transporte Aeroporto - Hotel - - Aeroporto, em Nova Iorque.

incluído! Passeio de 2 horas e meia a Lower Manhattan, compreendendo Greenwich Village, The Bowery, Wall Street e Chinatown.

incluído! Visita guiada à ONU.

incluído! Visita guiada ao Centro Rockefeller.

incluído! Visita de 3 horas ao Radio City Music Hall para ver cinema e variedades com as famosas bailarinas Rockettes.

incluído! Visita aos bastidores do Radio City, o maior teatro coberto do mundo.

incluído! Visita ao Edifício e Observatório da RCA.

incluído! Visita ao Empire State Building, com sua vista maravilhosa sobre Nova Iorque.

incluído! 2 bilhetes, pelo preço de 1, para um teatro da Broadway.

incluído! Um "Guia" – num pequeno livro tem tudo o que quiser saber sobre Nova Iorque.

incluído! Passeio de barco à Estátua da Liberdade. Panorâmica da famosa silhueta dos arranha-céus de Manhattan.

* Preços de Inverno para 7/8 dias em grupos de um mínimo de 10 passageiros. Os organizadores das viagens ou o seu Agente de Viagens formarão o grupo. Contacte-nos enquanto lhe oferecemos estas facilidades – de 1 de Novembro a 15 de Dezembro de 1973 e de 5 de Janeiro a 31 de Março de 1974. Partidas todos os sábados. Tarifas após 1 de Janeiro sujeitas a aprovação governamental.

Folheto Grátis!

Para mais informações sobre as viagens Pan Am de Uma Semana em Nova Iorque, na Califórnia, na Flórida ou em outros lugares dos Estados Unidos, consulte o seu Agente de Viagens ou peça-nos já este folheto a cores, grátis.

(VII)

Nome _____

Morada _____

_____

O meu Agente de Viagens é _____

Envie o cupão para Pan Am, Praça dos Restauradores, 46 Lisboa-2

PAN AM

A linha aérea de maior experiência no mundo

A URSS pede sanções contra Israel

NAÇÕES UNIDAS (NOVA YORK), 25 - (FP) Cada um a seu modo e segundo as necessidades da sua causa, a União Soviética e os Estados Unidos rejeitaram, ontem à noite, no Conselho de Segurança, o pedido do presidente Sadat no sentido de serem enviadas para os locais de conflito entre forças egípcias e israelitas tropas soviéticas e americanas encarregadas de velar pelo cumprimento do cessar-fogo.

A União Soviética, por seu lado, escolheu um método que consiste em acusar Israel, mais uma vez, em termos singularmente violentos, de ter violado deliberadamente as ordens de cessar-fogo, em função dos objectivos belicosos e mesmo sanguinários «dos aventureiros criminosos de Tel-Aviv».

O representante da União Soviética, Yacov Malik, afirmou, por outro lado, que perante a atitude de Israel, o conselho não deve perder tempo a pedir que sejam respeitadas as suas resoluções. Deve aplicar as sanções previstas no capítulo sétimo da carta das Nações Unidas contra os fautores de guerra.

Ao mesm tempo, representante soviético multiplicava os apelos aos Estados Unidos para que exerçam a sua considerável influência sobre Tel-Aviv e obriguem a «troika Meir-Dayan-Eban» a respeitar as Nações Unidas.

Malik não disse, porém, uma palavra sobre um eventual envio de soldados soviéticos para a frente israel-egípcia. Limitou-se a dizer que as recriminações egípcias são justificadas.

PEDIDO DOS NÃO-ALINHADOS

Uma força de paz da ONU para o Médio Oriente

NAÇÕES UNIDAS, 25 (Nova Iorque) - Oito países não-alinhados membros do Conselho de Segurança pediram hoje, formalmente a criação imediata de uma força de paz da ONU para o Médio Oriente.

A moção apresentada pelos oito países convida ainda os beligerantes a respeitarem inteiramente o cessar-fogo e a recuarem as suas tropas para as posições que ocupavam às 17 e 50 TMG de segunda-feira, quando devia ter entrado em vigor pela primeira vez o cessar-fogo.

A moção foi apresentada pela Guiné, India, Indonésia, Quénia, Panamá, Peru, Sudão e Iugoslávia e pede ao secretário-geral da ONU que, para já, aumente o número de observadores do cessar-fogo estacionados de ambos os lados e comunique ao conselho de segurança os resultados obtidos dentro de 24 horas.

A moção pede ainda a todos os países membros que dêem a máxima cooperação para o cumprimento rigoroso das duas moções de cessar-fogo anteriormente aprovadas na segunda e na terça-feira.

Depois da apresentação da moção o Conselho de Segurança interrompe os seus trabalhos às 4 e 35 TMG, para dar tempo aos delegados de efectuarem consultas particulares entre si, e voltará a reunir-se hoje às 14 e 30 TMG, possivelmente para votação da proposta, com ou sem alterações sugeridas por outros membros.

O embaixador israelita Yosef Tekoah não rejeitou a proposta imediatamente, mas fontes israelitas dizem que eventualmente o fará, de acordo com a orientação ontem traçada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Abba Eban, que em Telavive anunciou ontem a oposição de Israel a um policiamento internacional no Médio Oriente.

Usando o direito de resposta, o ministro egípcio El Zayyat pediu a palavra para confirmar as acusações e disse: «Com toda a autoridade do meu Governo, informo que às primeiras horas de hoje a luta continuava no Egipto. Mísseis, bombas orientadas por Laser e Napalm estão a ser neste momento utilizados contra as nossas forças e contra os nossos cidadãos na cidade de Suez».

O embaixador do Quénia, que apresentou a moção em nome dos oito não-alinhados, declarou também que, ao contrário do que afirmava o delegado israelita, o Conselho de Segurança tinha «provas claras do completo malogro do cessar-fogo». O orador não insistiu por uma votação imediata da moção, mas disse que os países que a patrocinam pensam que ela deve ser votada hoje, logo que o conselho retome os seus trabalhos.

Uma força de paz da ONU foi criada e enviada para o Médio Oriente após o ataque anglo-franco-israelita desencadeado em 1956 contra o Egipto, por causa da nacionalização do Canal de Suez anunciada por Nasser. Essa força de fiscalização permaneceu ali até que o próprio Nasser ordenou a sua retirada em 1967, pouco antes de rebentar a Guerra dos Seis Dias.

Os diplomatas soviéticos abandonam o Camboja

PHNOM PENH, 25 (R) Dez diplomatas soviéticos partiram hoje de Phnom Penh inesperadamente, deixando praticamente encerrada a Embaixada que a U.R.S.S. temmantido até agora nesta capital.

Os diplomatas e os seus familiares partiram de avião para Singapura sem darem qualquer explicação, permanecendo apenas três funcionários administrativos sem quaisquer poderes.

Observadores políticos pensam que a partida dos diplomatas soviéticos está relacionada com a decisão tomada pela Assembleia Geral da ONU de debater a eventual substituição da delegação cambojana na ONU por outra representando o Governo no exílio do príncipe Sihanouk.

A União Soviética nunca chegou a cortar relações com Phnom Penh desde que foi deposto o príncipe Sihanouk, actualmente em Pequim, nem reconheceu ainda o seu Governo no exílio. A Embaixada soviética em Phnom Penh tem continuado a funcionar desde a subida ao poder de Lon Nol em 1970, mas não tem havido aqui embaixador desde essa data.

REFORÇOS PARA O VIETCONG?

WASHINGTON, 25 (FP) Os norte-vietnamitas teriam feito passar 70 000 homens, 400 tanques e 200 peças de artilharia para o Vietcong do Sul desde o cessar-fogo proclamado há nove meses escreve hoje o «New York Times», citando os serviços secretos do Pentágono.

Além desses reforços acrescenta o jornal os especialistas militares americanos assinalam que o Governo de HAnói transferiu ainda para o Sul 15 regimentos de DCF, terminou praticamente uma nova estrada que leva à província de Tay Ninh, ao norte de Saigão, e restaurou doze aeródromos ao longo da fronteira ocidental do Vietname do Sul.

Ainda segundo a mesma fonte, os norte-vietnamitas disporiam actualmente de 270 000 «regulares» no Sul, sem contar com os 70 a 70 000 soldados «vietcong».

Prolongada a viagem da terceira tripulação

HOUSTON, 25 (F.P.) O dr. James Fletcher, administrador da NASA autorizou a tripulação do Sylab-3 a passar 85 dias no espaço em vez dos 56 previstos até agora.

Soube-se entretanto, em Cabo Kennedy que a partida do ultimo voo humano no espaço antes de Julho de 1975, prevista para 10 de Novembro, poderá ser adiado 15 dias a um mês.

O general Dayan recusa demitir-se

TEL-AVIV, 25 (R) O general Dayan, ministro da Defesa israelita, repudiou hoje o pedido feito por um membro do Governo para que se demitisse, por não ter antecipado devidamente a ofensiva desencadeada pelos árabes, que nos primeiros dias apanhou o Exército israelita desprevenido.

O pedido de demissão de Dayan foi feito pelo ministro da Justiça, Jacob Shapiro, que manifestou a sua posição ao primeiro ministro Golda Meir e a outros membros do Gabinete.

Num comunicado aqui distribuído hoje, o general Dayan salienta que não se considera obrigado a responder às opiniões pessoais de qualquer membro do Gabinete, emitidas a título individual, e acrescenta que já teria apresentado a demissão se não continuasse a gozer da inteira confiança do primeiro ministro.

O pedido apresentado por Shapiro para a demissão de Dayan resulta da controvérsia que se trava em Israel sobre o facto das Forças israelitas terem sido aparentemente colhidas de surpresa quando os egípcios atravessaram o Canal de Suez no dia 6, aproveitando o feriado religioso judáico.

Os árabes conseguiram avançar inicialmente tanto na frente do Suez como na frente síria e as tropas israelitas bateram em retirada, cedendo terreno perante o ímpeto da ofensiva, antes de conseguirem reorganizar o contra-ataque.

Shapiro acusou o ministro da Defesa de negligência nos preparativos de defesa contra um ataque árabe de surpresa, mas aparentemente as suas críticas não foram apoiadas por Golda Meir.

Segundo algumas notícias publicadas na Imprensa, o ministro da Justiça teria dito que ou Dayan se demitia ou saía ele próprio do Governo, mas a rádio israelita desmentiu mais tarde que Shapiro tenha apresentado a demissão.

Abegão
VINHO DE MESA

1 SEMANA em LONDRES

SÓ abreu

LHE OFERECE ESTAS VANTAGENS:

1) PARTIDAS AOS DOMINGOS (TODOS OS DOMINGOS ATÉ OUTUBRO)
2) MODERNOS JACTOS «TRIDENT»
3) CHEGADAS E PARTIDAS AO AEROPORTO CENTRAL DE LONDRES (HEATHROW)
4) MELHORES PREÇOS
5) A TRADICIONAL QUALIDADE abreu

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

FUNDADA EM 1840

LISBOA — Av. Liberdade, 160 Telef. 320021 (15 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207 Telef. 37921 (15 linhas)
COIMBRA — Rua da Sota, 2 Telef. 27001/27002

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Direcção-Geral dos Assuntos Culturais

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

AQUISIÇÃO DE EQUIPAMENTO DA SALA DE LEITURA DE MICROFILMES

Está aberto concurso pelo prazo de 8 dias, a contar de 24 do corrente, para aquisição do seguinte material:

1 — Aparelho de leitura de microfilmes, tipo profissional, permitindo grande ampliação e leitura de microfilmes perfurados e não perfurados de 36 m m;

2 — Aparelho de leitura de microfilmes para 36 m/m, de reprodução por moeda;

3 — Aparelho de leitura de micro de 16 m/m;

4 — Aparelho para leitura de *bandas* de 36 m/m;

5 — Aparelho de leitura de microfichas, tipo profissional, com ou sem reprodução;

6 — Aparelho de leitura de ultra violetas (para documentação apagada);

7 — Aparelho pequeno de projecção de slides.

Todo este material deve ser simples e bastante sólido, por se destinar a uso de leitores não práticos.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Direcção-Geral dos Assuntos Culturais

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Aquisição de classificadores

Está aberto concurso, pelo prazo de 8 dias, a contar de 24 do corrente, de classificadores para:

1 Rolos de microfilmes de 36 m m;
2 Bandas de 36 m/m;
3 Rolos de 16 m m;
4 Microfichas;
5 Slides.

O preço deverá ser indicado por unidade.

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

A Repartição do Pessoal da Direcção Geral dos Serviços Centrais torna público que no quadro do pessoal menor está aberta uma vaga de Contínuo de 2.ª classe e que brevemente se abrirá outra, cujo provimento será feito, a título provisório, nos termos do Artigo 101.º do Decreto n.º 47 478, de 31 de Dezembro de 1966.

Os candidatos devem provar possuir o exame da 4.ª classe da instrução primária e os respectivos requerimentos de admissão devem ser entregues naquela Repartição, até 10 de Novembro próximo.

O COOPERATIVISMO EM MARCHA!

EM TORRES VEDRAS ABRIU + UM DOMUS

SUPERMERCADO COOPERATIVO

NA AVENIDA PRESIDENTE SALAZAR, LOTES 2 E 3

COM UMA POPULAÇÃO ASSOCIADA DE MAIS DE 1000 FAMÍLIAS!

UNICOOPE

SECÇÕES DE:

- CARNES VERDES
- PEIXE FRESCO E CONGELADO
- FRUTAS E LEGUMES
- ★ GARRAFEIRA
- ★ PRODUTOS ENERGÉTICOS
- ★ MERCEARIA
- ★ PRODUTOS DE HIGIENE E LIMPEZA
- ★ COSMÉTICOS
- ★ PAPELARIA E LIVRARIA
- ★ PLÁSTICOS
- ★ UTILIDADES
- ★ PRONTO-A-VESTIR
- ★ CONFEITARIA — PASTELARIA
- ★ ARTIGOS FOTOGRÁFICOS
- ★ DISCOTECA

ABERTO TODOS OS DIAS DAS 8 ÀS 20 HORAS

(DURANTE OS MESES DE JUNHO A SETEMBRO, AOS SÁBADOS, ENCERRA ÀS 13 HORAS — ENCERRADO AOS DOMINGOS E FERIADOS)

OFERTAS ESPECIAIS — VISITE-NOS

OS SUPERMERCADOS **DOMUS**, VENDEM PRODUTOS DE QUALIDADE FORNECIDOS PRINCIPALMENTE PELAS SEGUINTES FIRMAS:

UCAL — União das Cooperativas Abastecedoras de Leite de Lisboa — Avenida António Augusto de Aguiar, 130 — LISBOA * SICAL — Sociedade Importadora de Cafés, Lda — Praça D. Filipa de Lencastre, 1 — PORTO * REGINA — Fábrica de Chocolates — Rua Sá de Miranda, 2 — LISBOA * SIDUL — Refinaria do Ultramar — Avenida da Índia, 10 — LISBOA * SILENO — Sociedade Distribuidora de Bebidas, Lda. — Largo do Corpo Santo, 6-1.º — LISBOA * ERU — Fábrica de Queijo Eru — Portuguesa Lda. — Abóboda — CARCAVELOS * CAVES DO CASAL NHO, LDA. — Rua Duque de Saldanha, 192 — PORTO * JALBER, LDA. (Produtos de Beleza) — Rua Gomes Freire, 98 — LISBOA * FERREIRINHA (Vinhos do Porto) — PORTO * NESTLÉ — Produtos Alimentares, S. A. R. L. — Avenida de Berlim, 10 — LISBOA * SOCINCA (Produtos Búfalo) — Apartado 2 — CARNAXIDE * TORRAFA — Torrefação de Cafés de Portugal, S. A. R. L. — Linda-a-Velha — LISBOA * ACH. BRITO & C.ª, LDA. (Perfumarias) — Rua D. António Barroso, 270 — PORTO * COMPANHIA INDUSTRIAL DE PORTUGAL E COLÓNIAS («A NACIONAL») — Rua Jardim do Tabaco, 74 — LISBOA * BELSAN — ABEL SANTIAGO, LDA. (Plásticos-Louças) — Rua Eng.º Silvério P. Silva, 18 — AVEIRO * A. DA SILVA PEREIRA (Podutos Janota) — Rua do Triângulo Vermelho, 13 a 15 - r/c. - Esq.º — LISBOA * FÁBRICA NACIONAL DE MARGARINA, S. A. R. L. (Alpina — Barra — Banquete) — SACAVÉM * ANTÓNIO F. DA COSTA (Armazenistas de azeites e óleos) — Rua D. Afonso Henriques, 1770 PORTO * INDOFIL (Indústria de Plásticos) — Rua Manuel Pinto de Azevedo, 359 — PORTO * SOVENA, S. A. R. L. (Oleos e Sabões) — Rua José Estêvão, 83 — LISBOA * COPER — INDÚSTRIA DE PERFUMARIAS, S. A. R. L. — Estrada de Benfica, 408-Lote A-1.º — LISBOA * SINCORAL — SOC. INDUSTRIAL DE COSMÉTICOS, S. A. R. L. — Rua Pinheiro Chagas, 48 — LISBOA * CONFEITARIA SALITRE — Rua das Fontainhas — VENDA NOVA — AMADORA * EDGARDO FERREIRA (Negociante de gado) — PAREDES * FÁBRICAS TRIUNFO — COIMBRA — PORTO — LISBOA * SOVENDAL, S. A. R. L. — PORTO — LISBOA — COLGATE, PALMOLIVE PORTUGESA, LDA. — Rua Filipe Folque, 25.º LISBOA * KNORR PORTUGUESA — LISBOA — PORTO.

COLABORARAM NA MONTAGEM DESTE SUPERMERCADO

J. J. GONÇALVES, SUCRS. S. A. R. L,
DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS E EQUIPAMENTO INDUSTRIAL
RUA ALEXANDRE HERCULANO, 2 - 3.º ESQ.º LISBOA
projectou e procedeu à instalação completa de Material de Frio «COSTAN» / Estanteria Modular «ZAF» / Cozinhas «ZANUSSI»

BONNEVILLE OLIVEIRA
RUA DE CAMÕES, 310 — PORTO
MONTAGEM DE TODO O SISTEMA DE VENTILAÇÃO

NOVUM
Indústria e Representações, Lda.
AVENIDA DA REPÚBLICA, 2-4 — LISBOA
FORNECEDORA DE MÁQUINAS DE EMBALAGEM

REGISCONTA
PORTO — LISBOA
MÁQUINAS REGISTADORAS «HUGIN» E «ASLER»

ELCOOPE
SOCIEDADE COOPERATIVA DE CONSTRUÇÕES ELÉCTRICAS
RUA VASCO DA GAMA, 28-1.º — BARREIRO
INSTALAÇÃO ELÉCTRICA E DE FORÇA MOTRIZ

Atelier D'Arte e Decoração
BAIRRO ARENES — TORRES VEDRAS
(Anúncios e Decoração)

Jorge Alves & Oliveira, Lda.
RUA BRIGADEIRO MIRANDA PALHA
TORRES VEDRAS
SERRALHARIA

XAMAR
Empresa Construtora de Imóveis, Lda.
TORRES VEDRAS
Construção Civil e Arranjamentos

ROMÃO & C.ª
RUA DA BOAVISTA, 331 — PORTO
Balanças e Cortadores

DL/GERAL

Missão do Banco Pinto de Magalhães à Austria e a Países de Leste

FRANKFURT: — Regressou a esta cidade a caminho de Lisboa, a delegação do BANCO PINTO DE MAGALHÃES, que se deslocou à Hungria, Roménia e Polónia, após ter permanecido uma semana em Viena, em trabalho de apoio à Missão Comercial que o FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO organizou na Áustria.

Quer neste país, quer nos três países socialistas visitados, o objectivo do BANCO PINTO DE MAGALHÃES é o de promover a economia externa portuguesa, em cooperação com os esforços oficiais desenvolvidos nesse sentido como resposta as prementes necessidades da actividade económica do País.

Os resultados obtidos revelam-se do maior interesse na presente fase de iniciação de abertura comercial ao Leste, na qual o mercado austríaco é chamado a desempenhar papel de primordial importância, em especial através do canal da Banca.

O BANCO PINTO DE MAGALHÃES projecta agora a continuidade desta iniciativa no sentido mais prático possível para serviço das empresas exportadoras nacionais.

CONTRA INCÊNDIOS

Material francês (da Empresa Camiva) contra incêndios e para intervenção em acidentes de Viação, foi apresentado pela Semal (Sociedade Electromecânica de Automóveis, Ld.ª-Garagem Vitória), numa demonstração pública (orientada pelo técnico francês Durand) que se revestiu de extremo interesse.

"VALORES DE PORTUGAL"

A Academia Nacional de Belas-Artes, em sessão plenária, presidida pelo arquitecto Raul Lino e secretariada pelo dr. Fernando Pamplona, apreciou o primeiro tomo da obra «Valores de Portugal», agora publicado por intermédio do Ministério das Obras Públicas.

«Trata-se de um registo dos mais diversos valores nacionais, muito útil para se promover a sua defesa e conservação, e útil também para os estudiosos» assim se pronunciou a Academia.

Sindicato Nacional dos Operários Metalúrgicos do Distrito de Setúbal

SEDE NO BARREIRO

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA
CONVOCAÇÃO

Ao abrigo do preceituado na al. a) do art.º 42.º dos Estatutos deste Sindicato, convoco a Assembleia Geral a reunir em sessão extraordinária, na sede do Clube Dramático Instrução e Recreio 31 de Janeiro (Os Celtas), sita na Rua Dr. Manuel Pacheco Nobre, em Barreiro, no dia 30 do corrente mês, pelas 18 horas, em 1.ª convocação, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

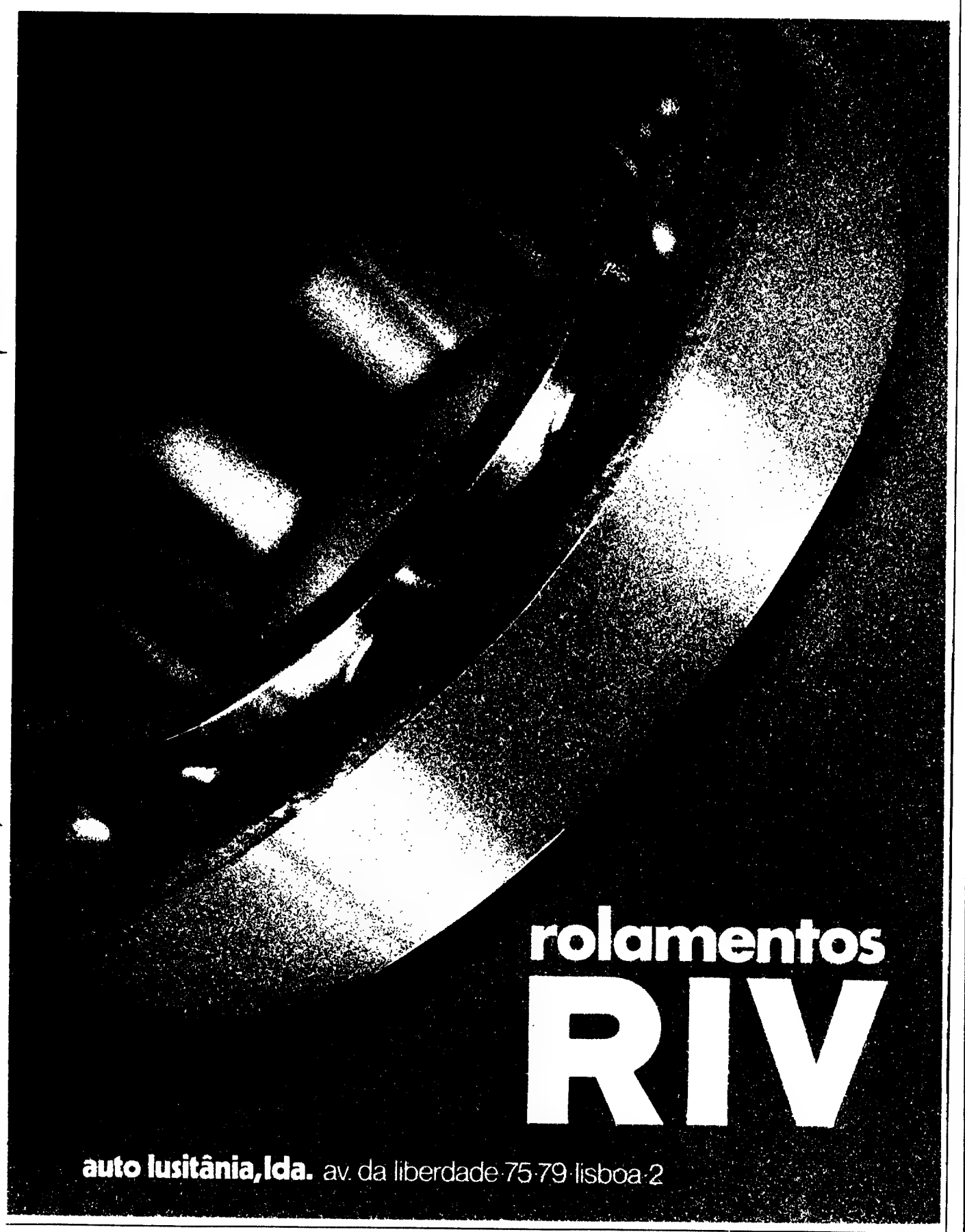
1. Alteração do n.º 2.º do art.º 14.º dos Estatutos (aumento da quota sindical);
2. Fixação em Anexo aos Estatutos do valor da quota que vier a ser deliberado.

Se à hora fixada para a 1.ª convocação no estiver presente a maioria dos associados existentes, a Assembleia virá a funcionar uma hora depois, em 2.ª convocação no mesmo dia e local.

Barreiro, 19 de Outubro de 1973.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
(Osvaldo da Conceição Bonança Azinheira)

N. B.: Porque na Assembleia apenas poderão participar os sócios deste Sindicato, deverão os interessados fazer-se acompanhar dos respectivos cartões.



Abegão
VINHO DE MESA

AS LINHAS DAS NORTH CONTINENT-PORTUGAL CONFERENCE (SOUTH--BOUND)

Vêm por este meio anunciar que nos navios que comecem a carregar na área de Hamburgo-Dunquerque para Portugal, a partir de 1 de Janeiro de 1974, serão aplicadas novas taxas em algumas espécies de ferro e aço.

Para pormenores agradecem que os interessados se dirijam às linhas ou aos seus agentes.

LOJA—ALUGA-SE

Qualquer ramo a estrear, junto à 2.ª circular, muita luz directa, grande montra, 2 pisos.

Trata e mostra: Praça Professor Santos Andrea, 2-B (Porteira).

CALDAS DA RAINHA

Manuel Nunes Capitaz Simões Caldeira

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

FALECEU

Maria Tereza Monteiro Colaço Capitaz Caldeira, Adalberto José Colaço Capitaz Simões Caldeira e mulher, Nazaré Capitaz Caldeira, Maria do Rosário Caldeira, filhas e genros. Cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido marido, pai, sogro, filho, irmão e tio, no passado dia 20 e que amanhã, dia 26, às 19 horas, na Igreja da Nossa Senhora da Conceição será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS

Av. Almirante Reis, 91-A
Rua Angelina Vidal, 63 | Lisboa

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PROCURA DELEGADOS DE PROPAGANDA MÉDICA

COM AS SEGUINTES CARACTERÍSTICAS:

- Ambição e mentalidade actualizada
- habilitações literárias — 7.º ano do Liceu
- Idade máxima — 27 anos
- apresentação e contacto agradável
- situação militar regularizada

SÃO CONDIÇÕES PREFERENCIAIS:

- conhecimento prático de línguas
- disponibilidade de carro próprio

OFERECEMOS:

- agradável ambiente de trabalho
- completa formação profissional
- remuneração e regalias sociais acima do nível legal.

Os candidatos deverão endereçar respostas manuscritas, indicando vencimento pretendido e todas as informações que julgarem de interesse.

Resposta a este jornal ao n.º 953.

ANDARES ALUGA-SE

Com 2 e 3 casas assoalhadas, cozinhas italianas, com electrodomésticos, alcatifados, etc., à 2.ª Circular.

Praça Professor Santos Andrea, 2. (Porteira).

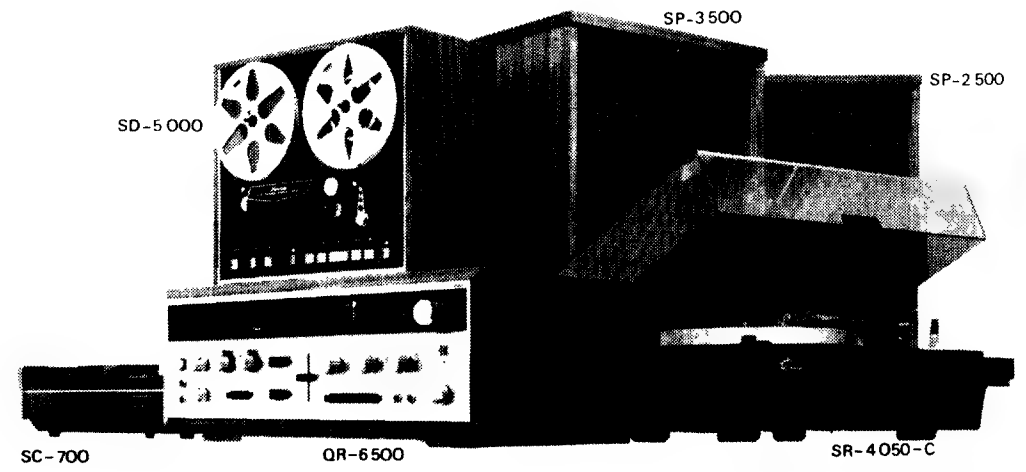
ATENÇÃO BENFICA

AOS EXTERNATOS «NOVO ALFA» (UNIDOS)

NA RUA SOUSA LOUREIRO, 12 (PUPILOS)

CURSO NOCTURNO C/ CICLO PREPARATÓRIO E CURSO DOS LICEUS — LABORATÓRIOS MODERNOS

Já conhece o sistema quadrifónico QS da Sansui?



O nosso sistema de codificação QS está a tornar-se rapidamente favorito entre as maiores companhias de gravação e apreciadores de música.

Um grande número de companhias de gravação estão produzindo discos codificados segundo o nosso sistema QS. Entre outras, citamos as seguintes etiquetas: A&M, Ovation, Project-3, Pye, Barclay, ABC/Dunhill, Audio Treasury, Command.

Para aqueles que desejam possuir um equipamento quadrifónico, que se inclua em excelentes padrões de excelência técnica e económica, estamos produzindo uma gama de aparelhagem muito interessante, e a vários níveis de preços.

Já ouviu um equipamento quadrifónico QS da SANSUI? Achamos que deveria fazê-lo.

Para uma demonstração, ou para obtenção de material informativo, contacte-nos.

Sansui QS REGULAR MATRIX 4-CHANNEL STEREO

CENTELEC

SECÇÃO COMERCIAL: AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 47-4.°-Dt. · TELS. 561211 · 561647 · LISBOA-1
SECÇÃO TÉCNICA: RUA MANUEL FERREIRA DE ANDRADE, 6 S/L · LISBOA 4

DL/GERAL

DEMISSÃO DAS REPRESENTAÇÕES DOS ENGENHEIROS E AGENTES TÉCNICOS

. Por discordância com a orientação advogada pelo Conselho Geral da Ordem dos Engenheiros, demitiu-se a Comissão para os assuntos da F.E.A.N.I. (Federação Europeia das Associações Nacionais dos Engenheiros), com excepção de um elemento, o eng. Fernando Pessoa, secretário-geral da ordem. Além deste elemento, constituiam a Comissão os eng. Manuel Camacho Simões, Jerónimo Ferreira Cruz e José Henrique Arande. Demitiram-se igualmente os representantes, na Comissão, do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares e Agentes Técnicos de Engenharia.

Deste modo, a referida Comissão passou a ser constituída, no que se refere à Ordem, pelos engs. Guido dos Santos Rodrigues, Júlio Rodrigues Matias, Fernando Pessoa e Bernardo Jerosch Herold.

A Secção Regional de Lisboa da Ordem pretende promover uma mesa-redonda sobre a F.E.A.N.I. «cujas actividades são susceptíveis de despertar o maior interesse entre os diplomados de Engenharia no nosso País».

O VOTO E A ESPINGARDA

Continuação da pag. 3

As declarações do general Perón sobre a «luta necessária contra o imperialismo» e sobre os méritos de uma posição «a igual distância da hegemonia soviética e da hegemonia americana», não poderia, todavia, dissimular uma evidência: o novo senhor dos destinos da Argentina, que se julga capaz de restabelecer a ordem numa casa devastada, encontra-se ja numa posição diplomática defensiva.

O chefe justicialista, todavia, não está, por outro lado, contrariado com a desventura da Unidade Popular, que serve de exemplo daquilo que não é preciso fazer aos peronistas revolucionários que reclamam a instauração de uma «verdadeira sociedade socialista». Ele nada fará para facilitar os esforços daqueles argentinos que ardem no desejo de ajudar, por todos os meios, os seus camaradas chilenos.

Tendo tranquilizado, no interior, os meios interessados argentinos ou estrangeiros que considerem agora que o regresso do general é um mal menor.

PROF. HERMÍNIO DUARTE RAMOS

Licenciou-se em Engenharia Electrotécnica pelo Instituto Superior Técnico de Lisboa em 1961, onde foi assistente até 1966. Exerceu as mesmas funções nos Estudos Gerais Universitários de Angola a partir de 1967. Obteve o grau académico de Diplom-Ingenieur na Universidade Técnica de Hanover (Alemanha) em 1970. Na Universidade de Luanda, em 1972, defendeu a dissertação de doutoramento sobre «Contribuição para a análise e interpretação física de descargas parciais em dielectricos sólidos», tendo sido aprovado por unanimidade com distinção e louvor. Exerceu, depois, as funções de professor auxiliar dessa Universidade no curso de engenharia electrotécnica.

No campo científico e tecnológico publicou diversos trabalhos em revistas nacionais e estrangeiras sobre materiais isolantes na alta tensão.

Credores de Joaquim da Conceição Frazão

CONVOCAM-SE todos os credores de Joaquim da Conceição Frazão também conhecido por Joaquim Idalécio, proprietário dos Cafés Celeste e Arco Íris em Rio Maior e sócio da sociedade Inácio & Frazão, Ld.ª, para uma reunião particular, tendo em vista um acordo de credores, a realizar em 30 do corrente mês de Outubro no escritório do Dr. Calado da Maia em Rio Maior.

Galerias Roldão

Artigos foto-cine, mobiliário, estofos, objectos decorativos.

AV. ALMIRANTE REIS, 13 E

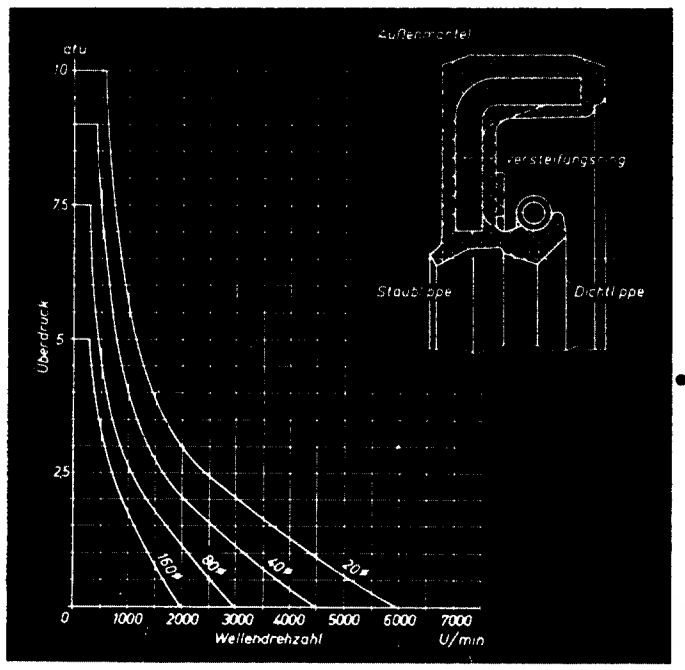
Abegão

VINHO DE MESA

Em ALMADA, o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu & Veríssimo, Praça da Restauração, 12.

PARA VEIOS ROTATIVOS SOB PRESSÃO

SIMMERRING®



UM NOVO VEDANTE RADIAL TIPO BABSL

Especialmente indicado para
•bombas hidráulicas
•bombas de óleo (temperaturas elevadas)
•motores,
•acoplamentos,
•caixas de engrenagens e muitas outras aplicações.

Para informações técnicas sobre o novo vedante radial tipo BABSL

Nome.....

Morada.....

Corte e cole num postal endereçado a:

SIMRIT

FAG PORTUGUESA, L.DA | PORTO – R. DELFIM FERREIRA, 719 a 739 - TEL. 64141 | LISBOA – R. DO TELHAL, 8 - C - TEL. 35620

Sindicato Nacional dos Empregados dos Serviços Administrativos da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca

Sede: Avenida Elias Garcia, n.º 123-2.º — Telef. 76 50 23/24
Centro Social: Rua da Palma, n.º 278-2.º — Telef. 86 00 34
LISBOA

COMUNICADO

Informam-se todos os sócios deste Sindicato que, em virtude do adiantado na hora, foram suspensos os trabalhos da última Assembleia Geral Extraordinária realizada no passado dia 22 do corrente.

Para discussão do ponto n.º 2 da ordem de trabalhos a Assembleia funcionará no próximo dia 26, pelas 21 horas, no Centro Social do Sindicato.

Lisboa, 23 de Outubro de 1973

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) **Ernesto Gil de Oliveira**

Quando pedir SUMOL exija mesmo Sumol

MARGA

Temos os óculos que precisa, que quer, que gosta.

ÓCULISTA MARGA | AV. DUQUE DE LOULÉ, 97-1º LISBOA | TEL. 56 38 49

DL/DESPORTOS

SUNDERLAND, 2 - SPORTING, 1

Bom resultado a jogar fora!

O Sunderland, a primeira equipa da segunda divisão inglesa a participar na Taça dos Vencedores das Taças venceu em Roker Park a equipa portuguesa do Sporting de Lisboa, no encontro correspondente à primeira mão da segunda eliminatória.

Os golos obtidos por Bobby e Mickey Horswill pareciam colocar o Sunderland numa boa posição para a segunda mão: mas o jogador português Chico fez uma incursão brilhante pelo lado esquerdo e Yazalde, batendo em corrida dois defesas, cabeceou vitoriosamente o cruzamento de Chico.

O Sunderland estava numa noite inspirada e mereceu vencer a equipa portuguesa, muito experiente, que actuou com bastantes precauções. Efectivamente, os portugueses mostraram cautelas na defesa e no meio-campo, mas o seu comportamento foi fraco até ao ataque vitorioso de Chico e de Yazalde.

O capitão Kerr abriu o activo aos 32 minutos de jogo, com a colaboração do guarda-redes Vitor Damas. O jogador visitante captou com aparente felicidade um remate de Kerr e virou-se depois no sentido errado, levando a bola a transportar a linha de golo.

Um fiscal de linha assinalou imediatamente golo e o Arbitro francês Michel Kitabdjian mostrou o cartão amarelo a Fraguito por este ter protestado fortemente.

O outro golo do Sunderland foi criado por Kerr aos 64 minutos: centrou da direita para Horswill, que conseguiu cabecear a bola de modo a fazê-la entrar junto ao poste.

Num jogo que não foi de modo nenhum violento, Porterfield, Bolton e Manaca também viram o cartão amarelo.

Damas, capitão e guarda-redes do Sporting, declarou no fim do jogo: «**tive muito azar no primeiro golo. A bola não chegou a entrar. Mas agora estou contente e penso que vamos ganhar em Lisboa**»

As equipas apresentaram a seguinte constituição: SUNDERLAND Montgomery, Malone, Bolton, Horswill, Watson, Young, Kerr, Huches, Halom, Porterfield e Stuart.

SPORTING Damas, Manaca, Carlos Pereira, Fraguito, Larangeira, Alhinho, Chico, Nelson, Yazalde, Wagner e Nando.

As 31 568 pessoas que pagaram o seu bilhete de ingresso, puderam assistir a uma manobra tactica do treinador leonino, pouco usual (talvez inédita) em jogos deste torneio: quando faltavam 10 minutos para terminar o desafio, Mário Lino mandou o brasileiro Cabral fazer exercicios de aquecimento, sendo a sua ordem imediatamente cumprida. No entanto, o jogador apenas estava fingindo que fazia exercícios de aquecimen-

Continua na pag. 21

A NOITE EUROPEIA EM RESULTADOS

Tendo em consideração que os jogos da segunda mão da segunda eliminatória das competições futebolísticas europeias se realizam a 7 de Novembro, a noite de ontem deu os seguintes resultados totais, principiando pela Taça dos Campeões:

BENFICA (Portugal)-Ujpest Dozsa (Hungria), [illegible]; Celtic (Escócia)-Vejle (Dinamarca), 0-0; Spartak Trnava (Checoslováquia)-Zaria (U.R.S.S.), 0-0; Crvena Zvesda (Jugoslávia)-Liverpool (Inglaterra), 2-1; Brugge (Bélgica)-Bâle (Suíça), 2-[illegible]; Ajax (Holanda e campeão)-CSKA (Bulgária), 1-0; Bayern (Rep. Fed. Alemã)-Dresden (Rep. Dem. Alemã), 4-3 e Dínamo (Roménia)-Atlético de Madrid (Espanha), 0-2.

TAÇA DAS TAÇAS

Sunderland (Inglaterra)- SPORTING (Portugal), 2-[illegible]; Zürich (Suíça)-Malmö (Suécia), 0-0; Stara Zagora (Bulgária)-Atlético Bilbau (Espanha), 3-0; Milan (Itália e campeão)-Rapid (Austria), 0-0; Lyon (França)- PAOK (Grécia), 3-3; Mönchengladbach (Rep. Fed. Alemã)-Rangers (Escócia), 3-0; Bran Bergen (Noruega)-Glentoran (Irlanda do Norte), [illegible] e Banik Ostrava (Checoslováquia)-Magdeburg (R. D. Alemã), 2-0.

TAÇA UEFA

Ipswich (Inglaterra), 4-Lázio (Itália), 0; Din. Kiev (Rússia), 1-BK, 1903 Copenhaga (Din.), 0; Lokomotiv Plovdiv (Bulgária), 3-Honved (Hungria), 4; Ruch Corzov (Polónia), 3-Carl Zeiss Jena (Al.), 0; Estugarda (Alem. Oc.), 3-Tatran Presov (Checosl.), 1; Leeds (Inglaterra), 0-Hibernian (Escócia), 0; Feyennord (Holanda), 3-Gwaria (Polónia), [illegible]; Standard Liege (Bélgica), 2-Cralova (Roménia), 0; Fortuna Dusseldorf (A. Oc.), 1-Admira Viena (Aus.), 2; Aberdeen (Escócia), 1-Tottenham (Inglaterra), 1; Dínamo Tiblissi (Rússia), 3-OFK Belgrado (Jug.), 0; Nice (França), 4-Fenerbahçe Istambul (Turquia), 0; Lokomotiv Leipzig (A. Or.), 3-Wolverhampton (In.), 0; Panachaiki Patras (G.), 1-Twente Enschede (Hol.), 1; Marselha (França), 2-Colónia (A. Oc.), 0 e VITORIA DE SETUBAL, 1-Racing White (Bélg.), 0.

Os jogos da segunda mão efectuam-se nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar e no caso de empate os golos obtidos fora valem a dobrar, nas três competições.

Reflexos... de luz

Como já vai sendo hábito nas equipas estrangeiras que nos visitam, também o Ujpest entrou no rectângulo de jogo largos minutos antes da hora marcada. Durante cerca de 15 minutos eles fizeram exercícios de aquecimento. O Benfica, por seu turno, só fez a sua entrada no rectângulo, alguns (poucos) minutos antes das 10 e 45.

As bancadas do Estádio da Luz faziam lembrar velhas noites europeias: havia calor, entusiasmo e esperança. O primeiro brado de sensação saído do lado do terceiro anel, foi quando o nome de Eusébio foi anunciado como suplente. E, caso curioso: solicitado por Bene, para a fotografia da praxe, todos repararam que a sua camisola tinha o número 13. Talvez a fazer lembrar as jornadas de 1966...

Deu nas vistas (provocando aplausos) a primeira intervenção do árbitro no aspecto disciplinar: foi quando obrigou um jogador hungaro a percorrer uns bons 40 metros, para lhe recomendar que não estava disposto a «aturar» má-criações...

Atacou muito (nem sempre bem) a turma do Benfica no primeiro tempo. Não obstante chegou-se ao intervalo com um nulo. Um resultado que já era lisongeiro para o Ujpest. Era este o tom das conversas ouvidas no intervalo.

Quando (aos 11 minutos da segunda parte) o número 8 do Ujpest inaugurou o marcador, houve bailado nas cinzas da Luz: eram os jogadores húngaros a saudarem um tento que pode vir a valer por dois.

Quando Eusébio entrou (para o lugar de Vítor Baptista) o público aplaudiu a decisão de Cabrita. Esse mesmo público protestou com a troca de Nené por Moinhos.

Quando Eusébio igualou, o «vulcão» da Luz reacendeu-se: havia a esperança de uma reviravolta...

O jogo da segunda mão disputar-se-à no próximo dia 7 no Estádio de Ujpest, que é uma cidadezinha nos arredores de Budapeste. Fica a cerca de 10 minutos do centro da capital, exactamente na Avenida Megyeri. Como o dia 7 de Novembro é feriado em todo o território húngaro, o jogo será às 6 horas locais.

ORLANDO DIAS AGUDO

SUBMARINO BRITÂNICO

PORTO, 25 Já não atraca a Leixões, conforme estava anunciado, o submarino «HMS Porpoise», da Armada Real Britânica, cuja visita estava prevista para os dias 28 e 31 do corrente.

motor

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇAO PARA O CONCURSO N.º 8 DE 28 DE OUTUBRO DE 1973

O Algarve, 122 111 x12 1xx1; Beira Baixa, 121 1x1 x11 x222; Boa Nova, 122 111 112 12x2; Cardeal Saraiva, 12x 1x1 121 2112; Cavalgada do Ritmo, 1x2 111 21x 1xx1; Jornal do Benfica, 12x 111 11x 2222; A Comarca de Arganil, 12x 1x1 x1x 122x; Comércio de Portimão, 122 111 111 xxxx; O Comércio do Porto, 12x 111 211 1121; O Concelho de Estarreja, 122 111 1x1 22x1; Correio dos Açores, x2x 111 112 1x2x; Correio de Coimbra, 122 111 1xx 1222; Correio do Minho, x22 1x1 x1x 11x1; Correio do Vouga, 122 111 12x 1222; A Defesa, x22 1xx 11x 1222; Diário dos Açores, 122 1x1 xx2 x22x; Diário do Alentejo, 12x 111 x1x 12xx; Diário do Minho, 122 111 1xx 1222; O Distrito de Portalegre, 12x 111 11x 1212; Eco de Estremoz, x22 111 x12 x1xx; Ecos do Desporto, 122 111 xx1 x22x; Emissor Regional da Guiné, 12x 1xx 222 x221; Eu Sei Tudo, 122 111 x2x 112x; Folha do Domingo, 122 111 12x 2x2x; Gazeta das Caldas, 12x 1x1 21x xx22; Imagens Piedenses, 121 111 1x2 211x; João Semana, 12x 111 x11 1111; Novidades, 12x 11x x12 12x2; Jornal do Barreiro, x2x 111 21x 1xx2; Jornal da Beira, 1x2 111 x11 x211; Fórmula Jota, 121 1xx 1x2 x112; Notícias do Totobola, 122 111 1x2 xx2x; Apostolado, 12x x11 x2x 1x12; Ultimo Palpite, x21 211 2xx 1211; Bondiazinho, x21 111 111 x211; Brado Africano Desporto, 122 x11 x1x 2111; Brado Africano Ronga, 122 xxx 122 21x1; Domingo Alegre, 121 1x1 111 x211; Passatempo, 12x 121 111 1212; Revista Desportiva, 122 111 x11 x22x; Roteiro Sonoro, 1xx 211 x12 1212; Terceiro Programa, 12x 111 111 x212; 20 Ponto D, 12x x11 2xx 1111; Noticiário Desportivo, 122 111 121 2222; Onda Desportiva, 122 111 xxx 2222; Notícias da Beira, 12x x11 22x 2x22; Diário 1x2 xx1 1x2 xx2x; O Jornal de Felgueiras, 122 111 11x 1x21; O Jornal da Lixa, 12x xx2 21x 12xx; Jornal de Santo Tirso, 121 1xx 112 x111; Jornal do Sul, 12x 111 111 11xx; Jornal de Viseu, 122 1x1 11x 2xx1; O Mensageiro, 12x 1x1 1x1 12x1; Linhas de Elvas, 122 1x1 xx1 1x21; Litoral, 122 111 1x1 1x2x; Maria da Fonte, 122 111 121 1222; Mundo Desportivo, 122 1x1 x11 x22x; O Norte Desportivo, 122 111 xx1 x2x2; Notícias de Chaves, 122 112 1xx 1xx1; Notícias de Evora, 12x 111 1x2 1x2x; Joranl de Notícias, 12x 121 x21 122x; O Primeiro de Janeiro, 122 1x1 x21 1x22; Rádio Sports, 122 111 111 1211; Clube do Ar, 122 1x1 .x1 1221; Diário do Porto, 122 111 xx1 xx21; Ritmo e Amizade, 12x 11x x1x 1x2x; Diário de Lisboa, 122 1x1 x22 2222; Notícias de Felgueiras, x2x 1x1 11x 1x2x; Notícias de Gouveia, 1x2 111 x1x 2122; Notícias de Guimarães, x22 111 xxx 1222; A Ordem, 111 121 xxx 111x; Peça que não maça, x22 121 2x1 x222; Povo Algarvio, 122 111 112 1222; Póvoa de Lanhoso, 122 111 1x1 1x12; Presença Coimbrã, 122 111 1x1 1221; A Rabeca, 12x 111 1x1 x221; Rádio Altitude, 122 111 x1x 1221; Rádio Oceano, x22 111 11x 1xx2; Reconquista, 122 111 11x x22x; Renovação, 122 111 111 12x1; República, 121 1x1 x2x x12x; Revista de Som, 12x 111 x22 x222; O Telégrafo, 12x 111 x2x xx2x; O Templário, 122 111 x11 112x; Gazeta do Zêzere, 12x 111 x12 1x21; Voz do Casa Pia, 122 1x1 11x 12xx; A Voz Desportiva, 122 211 x12 1212; A Voz do Domingo, 122 111 x11 1xxx; A Voz de Palmela, 12x 111 12x x22x; Açores, 122 1x1 xx1 x222; A Ilha, xxx 111 222 x2xx; E Época, x2x 111 2xx 2212.

	RESUMO			BOLAS			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. PORTO-GUIMARÃES	79	13	0	10	2	1	
2. MONTIJO-BENFICA	1	6	85	1	1	10	
3. CUF-SPORTING	9	32	51	1	1	7	
4. FARENSE-ACADÉMICA	82	7	3	10	1	1	
5. ORIENTAL-OLHANENSE	62	25	[illegible]	8	3	1	
6. BELENENSES-BARREIRENSE	83	[illegible]	2	10	1	1	
7. BEIRA MAR-BOAVISTA	13	37	12	[illegible]	5	1	
8. GOUVEIA-LOUROSA	[illegible]	28	18	[illegible]	1	2	
9. ESPINHO-UNIÃO COIMBRA	31	[illegible]	21	1	[illegible]	3	
10. FAMALICÃO-SANJOANENSE	50	28	14	[illegible]	1	2	
11. SACAVENENSE-PENICHE	17	26	49	2	1	[illegible]	
12. FLAMAGAL-UNIÃO TOMAR	[illegible]	[illegible]	[illegible]	3		6	
13. ALMADA-PORTIMONENSE	25	33	34	1	1	1	

a) Nos termos do Art.º 10.º, do [illegible] Concurso [illegible] houver necessidade [illegible] jogos não realizados na data do concurso [illegible] extracção [illegible] sorteio [illegible]

A chave [illegible]:

122 1x1 11x 1222

TAÇA DOS CAMPEÕES — DL/DESPORTOS

BENFICA: TRAVAGEM À SEGUNDA ESTAÇÃO?

• Medíocre defesa húngara, resiste a atropelos de chuto...

Nada de pessimismos, meus amigos: basta ao Benfica conseguir um golo (e manter as redes intactas) para termos, uma vez mais, o campeão nacional na corrida para o título mais apetecido. E, daí, que espera este glorioso esquadrão da «águia»? A mesma (desperdiçada) fome de golos? A mesma (inoportuna) série de perdidas por Néné, Jordão e Toni?

Ujpests: defender, foi tudo

Por NEVES DE SOUSA

Nada de descrença, como salientámos: o Benfica teve ontem, em hora e meia bem contadas (37 minutos de jogo) oportunidade de reduzir a cisco a paupérrima defesa do Ujpest e, o que é mais bem preponderante, anular na lista de profissionais do futebol húngaro, o nome de um sujeito chamado Szentmihaly, que é tudo menos um verdadeiro guarda-redes de «team» profissional. Só para quem não foi à Luz, aqui vai a definição: um rapaz fardado a rigor, com botas novas e luzidias, impante sob a cabeleira larga, a desandar pela cara, a fazer os possíveis por segurar uma bola. Uma só. Uma única: o que jamais conseguiria

E, porém, que proveito tirou o Benfica desse tremendo «handicap» colocado ao seu alcance?

Pois é: uma (quase catástrofe. Logo de entrada, o cartão amarelo para Harsanyi. José Henrique defendendo a pontapé. Néné (baliza encantada) a chutar para a bancada de topo. Depois, recolhendo de Simões, ponto na trave: que não vale, mas amenisa ... E, perante uma presença destacada de Rui Rodrigues e de Toni, outra estirada de José Henrique, Malta da Silva a brilhar no corte a um golo certo e Vítor Baptista (como de rotina ...) **em ofício de corpo presente**. Mais, ainda: Néné a descaír pela esquerda, duas ou três «soltas» do instável e traumatizado guardião da Hungria, Rui Rodrigues a estragar tudo num «canto» que não soube marcar e, para cúmulo, Néné a desperdiçar dois tentos dos tais chamados «certos».

Na segunda metade da melancia, outra redoma: o cartão amarelo para Dunai III, Messias a projectar o bólido para o canto superior esquerdo das malhas, toda a gente a suspirar por um verdadeiro avançado e, mesmo a passo, também todo o mundo a suplicar a entrada de Eusébio (longamente lesionado) para a rendição de um Vítor Baptista que foi (só) dos jogadores mais inaptos que vimos até hoje em confrontos de tão alto nível. Quero acrescentar: tão mal preparados fisicamente para lançamento em fogueira tão acesa. E ninguém sabe como é difícil remar contra a maré contrária, sem ventos de feição ...

Posto isto, ressalvadas as oportunidades «vermelhas» e a impressionante inépcia dos camaradas húngaros, fica o resto da imagem: a fronte de Messias como o melhor jogador em campo, o perfil de Malta como excelente vedeta do «onze», a saliência de José Henrique como um dos dois melhores guarda-redes nacionais da actualidade.

BAPTISTA: O PIOR

Mas, nem só de elogios é feita a história: com aquele inacreditável «falhanço» da interligação Messias-José Henrique, com o paradoxal titubear das duas melhores unidades do bloco impeditivo, nasceu o golo do Ujpest: a recarga de Toth que a nossa boa gente não travou e o tento de avanço. Daí que, por muito que se tentassem disfarçar, os percalços sucedidos a Vítor Baptista mais se avolumassem: de tal modo que, às tantas, perdido pelo ex setubalense todo o norte do jogo, ele parecesse uma ilha balouçando desprevenida no Atlântico. Um problema que urge resolver: e, como salientaria (noite alta) o dirigente Fernando Neves, sem se poder contrapor Artur Jorge que **está a léguas da reaparição**.

EUSÉBIO: DEVER FEITO

Jordão (versátil na derivação de ataques) bem tentava fechar as brechas. Só que, de cada vez que víamos o moçinho fletindo para os lados, logo nos apercebíamos que Rui Rodrigues permanecia ao **Deus Dará**, de braço dado com um Néné sem tempo de entrada. Na síntese exacta: uma lástima como padrão de comunidade!

Aparece, então, a entrada de Eusébio. A recolha de Simões e a «cabeça» do ex-«falecido»

Um-um no «placard»: o desfecho, construído em mergulho, que poderia ter sido o reavivar de forças para a subida até à superfície.

O EXEMPLO

Novamente a destreza de José Henrique a redimir-se da solitária falha

Um «tiraço» de Jordão a beijar a madeira. Moinhos (quem o inventou como «craque»?) a substituír a velocidade de Néné e, para base de tudo, o apito final. Fazekas e o velhinho e rubicundo Béné a darem nas vistas pela congelação do couro, Jordão em activo lutador, Humberto a pontapear sofregamente o tal Béné das peugas em baixo e toda a gente, na Luz meio ofuscada pela noite pardacenta, a dar às de Vila Diogo a caminho do transporte.

Agora, meus amigos, é fazer como eles: golos do lado de lá, nada nas nossas malhas. Há, porém, um óbice. Melhor: diversos problemas em equação: a falta de pernas do Benfica para suportar tao ruins andamentos, a despreocupação (carência de entusiasmo-extra) de três ou quatro preponderantes na manobra e, o que é bem pior, o derrubar deste tal Ujpest. Um «leader» húngaro que, trocando a bola rasteira, mais uma vez chegou a terrenos cá da lusa terra para demonstrar que não é para as núvens que se oferece a «redondinha» para o chuto fatal. Sobretudo se Eusébio estiver a dez por cento. E o lateral Adolfo a despejar tudo lá para a frente. Humberto a actuar com a bela muleta denominada Messias (desculpem: hoje ninguém assobia ...). E o prolífero Rui Rodrigues, com uma segunda parte a roçar o péssimo, logo aí resvalasse para o fracasso de Vítor Baptista, para os inconsequentes pulinhos do ex-axadrezado Moinhos, incapaz de ombrear com um Simões que. mesmo quando estiver de rastos, saberá tratar a bola pelo nome próprio.

Enfim: enquanto o Ujpest jogou como devia estar um visitante venerador, o Benfica comportou-se como admirador muito agradecido. Quem não gostou foi que viu. Daqui a catorze dias ...

Toni: tentar, foi tudo...

SUNDERLAND, 2 - SPORTING, 1

Continuação da pag. anterior

to ao redor do relvado, gritando ordens para os seus companheiros. Uma manobra tactica que terá ajudado o clube de Alvalade a conseguir um resultado que lhe abre excelentes expectativas quanto ao prelio da segunda mão

No Sporting, apenas uma substituição: saiu Nando e entrou Tomé Jaime Duarte, o vice-presidente do Sporting para as actividades profissionais, era um homem comovido, no final dos 90 minutos. Foi efectivamente com emoção que declarou: «Foram estupendos todos os jogadores chamados a representar o Sporting esta noite. Conseguimos um excelente resultado, que pode garantir a passagem à eliminatoria seguinte. Pena que não pudessemos apresentar os ... melhores do clube, mas isso não impede de saudarmos todos quantos hoje sofreram dentro e fora do rectangulo. Só espero que no dia 7 em Alvalade, a bancada participe tambem no embate. Estamos todos de parabéns e daqui dedico este magnifico resultado ao presidente João Rocha, que numa cama de um estabelecimento hospitalar, seguiu a marcha dos acontecimentos. E faço votos para que, no proximo dia 7, ele já possa estar a nosso lado, como elemento daquele jogador que é realmente imprescindivel o público ».

Abegão
VINHO DE MESA

SIDA - SUECA

COMUNICA A TRANSFERÊNCIA DOS SEUS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS PARA:

Arruamentos da Matinha Rua N.º 2 (Situada entre a Av. Infante D. Henrique e R. do Telhal Poço do Bispo) LISBOA - 6.

ONDE JÁ SE ENCONTRAM INSTALADOS OS SEUS **SERVIÇOS TÉCNICOS E ARMAZÉNS.**

Tel. 38 57 91 (8 linhas)

APOSENTAÇÃO DO DIRECTOR DO I.N.E.

Por motivo da aposentação do director do Instituto Nacional de Estatística, dr. Amaro Guerreiro, o ministro de Estado conferiu público louvor àquele funcionário pelos excelentes serviços que prestou ao País e pela sua esforçada, esclarecida e leal cooperação com o Governo da Nação».

TEAC.
Gravador Estereofónico de Cassettes A-450

A LEGENDÁRIA QUALIDADE TEAC.

TEAC.
O SOM DA PERFEIÇÃO

JORGE GONÇALVES
Av. 5 de O... LISBOA 1

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 136/73

Faz-se saber que os móveis e outros haveres que se encontram nos depósitos da 1.ª Repartição Armazéns e Imprensa Municipal, na Avenida 24 de Julho, 171, provenientes dos despejos administrativos, serão vendidos em hasta pública, conforme o preceituado nos Editais n.os 142/66 e 261/69, se os seus proprietários os não levantarem no prazo de um ano a contar da data do presente edital.

Os interessados serão responsáveis pelo pagamento dos encargos legais estabelecidos, se os despejos não forem levantados no prazo de 30 dias.

Entidades que realizaram os despejos	Nomes dos despejados	Locais onde se efectuaram os despejos	Processos de despejo
1.º Bairro ...	Olívia Rodrigues Costa	Azinhaga das Olaias, Quinta das Leonardas, 32-porta C r/c.	9680
3.º Bairro ...	José Batista Gonçalves	3.ª Rua Particular n.º 283-	23/73
1. Bairro	Isabel Carmo Rogério Gomes, seu marido Joaquim Dias e seus filhos; Rogério Dias Gomes, Maria Amélia Carmo Rogério Gomes e Álvaro Jorge Ferreira Gomes	-Sótão (Bairro da Liberdade) Largo Conde Pombeiro n.º 7, r/c.	3/12
3.º Bairro ...	Vitorina dos Santos	Rua 5, n.º 14-4.º Letras B, Bairro das Pedralvas	20/73
P. Municipal	Joaquim Caetano.....	Rua das Faias, n.º 9 — Bairro da Quinta das Furnas.	— —
P. Municipal	António de Sousa	Beco n.º 7, Casalinho da Ajuda	—

Paços do Concelho de Lisboa, 19 de Outubro de 1973.

O PRESIDENTE

António Jorge da Silva Sebastião

televisão

MADEIRA ISLAND **SIEMENS**
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados Pica-Pau
13.00 Da saúde e da vida
13.15 Doris em apuros
13.45 Telejornal 1.ª Edição
14.00 Um dia com Mário Costa
14.20 Logo à noite

2.º PERÍODO

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa Educação Musical (crianças)
19.25 Filme infantil (O Diário das Fábulas
19.30 Telejornal 2.ª Edição
19.40 Motores em Marcha
20.05 Há só uma terra
20.35 Cinemateca
21.00 Mesa Redonda
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 O tempo em que você nasceu com José Viana
23.30 Telejornal 4.ª edição
23.40 Meditação e fecho

2.º PROGRAMA

20.30 Abertura e desenhos animados Pica-Pau
20.40 Um dia com Mário Costa
21.05 Doris em apuros
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Foi êxito na TV As 6 mulheres de Henrique VIII 2.º episódio: Ana Bolena
23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Saber não faz mal
13.15 Um ano sem domingos
13.45 Telejornal 3.ª edição
14.00 Fim de semana
14.20 Logo à noite

2.º PERIODO

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 Orientação de Monitores
19.30 Filme infantil O Diário das Fábulas
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.45 Eurovisão. Transmissão de Wembley do Campeonato da Europa de Ginástica
21.30 Telejornal
22.00 Antologia
23.10 Pequeno concerto
23.35 Telejornal 4.ª edição
23.45 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Desenhos animados
20.45 Saber não faz mal
21.00 Um ano sem domingos
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Museu do cinema
23.35 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

PORTO	16º
PENHAS DOUR.	18º
COIMBRA	18º
PORTALEGRE	17º
LISBOA	14º
FARO	19º
FUNCHAL	20º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE
Máxima 27,7º
FIGUEIRA CASTELO RODRIGO
Mínima 0,6º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	15,4º
Atmosfera	17,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.15	4,1 m	8.57	0,8 m
15.34	4,1 m	21.16	0,8 m
Dia 26			
3.53	4,1 m	9.33	0,8 m
16.13	4,1 m	21.49	0,8 m
Dia 27			
4.30	4,1 m	10.07	0,8 m
16.50	4,0 m	22.21	0,9 m

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Ceu pouco nublado ou limpo nas regiões de Norte e Centro e com períodos de muito nublado nas regiões do Sul; vento fraco ou moderado predominando de Leste.

AMANHÃ
NASCER ÁS _ 7.57
OCASO AS _ 18.44

Dia 26 Dia 3 Dia 10 Dia 17

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

16.00 Noticiário
16.55 Ao encontro da melodia
16.30 Convívio, programa da juventude
18.05 O convidado de hoje: Joe Cocker
18.20 Espectáculo-teatro, por Figueiredo de Barros
18.40 Música portuguesa
19.10 Comédias musicais
20.00 Diário sonoro ... o conjunto Octopus
20.30 21.º episódio do folhetim «Poema para uma Grande Orquestra»
20.50 Melodias
21.00 Momento 73
21.20 Música, só música
21.50 O homem e a natureza, pelo dr. Almeida Fernandes e Gil Montalverne
22.10 Guitarradau pelo Conjunto de António Luís Gomes
22.30 Ritmos de todo o mundo
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.00 Fecho

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º programa

2.º Programa

16.00 Quequer ouvir? Programa elaborado por Margarida Brandão
18.00 Música portuguesa
19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
20.00 Diário sonoro
20.30 Música de camara
21.00 A arte de Feodor Chaliapin
21.20 Tempo literário
21.45 Música sinfónica
22.00 Teatro de todos os tempos, pelo dr. Eurico Lisboa (filho)
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa Estereofónico - MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Semanas musicais de Budapeste 1972
23.15 O harpista Nicanor Zabaleta
23.40 Sinfonia m.º 6 em lá menor (Mahler) Orq. Sinf. da Rádio da Baviera sob a dir. Rafael Kubelik
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE
onda Média

16.00 Programa CDC
18.00 Movimento
21.03 Diálogo
21.10 Serão musical
21.30 Quando o telefone toca
22.03 Antiquário
22.30 Qauando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.30 No mundo aconteceu
24.00 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Emissor de Miramar

16.00 Noticiário
16.04/17.56 Programa CDC
17.56/21.00 Norte dia a dia
21.02/24.00 Genérico
21.05 Só-rádio
21.55 Canções que foram êxito
21.45 Arauto da verdade
22.02 Uma vedeta da noite
22.15 Impacto evangelístico
22.30 Quando o telefone toca
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

16.05 Radiorama
18.00 Hora do recreio
18.20 Boletim litúrgico
18.25 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 Jornal do Serviço de Noticiários e Reportagens de Rário Renascença
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.07 Poesia é diálogo
21.15 Poente
21.30 Artistas portugueses
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 6.00 às 10.00 e das 22.00 às 2.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 10.00 às 12.00 e das 19.00 às 22.

RÁDIO PENINSULAR
Das 12.00 às 14.30

RÁDIO GRAÇA
Das 14 30 às 19 30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO L

(ATÉ ÀS 22 HORAS)

AJUDA
Teles, R João de Barros (T 63849)
ALVALADE
Aviz, Av de Roma 56-B (T 7'5370) **Brisalia**, Av Rio de Janeiro 68 (T 722368)
ARCO DO CEGO
Palma, Av Duque de Avila 25-3' (T 47088)
ARROIOS
Matos, R Alvaro Coutinho 10 (T 82'671)
AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional, R do Salitre 7 (T 46858)
AVENIDAS NOVAS
Avenidas, Av da Republica, 27-A (T 533688) **Galeno**, Av Oscar Monteiro Torres 38-A (T 774920)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, P do Norte ''-A (T 3''2'6)
BAIXA
Nacional, R do Salitre, 7 (T 46858) **Americana**, C de Santana 3 (T 863984)
BENFICA
Sousa, E de Benfica 429 (T 780027)
CAMPOLIDE
Gomes, R Rodrigo da Fonseca 101-A (T 682333)
CAMPO DE OURIQUE
Ourique, R Freitas Gazul 23-B (T 67'667)
CONDE REDONDO
Capuchos, R Luciano Cor-
GRAÇA
Rosa e Viegas, R de S Vicente, 3' (T 86435')
LAPA
Central, R dos Navegantes, 10 (T 66'734)
LUMIAR
Alameda, Al das Linhas de Torres, 201-B (T 790942)
PENA
Americana, C de Santana, 3 (T 863984)
SANTA CATARINA
Combro, C do Combro 78 (T 326059)
SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Aguiar, Av Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T 768343/764629)
S. VICENTE
(Ver Graça)
SETE RIOS
Aguiar, Av Bordalo Pinheiro 93-A (T 786343)
XABREGAS
Salter, R de Xabregas, 63 (T 381'85)

TURNO L-2

(TODA A NOITE)

ALCÂNTARA
Lealdade, R do Olival, 226 (T 66344')
ALFAMA
Nacional, R S João da Praça 26 (T 863632)
ALVALADE
Cartaxo, Av da Igreja 2'-C (T 776358) **Nova Lisboa**, R Guilhermina Suggia '2 (T 72772')
AREEIRO
João XXI, Av João XXI, '6-A (T 726462)
BAIRRO ACTORES
Esperança, R Carlos Mardel, 101-B (T 722868)
BAIRRO ALTO
Azevedos, R da Misericordia, 24 (T 323540)
BELÉM
Remisio, R dos Jeronimos, 14-C (T 63'699)
BENFICA
LIBOA; R Claudio Nunes, 73-A (T 703393)
BOA HORA
Sepol, C da Boa Hora, 94-A (T 63'958)
CAMPOLIDE
Pátria, C dos Metres, 30-A (à R das Amoreiras) (T 680627)
AMPO DE OURIQUE
Castro, R Quantro de Infantaria, 28-A (T 688857)
CARNIDE
Leal de Matos, R Neves Costa, 33 (T 780181)
ESTEFÂNIA
Estefânia, R Pascoal de Melo, 90 (T 44438)
GRAÇA
Santo António, R Leite de Vasconcelos 72-C (T 862333)
LUMIAR
S. Tome, E do Desvio lote 12-C (T 790704)
MOURARIA
Bastos, C de Santo Andre '07 (T 860450)
OLIVAIS
Nova, lote 469 (Olivais Sul) (T 3'6402)
PENHA DE FRANÇA
Carrondo, R Padre Sena de Freitas '0-A (T 8425'8)
PICHELEIRA
Luzmar, R João Nascimento Costa '6-A (T 728395/720703)
RATO
D. João V, R D João V '6 (T 682772)
S. MAMEDE
Marçal, R de S Marçal '00 (T 325318)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Bairro Azul, Av Ressano Garcia 7-A (T 5'45') **Novais**, Av Luis Bivar '' (T 44324)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Telef 212048)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef 2432039)
OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Telef 2430058)
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Telef. 2471054)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Telef. 261186)
MONTE ESTORIL
Costa, Av. Saboia, 29-B (Telef 260085)
CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Telef. 280141); **Cascais**, R. Conde de Monte Real-B.º Caixas (Telef 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019); **Flama**, R Elias Garcia, 78-B (Telef. 932485); **Confiança**, Av D Nuno Álvares Pereira, 15-A (Telef. 938149)
DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523)
QUELUZ
André, Av Elias Garcia, 151 (Telef 950043); **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Telef 951841)
CACÉM
Central, R Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034)
MEM MARTINS
Quimia, Est de Mem Martins, 285 (Telef 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef 980456)
SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef 980832)
COLARES
Abreja, (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)
ALMADA
Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (Telef. 270271)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)
BARREIRO
Pimenta, R. Cons.º Joaquim António de Aguiar, 259 (Telef. 2073012)

COVA DA PIEDADE
Morgado, R Cabo da Boa Esperança 31-A (Telef 274356)
MOITA
Silva Rocha, P da Republica 16 (Telef 239029)
MONTIJO
Moderna, R Bulhao Pato, 60 (Telef 230156)
SESIMBRA
Leão, Av Salazar (Telef 229471)
SETÚBAL
Normal do Sul, P do Bocage (Telef. 22216)
SEIXAL
Godinho, L da Igreja, 51 (Telef 2218580)

PORTO

4.º TURNO

SUB-TURNO A

Boavista (da), Rua da Boavista, 601 **Cosme**, Rua Costa Cabral, 584 **S. Diniz**, Rua S Diniz 428 **Soeiro**, Rua Santos Pousada, 71 **Vitália**, Praça da Liberdade, 34-37

SUB-TURNO B

Alberto Ferreira Rua da Estação, 100 **Antero de Quental**, Rua Antero de Quental, 520 **Antunes**, Rua do Bonjardim, 485 **Cardona dos Santos**, Rua D Manuel II 90 **Herculano**, Rua Alex Herculano 384

COIMBRA

TURNO A

Silva Soares, R M de A buquerque 26-28 (Tel 71454) **Vilaça, Ld.ª**; R Ferreira Borges 132 (Tel 22043. **Cruz e Costa**, R A Vasconcelos 71-A (Tel 22715)

cinemas

ROXY (Tel 48560)
Hoje Estreia as 21 45
Grupo D (18 anos)
Kirk Douglas Montgomery Wood «UM HOMEM DE RESPEITO» Tão poderoso e implacável como French Connection
Hoje às 15 15 e 18 30
Últimas exibições do filme «A FRE... ALFREDO» de Pietro Germi ... (18 anos)

CONDES (Tel 322523-326710)
14 00, 16 30 e 19 00 e 21 45
Grupo C (14 anos)
Color do O mais belo filme de amor e de suspense! O filme de René Clement «A LUZ DO SOL», com Alain Delon, Marie Laforet e Maurice Ronet

ESTUDIO 444 (Tel. 779095)
15 30 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Technicolor 3.ª semana!
Um filme de Kenneth Loach. «VIDA EM FAMILIA» Amanhã e sábado as 00 30 H Cinema foras de horas Grupo D (18 anos) VIDA EM FAMILIA» A partir do dia 28 todos os domingos às 11 horas da manha Grupo A (6 anos) PIPI DAS MEIAS ALTAS

ROMA (Tel 727778)
15 30 e 21 45
Grupo D (18 anos)
Eastmancolor Um filme de Claude Lelouch «A MULHER E O PATIFE» Com Lino Ventura e Françoise Fabian

VOX (Tel 720808)
15 15 - 18 30 e 21 45
zgrupo D (18 anos)
Technicolor Panavision Robert Bolt apresenta LADY CAROLINE com Saran Milles e Richard Chamberlain

ESTÚDIO (Tel 55310)
15 30, 18 30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª semana. A obra prima de Nagisa Oshima «O ENFORCAMENTO»
Amanhã e sábado as 00 15 H
Grupo D (18 anos)
O ENFORCAMENTO»

SATÉLITE (Tel 50595)
15.30, 18 30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
5.ª Semana! Um filme de Alain Tanner (realizador de «O último a rir) «O REGRESSO DE ÁFRICA»
Amanha e sábado às 00 15 H
Grupo D (18 anos)
«O REGRESSO DE AFRICA»

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 73318)
15 15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
11.ª Semana! Technicolor Um filme de Ha. Ashby «ENSINA-ME A VIVER», com Ruth Gordon e Bud Cort Hoje as 24 00 H Clássicos à meia noite Grupo D (18 anos) «A MINHA AMIGA PIERRET» de Jean-Pierre Lefevre

CINEMA CASTIL (Tel 630194)
14 30 16 45 19 00 e 21 45
Grupo C (14 anos) 2.ª semana
Technicolor Grande Premio do Festival de Cannes Gian Maria Volonte «O CASO MATTEI» Um filme de Francesco Ros (Estacionamento Parque Castil)

S. JORGE (Tel 54154/54153)
15 00 - 18 15 e 21 30
Grupo D (18 anos)
Êxito em 3.ª semana A deliciosa comédia de Billy Wilder «AVANTI AMOR A ITALIANA» com Jack Lemmnon e Juliet Mills

EUROPA (Tel 651016)
21 30
Grupo C (14 anos)
Eastmancolor A denuncia de uma sociedade corrompida «SINAL VERMELHO» com Antonio Vilar, Mara Cruz, Paul Naschy e Helen Harp
As 15 15 H Grupo D (18 anos)
«VIAGENS COM A MINHA TIA»

LONDRES (Tel. 731318)
14.15 - 16.30 - 18 45 e 21 45
Grupo D (18 anos)
Colorido. Imagine o crime perfeito depois de um passo em frente Laurence, Olivier e Michael Caine «AUTÓPSIA DE UM CRIME». Um filme de Mankewicz.

CINEARTE (Tel 6604446)
21 30
Grupo B (10 anos)
37.ª semana! «CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITA» com Terence Hill e Bud Spencer
As 15 30 H Grupo D (18 anos)
«O POÇO DO ÓDIO»

ROYAL (Tel 865037)
15 00 e 21 30
Grupo D (18 anos)
«BONECA PERIGOSA» Em complemento «AS MÃOS E A MORTE»

CASINO ESTORIL (Tel 462644862)
17 00 e 21 30
Grupo D (18 anos)
Techniscope Technicolor
«MORTE E TRAIÇÃO» Com Tom Adas e Sergie Hapton

MUNDIAL (Tel 538473)
15 15 - 18 30 e 21 45
Grupo D (18 anos)
Eastmancolor. Um filme de Claude Lelouch «A MULHER E O PATIFE» com Lino Ventura e Françoise Fabian

MONUMENTAL (Tel [illegible])
15 15 e 21 30
Grupo C (14 anos) [illegible]
Technicolor GODSPELL

RESTELO (Tel 6103[illegible])
21 30
[illegible] (18 anos)
Eastmancolor [illegible] com Marcel Mastroianni [illegible] e Elsa Martinelli

EDEN (Tel 320758)
15 30 18 30 e 21 45
Grupo D (18 anos) 2.ª semana
Eastmancolor Jane Birkin Serge Gainsbourg «BONITAS DEMAIS PARA SEREM HONESTAS»

ODEON (Tel 32623)
15 15 - 18 15 e 21 30
Grupo C (14 anos) 4.ª Semana!
Color «SIMPLESMENTE MARIA»
Com Saby Kamalich [illegible] Castillo

AVIZ (Tel 47163)
15 15 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Color 3.ª semana!
Saby Kamalich, Bauljo Castillo «SIMPLESMENTE MARIA»

POLITEAMA (Tel 32630)
15 15 - 18 15 e 21 45
Grupo C (14 anos)
Eastmancolor Anna Gaud Stephen Boyd e Jean Sorel [illegible] POR UMA LOIRA»
As 00 30 H Grupo D (18 anos)
Ciclo TERROR A MEIA NOITE
Amanha OS OLHOS DA [illegible]
Sabado «PROVEM [illegible] DE DRACULA

TIVOLI (Tel 50595)
15.15 - 18 30 e 21 45
Grupo D (18 anos)
4.ª semana! Nome Chacal Profissao Assassino! Alvo Degaulle «CHACAL» o Filme de Fred Zinnemann

IMPERIO (Tel 555135)
15 00 - 18 -5 e 21 30
Grupo C (14 anos)
Panavision Technicolor 2.ª semana Um filme de Luchino Visconti «LUIS DA BAVIERA» com Romy Schneider e Helmut Berger (Metro Alameda)

BERNA (Tel 776098)
15 15 - 18.30 e 21 45
Grupo C (14 anos) 2.ª Semana!
Technicolor. Panavision Um filme de Franco Zeffirelli «S FRANCISCO DE ASSIS»

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VARIEDADES
21 45 (18 anos)
«Um padre a italiana

A. B.C.
20 45 e 23 00 (18 anos)
«Tudo a nu»

CASA DA COMÉDIA
22 00 (18 anos)
Oh Papa Pobre papa»

VILLARET
21 00 e 23 00 (18 anos)
«O ovo»

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Que medo, senhor Alfredo»

MARIA VITÓRIA
20 45 e 23 00 (18 anos)
«Ver, ouvir... e calar»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Cândido»

LAURA ALVES
21.45 (14 anos)
«O Misantropo»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19.00 (14 anos)
«Joe Dakota»

CINE MOSCAVIDE
21 00 (14 anos)
«Entre o amor e a morte»

PARIS
21 00 (18 anos)
O Rebelde genial

JARDIM CINEMA
21 30 (18 anos)
«A virgem e o cigano

PROMOTORA
21 00 (18 anos)
«O Amor as 3 da tarde

ODIVELAS
Soc. Odivelense
21 30 (14 anos)
«O Velhaco mais impagável»

SACAVEM
S. José
21 00 (10 anos)
«A Tunica»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Caçador de escândalos»

PAREDE
Royal-cine
21.15 (14 anos)
«Sabata»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«Morte e traição»

OEIRAS
Oeiras-cine
21 00 (14 anos)
«Um violino do telhado

ESTORIL
Palácio
21 30 (14 anos)
«Dupla vingança»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Um dia em cheio»

ESTORIL
Esplanada
21 30 (14 anos)
«A Metralhadora»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«Desforra Apache»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (18 anos)
«Os 5 filhos do Diabo»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21 30 (18 anos)
«Ponto de encontro»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«Asilo político»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Operação Kid Broters»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«A Morte chega do passado»

PORTO/Cinemas

CIRCO DE PARIS
21 30 (10 anos)
Alabama Bros Circos»

S. JOÃO
15.30 (18 anos)
«A Casa dos desejos»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Loiro do sapato negro»

OLÍMPIA
21 30 (18 anos)
«Entre o crime e a lei»

COLISEU
21 30 (10 anos)
A Nova

CARLOS ALBERTO
21 30 (18 anos)
«Frenezy» e «A Morte de um p stoleiro

JULIO DINIS
21 30 (14 anos)
Atila

RIVOLI
21 30 (18 anos)
«Cães de palha»

ÁGUIA D'OURO
21 30 (18 anos)
«Barba azul»

VALE FORMOSO
15 30 (14 anos)
«O Direito de nascer»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O charme discreto da burguesia»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Getaway»

ESTÚDIO
21 30 (18 anos)
«Qaundo o amor acaba»

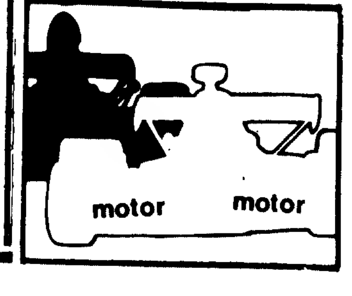
COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«O Desesperado»

GIL VICENTE
21 30 (18 anos)
«Comboios rigorosamente vigiados»

SOUSA BASTOS
21 30 (18 anos)
«O Sinal de Drácula»

AVENIDA
21 30 (18 anos)
«Zapata»



BARS BOITES restaurantes típicos

DANCINGS

NINA __ **Dancing** com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Tel. 34859-365167.**

CASINO ESTORIL __ Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Tel.s 26461-264526-264596-264621-264946.**

HIPOPÓTAMO Com Mário Simões Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Tel. 48384.**

SOLAR DA HERMÍNIA __ Hermínia Silva, **hoje e sempre. Largo Trindade Coelho, n.º 10-11.** Encerra aos domingos. **Tel. 320164.**

TAMILA __ Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias, Encerra aos domingos. **Av. Duque de Loulé, 69. Tel. 534117.**

SAN-PAYO __ Bar-boite c/ música constante Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Tel. 561422** (Ar condicionado)

CACO __ **Dancing** com música ambiente, com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

EXPOSIÇÕES

ARCADAS DO PARQUE Pinturas de Maria Fernanda Amado (das 10 às 22 h)

BELAS ARTES Pinturas de Matos Portugal e Carlos Saldanha (das 14 às 20 h)

CASINO ESTORIL Trabalhos de Clabarrieta, Ana Vaz e Clemen Bello (das 15 às 3 h)

FUNDAÇAO GULBENKIAN Trabalhos de Manesier (das 10 às 19 h)

PALÁCIO FOZ: Trabalhos de Capital (das 15 às 13h)

DIPROVE Xilogravuras de Salvador Dali Das 15 às 21 horas

JUDITE DACRUZ Tapeçarias de Kroner (das 10 as 13 e das 15 às 19h)

PALACIO FOZ Retrospectiva de pintura de Fausto Sampaio e trabalhos de Capita (das 15 às 19h)

PALÁCIO VALENÇAS (Sintra) Trabalhos de Domingos Saraiva e Pedro Saraiva (das 14 às 20 h.)

PRISMA-73 Pinturas de Lisa Chaves Ferreira (das 10 às 13 e das 15 às 19h.)

S. FRANCISCO Gravuras de Miro, Tapies e Millars (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.)

S. MAMEDE Desenhos de Amadeo DE Souza Cardoso e pinturas de Marina Obo (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.)

YELA Oleos da pintora americana Nadine Hoskins (das 10 às 13 e das 15 às 19h)

PALÁCIO DOS CONGRESSOS (Estoril) XI Salão de Arte Moderna (das 11 às 13 e das 15 às 19 h)

DL /NACIONAL

DL
RENASCENÇA GRAFICA S. A R L
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 - 1.º, 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DiBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

A OPOSIÇÃO DE LISBOA E A IDA ÀS URNAS:

-1098 "NÃOS"

-13 "SIMS" -14 ABSTENÇÕES

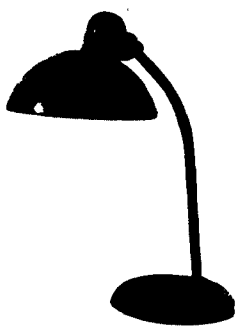
. Da Comissão da CDE de Lisboa recebemos o seguinte comunicado:

Realizou-se pelas dezanove horas na sede da CDE de Odivelas o Plenário da CDE de Lisboa que reuniu largas centenas de activistas para discutirem e deliberarem sobre a participação nas urnas.

Rodeou-se o Plenário da maior vibração e entusiasmo pela victória que constituiu a participação do Movimento Democrático na farsa «eleitoral» deste ano. Foi ainda reconhecida a necessidade de prolongar a organização e actividade democrática para além do período eleitoral.

Passada a votação sobre a ida ou não às urnas, o Plenário decidiu por 1098 contra 13 e 14 abstenções não ir às urnas, atitude esta justificada através do documento que a seguir foi aprovada.

KAISER



CANDEEIROS DE TRABALHO E DECORATIVOS (ALEMÃES)
Distribuidores exclusivos
E M E L L I
Tel. 32 72 10 — LISBOA
Rua de Santa Justa, 99

E S M E R I L
— GRANULADO —
descasque, aglomerados, etc.
CASA
CHAVES CAMINHA
Av. Rio de Janeiro, 19 - B
Lisboa — Telef. 72 51 63

FUNDAÇÃO NACIONAL PARA A ALEGRIA NO TRABALHO

(F. N. A. T.)

Orquestra Filarmónica de Zagreb

PAVILHÃO DOS DESPORTOS

Dias 29 de Outubro e 1 de Novembro
às 21.45 horas

PROGRAMA

Dia 29/10
Maestro: *Mladen Basic*
Solista: *Sequeira Costa*

Tristão e Isolda ..... WAGNER
Concerto n.º 3 ..... RACHMANINNOF
Homenagem a Bach BORIS PAPANDOPOLO
D. João ..... STRAUSS

Dia 1/11
Maestro: *Silva Pereira*
Solista: *1.º Prémio do Concurso Vianna da Motta* (a divulgar oportunamente)

Bodas de Figaro ..... MOZART
Concerto para violino e Orquestra
IV Sinfonia ..... BRAHMS

Para estes espectáculos, a F. N. A. T. dispõe de bilhetes de *bancada* que poderão ser adquiridos, *a preços muito reduzidos*, pelos *seus Beneficiários e pelos Sócios dos C. A. T., C. R. P. e Sindicatos Nacionais*, na sede deste Organismo, Calçada de Santana, 180, a partir de hoje, dia 25.

Grupo B — M/10 anos

O julgamento de Mário Castrim

No 7.º Correcional da Boa-Hora e sob a presidência do juiz dr. Tavares Santos, as duas sessões de ontem, do julgamento de Mário Castrim foram preenchidas com o interrogatório das testemunhas de defesa que respondendo aos advogados dr. José Carlos de Vasconcelos (durante a manhã) e Abranches Ferrão (durante a tarde) depõem a favor da inocência de Mário Castrim, na acusação que lhe é movida de responsável dos crimes de difamação e injúria na pessoa daquela escritora.

a primeira testemunha, Fernando Luso Soares, crítico literário e advogado, Mário Castrim tem sido sempre um **«crítico perfeitamente objectivo»** e a sua preocupação não é outra senão esclarecer o público.

Seguiu-se o depoimento de Manuel da Silva Costa, ex-presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas

Na sessão da tarde, o advogado dr. Abranches Ferrão começou por interrogar a testemunha dr. Francisco Mata, que durante anos exerceu a crítica de televisão no jornal «O Século».

Para João Paulo Guerra, que depôs seguidamente como testemunha de defesa, **«as críticas de Mário Castrim são o complemento indispensável da televisão**

A RTP E A CULTURA

O papel da televisão na formação cultural do povo português e o bom serviço de uma crítica que destrua o efeito das realizações nocivas foram os pontos atacados na exposição de Correia da Fonseca, crítico de televisão nas colunas do jornal «República».

O julgamento foi encerrado pouco antes das 19 horas, para prosseguir no dia 9 do próximo mês, às 15 horas.

A CÂMARA OFERECEU UMA BIBLIOTECA À PENITENCIÁRIA DE LISBOA

Dez novas bibliotecas, constituídas por 3. 636 livros de todos os géneros, foram ao fim da manhade hoje distribuidas pela Câmara Municipal de Lisboa, por outras instituições. A cerimónia realizou-se no Palácio Galveias com a presença do presidente do Município, coronel Silva Sebastião e do vice-presidente da Câmara do director dos Serviços Centrais e Culturais e outras individualidades.

Cinco das bibliotecas agora criadas têm carácter autónomo e foram oferecidas: á Casa do Pessoal da R. T. P. ao Grupo Desportivo da Liga dos A. da F. de S. Vicente da Beira, á Academia de Santo Amaro, ao Clube Desportivo de Sete Rios e á Escola de Educadoras de Infância.

As restantes são bibliotecas municipais ficando, portanto sob o controlo dos serviços competentes da Câmara. Ficam instaladas: na Cadeia Penitenciária de Lisboa (para renovação de uma biblioteca que já ali existira), na Junta da Freguesia da Ajuda (biblioteca infantil), no Hospital do Ultramar e no Instituto Presidente Sidoónio Pais, nas secções masculina e feminina, respectivamente.

Com esta nova distribuição perfaz 151. 225 o número de livros postos pela Câmara ao serviço de 494 bibliotecas, desde 1959.

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

DESAFIO PARA AUMENTO DE 30% NAS EXPORTAÇÕES EM 1974

«É quase um lugar comum afirmar que é necessário estreitar o «fosso» que existirá em muitos aspectos entre os sectores públicos e privado» — disse ontem o dr. Alexandre Vaz Pinto, secretário do Estado do Comércio, no decorrer de um almoço, na F. I. L., em que se encontraram reunidos a presidência e técnicos do Fundo de Fomento de Exportação para discutir o planeamento para o próximo ano. Noutra passagem do seu discurso, o dr. Vaz Pinto afirmaria ainda, dirigindo-se aos responsáveis do F. F. E.: **Conto com a vossa acção persistente e delicada para, atingida a meta dos 30 por cento de aumento das exportações em 1973, garantir, pelo menos, um acréscimo de igual valor em 1974. Fica lançado o desafio — aumento de 30 por cento nas exportações em 1974.**

Mais tarde o grupo de trabalho ali presente entregar-se-ia à tarefa de definir as bases de apoio do F. F. E. a projectos de investimento e contratos de desenvolvimento para a exportação e levantadas questões relativas aos planos do sector de crédito e seguros à exportação, bem como a fixação de cambios.

Ao fim da tarde, com a presença do dr. Vaz Pinto, o presidente do Fundo de Fomento de Exportação e os respectivos delegados, foram recebidos, em S. Bento, pelo prof. Marcello Caetano.

DETIDOS POR VENDEREM ARTESANATO

Quando, ontem à tarde, se encontravam a vender, num dos túneis do Metropolitano no Rossio, peças de artesanato regional por eles próprios manufacturadas, foram detidos por agentes da P.S.P. nove jovens

Conduzidos para o Governo Civil, e após identificação, os jovens ficaram presos nos calabouços ali existentes, sob acusação de «venderem ilegalmente na via pública».

NOVOS CURSOS
cial
CENTRO DE LINGUAS
LISBOA * COIMBRA
T. 533733 T. 23173

Exigida melhor prova num processo por injúrias através da imprensa

PORTO, 25 — Por decisão da Relação do Porto, em acórdão subscrito pelos desembargadores drs. José Luís Pereira, Eduardo Botelho de Sousa e José António Lopes Cardoso, foi mandado aguardar melhor prova um processo consequente de queixa apresentada em 15 de Novembro de 1971, pelo dr. Manuel Cunha da Mota, contra Ramiro Madureira Soares, Pedro Dias Ferreira, José António Barradas Rodrigues Alves, Mário Augusto Madeira Matos e Lemos e dr. António Augusto Ferreira da Cruz, que eram acusados de injuriar e difamar através da Imprensa, no jornal «Diário do Norte», a propósito das eleições em Melres (Gondomar), para a Junta de Freguesia, em que intervieram os três primeiros arguidos, sendo o terceiro como repórter, os dois primeiros como entrevistados e o último por ser o director do jornal.

Os arguidos haviam recorrido para a Relação, do despacho do juiz da primeira instância, que recebeu a acusação e marcara o dia para o julgamento.

O despacho que dá provimento ao recurso e manda o processo aguardar a produção de melhor prova, transitou em julgado após as férias judiciais.

PEDITÓRIO

Nos dias 1 e 2 de Novembro vai efectuar-se no Porto o peditório a favor da Liga Portuguesa Contra o Cancro.

Entretanto, deve ser inaugurado no dia 29 de Dezembro, o hospital do Instituto Português de Oncologia — centro Norte — que se destina ao tratamento dos doentes da região Norte do País.

NOTAS VÁRIAS

BARREIRO: MAIS UMA FREGUESIA

Por Decreto-Lei publicado na folha oficial de hoje, é criada no concelho do Barreiro a freguesia de Santo André, com a sede na povoação de Telha Nova. A nova freguesia é classificada de 1.ª ordem. A Junta de Freguesia será eleita em data a marcar pelo presidente da Câmara Municipal. Servirá até 31 de Dezembro de 1975.

FINANÇAS DE SINES

Uma portaria do ministro das Finanças eleva à 2.ª classe a Repartição de Finanças do concelho de Sines, determinando que o seu quadro de pessoal fique constituído por um secretário de Finanças de 2.ª classe, quatro aspirantes e três oficiais ou escriturários-dactilógrafos. O actual chefe da Repartição será mantido na chefia até ao sexénio.

CONSELHO NACIONAL DE PREÇOS

Vem hoje publicado no «Diário do Governo» o Decreto-Lei, já aprovado em Conselho de Ministros, que cria o Conselho Nacional dos Preços, cuja composição se define, bem como o respectivo funcionamento. O Conselho reunirá ordinariamente uma vez por mês e, extraordinariamente, sempre que o presidente o convocar. As funções do Conselho são de estudo, informação e negociação.

A LOTAÇÃO DO NAVIO-ESCOLA «SAGRES»

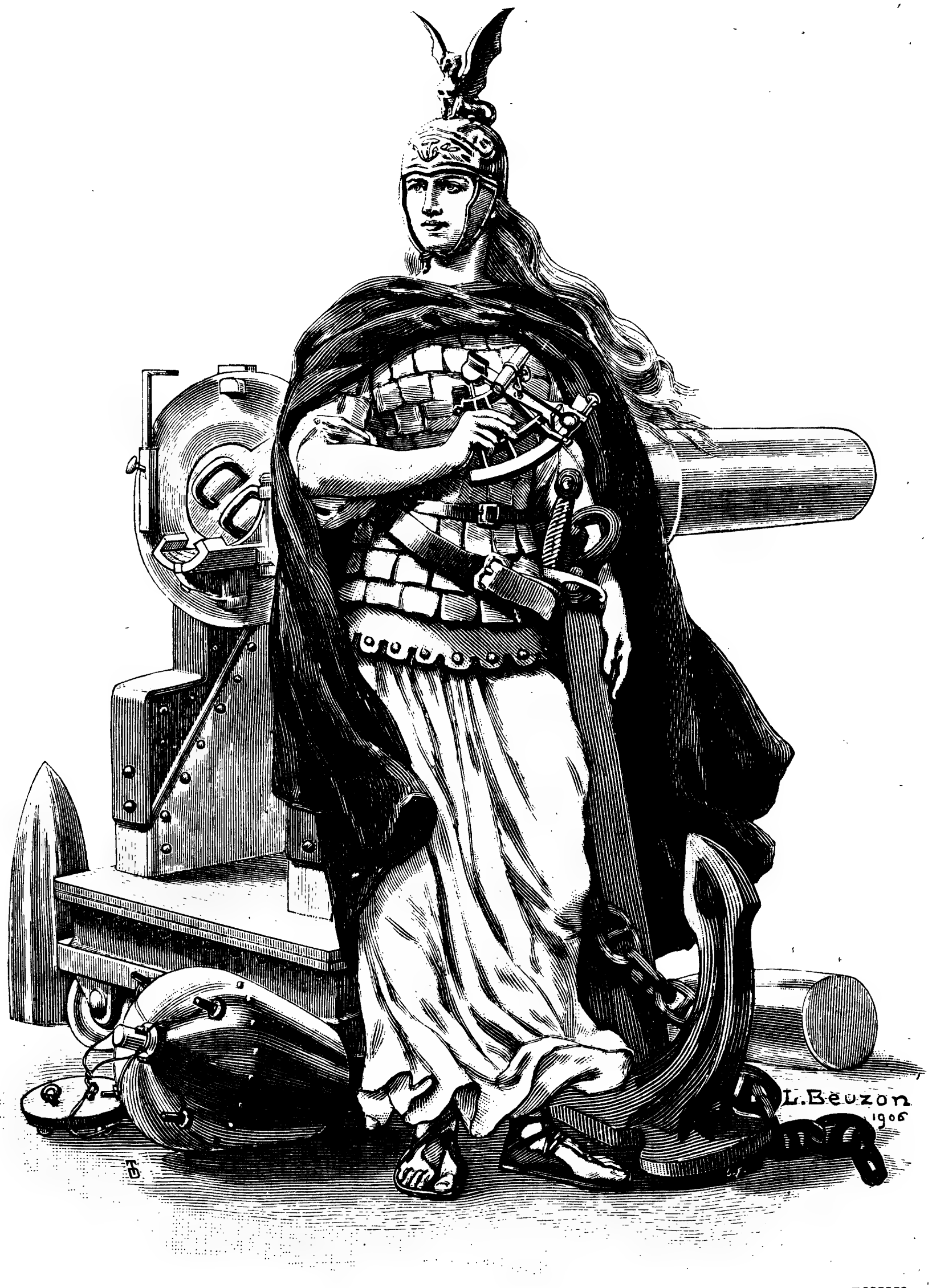
Por portaria do Ministério da Marinha, é alterada a lotação do navio-escola «Sagres». Passará a ter mais um capitão-de-fragata ou capitão-tenente. Por outro lado, será reduzida de um capitão-tenente.

CONSERVAÇÃO ARQUIVISTICA

O Regulamento da Conservação Arquivística do Ministério das Obras Públicas é aprovado por portaria hoje publicada na folha oficial. Determina quais os documentos de consetvação permanente, os que podem ser inutilizados após certo prazo, os que podem ser inutilizados com prévia microfilmagem e os de inutilização imediata.

CONTRATOS

Decretos hoje insertos na folha oficial autorizam a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e a Direcção-Geral das Construções Escolares a celebrarem contratos para a execução, respectivamente, das empreitadas do Serviço Meteorológico Nacional (edifícios para todos os departamentos — ascensores e monta-documentos) e de recuperação para a Faculdade de Medicina de Lisboa do edifício do Campo dos Mártires da Pátria.



SUPLEMENTO LITERÁRIO

INTERVENÇÃO CRÍTICA

FERNANDO LUSO SOARES

"O SECRETO ADEUS", de Baptista Bastos

Todas as coisas que se concebem na mente do homem desempenham, uma vez nascidas, determinada função. E valem uma certa utilidade. No caso da literatura, evidentemente nos termos em que a entendo, tal função exerce-se para a descoberta da realidade — termos em que o texto literário começa por desempenhar um papel demonstrativo. O seu valor de utilidade, esse resultará daquilo que a demonstração depois permita afirmar explícita ou implicitamente, declarada ou sugeridamente.

«**O Secreto Adeus**» dá-nos conta desta sequência de momentos. Surge-nos a sua definição (como livro) no próprio texto narrativo (do livro). Isto é: ela integra-se de modo mais íntimo do que teria se acaso viesse simplesmente escrita no prefácio. Nesta ordem de ideias (a págs 133) a personagem principal deste romance (Álvaro Moreira) concebe para nós o texto que entretanto já viemos lendo: «Agora recomecei a escrever. É uma novela sobre a amizade, sobre o valor da amizade. Tem dois andamentos: um demonstrativo, outro afirmativo. O primeiro, longo; o segundo, muito curto. As afirmações devem ser sempre muito curtas».

Sabe-se — do mesmo passo que a sua personagem Álvaro Moreira (jornalista crítico e cronista de cinema) — que Baptista Bastos começou a sua carreira de escritor comdois livros de temática cinematográfica: **O Cinema na Polémica do Tempo»**, que data do ano de 1959, e **O Filme e o Realismo.** Assim se compreende bastante bem a muito concreta tipicidade da personagem Álvaro Moreira. A sua génese é, sem dúvida alguma, a de uma experiência vivida, a qual se marca por um nascimento, por uma dialéctica e por uma pragmática.

No que concerne à experiência que lhe está na base havemos de atentar numa frase da nota prefacial desta segunda edição de **O Secreto Adeus**, a prevernirmos de quase estarmos perante um livro novo na medida em que «novo» é tudo aquilo que tende para ser (e é) «actual»: **O Secreto Adeus** nasceu do próprio movimento da experiência vivida; dos agravos e das contradições instauradas, abertamente, na longa pré-história dos nossos projectos e esperanças». Depois, quanto à dialéctica, leiamos também no mesmo prefácio: «Transformar a solidão em revolta era um belo pretexto para um escritor que pretendia reconstruir a sua moral (tomando este conceito com todas as precauções devidas) a partir de pequenas afirmações quotidianas de protesto, de honradez, de comodidade». E finalmente, quanto ao seu valor de utilidade, no mesmo prefácio a esta segunda edição, intitulado «As Palavras e os Actos» (e que nos revela um preocupado confronto entre as atitudes meramente teóricas ou ideológicas e os comportamentos práticos), poderemos ainda ver esta passagem: «Pretendeu (o livro) não convencer, mas fazer pensar — ser um livro útil; logo, ser utilizado como um objecto no qual exprimia (exprime) uma certa forma de ver e de entender as coisas, na qual manifestava o desejo de querer comunicar com outras pessoas, para lhes dizer algo acerca delas e de mim próprio».

Feita a comparação entre as duas edições desta ficção, apuram-se algumas diferenças substanciais. Realista é no entanto ela porque nos mostra a tendência histórica de uma época. Em qualquer das suas formas (a primitiva e a da actual edição) estão presentes os homens de uma mesma geração, na mesma necessidade de rejeitar a fatalidade — como também Baptista Bastos assinalava no seu prefácio, a págs 12. Mas a obra literária é um complexo de elementos organizados segundo vários níveis modelares. E o escritor, enquanto comprometido com a realidade, não pode deixar de ser sensível às modificações de perspectiva que a progressão temporal impõe a todo o ser inteligente. Os mesmos encontros. As mesmas polémicas de anos atrás, desenhadas através das várias personagens do romance (polémicas sentimentais, culturais ou até éticas). Tudo isto, nesta segunda edição se vinca conforme uma mais apurada aprendizagem do ofício do escritor, permitindo-lhe divisar melhor «o porquê das coisas» e o dizê-las «de forma menos declamatória e mais sugerida do que afirmada» (sic).

Conscientemente comprometido em certa estrutura ideológica, Baptista Bastos não podia deixar de ter encarado este «refazer» do seu romance como proposta de um importante problema. Recorto algumas palavras de uma entrevista sua, precisamente concedida ao «Diário de Lisboa», onde o autor de **O Secreto Adeus** proferia a ideia seguinte, a propósito da reescritura do seu romance: «Este repensar as palavras de que falo, pode levar muita gente a supor que assim se roube espontaneidade às coisas que se escrevem. Ora eu direi que não. Aliás, no fundo, acho que a espontaneidade é produto duma longa paciência...»

A revisão de um texto, relativamente ao problema da espontaneidade, assume culminâncias mais agudas no que respeita mais propriamente a poesia. Relembro, por exemplo, que João Gaspar Simões em face da revisão operada em vários poemas, por Fernando Namora, para a sua republicação em **As Frias Madrugadas»** deduzia a carência poética daquele escritor. Conforme a apodítica conclusão de Verdénius, o autor de poemas, que os reveja e altere mais tarde, nega-se como poeta já que — a água que brota da fonte nunca poderá regressar à origem para conseguir de novo a purificação.

Porém a «palavra», nos termos que me permiti anotar em **«Literatura, Dialéctica, Estrutura»** (a págs 52), é a **téchne** sempre renovável na busca de um real. Importa lembrar: foi até um presencista, o recém-falecido Adolfo Casais Monteiro, quem nos disse que o artista é precisamente o homem que desobedece.

Compreende-se então o motivo por que o escritor (neste caso o novelista Baptista Bastos) reescreve um livro anterior, numa perspectiva diacrónica em que cada momento é o instante novo de uma mesma espontaneidade constantemente insatisfeita de descobertas. As modificações (posteriores) de um texto (anterior) traduzem a necessidade de que a descoberta do real seja sempre actualística. A originalidade identifica-se com a verdadeira e mais profunda objectividade. Ser espontâneo é ser constantemente renovado na dialéctica do tempo. No acto de rever — estou a glosar algumas considerações já feitas sobre a revisão de poemas — pode até o escritor lograr uma espontaneidade maior, uma mais voluntariosa profundeza na dissolução das aparências

Baptista Bastos

que tornam falsa a realidade, profundeza bem maior do que aquela que se teria conseguido aquando da primitiva produção. E é este precisamente o caso da segunda edição de **O Secreto Adeus**. Na sua forma actual, mais contensa, vibram com maior agudeza, excitam mais fortemente a nossa sensibilidade, as contradições internas ao próprio Álvaro Moreira no seu dia-a-dia, e as externas relativamente às suas conveniências profissionais e sentimentais-amorosas.

Há momentos em que Álvaro Moreira, a personagem central, nos parece um guerrilheiro vencido. E porquê?... Talvez por razões semelhantes àquelas que Lucien Goldmann caracterizava no seu ensaio «Introdução a um estudo estrutural dos romances de Malraux».

Em **O Secreto Adeus** tudo poderá situar-se em crise. A confiança. A esperança. O amor. E mesmo a acção. Todavia, alguma coisa se salva. A crise profunda da civilização ocidental, a crise dos valores individualistas e das esperanças que os sutentavam — dir-nos-ia ainda Goldmann sobre André Malraux no referido ensaio — manifesta-se, entre outras coisas, numa crise de acção e também numa crise de amor. Trata-se de uma crise geral de valores em que apenas uma atitude sobrevive: a do conhecimento.

Pois parece-me que este esquema vai adequadamente ao encontro daquilo que significa (a meu ver) em mais íntima análise **O Secreto Adeus**, de Baptista Bastos. Numa frase quase do final (a págs 139), quando a aventura de Álvaro Moreira vai rematar com o facto de ele se decidir a escrever o seu romance (é esta a sua forma de agir, de estar no mundo praticamente), convencemo-nos sem equívoco de que assistimos a uma busca. «Estava tudo certo. Álvaro também procurava a sua palavra». — eis o que peremptoriamente nos diz a referida frase. E, com efeito, todo o comportamento do jornalista-que-irá-escrever-um-romance (ou o romance) é, ao longo de **O Secreto Adeus**, uma constante tentativa de conhecer as situações particulares. Isto de modo a tornar possível todas as respostas significativas a essas situações.

Verdade é, entretanto, que Baptista Bastos nos diz que no seu romance exprime uma rebelião de forma anárquica. Por outras palavras, a nostalgia (em acto) da antiga fé unitária que fora apanágio dos anos do apogeu neo-realista. Porém, contra as rupturas e as mutilações do companheirismo, e sobrelevando-as, nitidamente aflora nas páginas deste livro tudo aquilo que mais se censura aos homens apocalípticos: o facto de nunca tentarem o conhecimento concreto das coisas, das maneiras pelas quais elas são consumidas e da forma a não se deixarem consumir (os homens) como coisas consumíveis. Daí, aquela lúcida necessidade de conhecimento a que vinha aludindo e que, a meu ver, sobressai como cerne deste romance. Aliás, também Baptista Bastos o declara. Leia-se a págs 11, no seu prefácio: «Este livro é sinal e indício desse grande desequilíbrio entre o poder e a sabedoria; procurou encarnar uma concepção de protesto como um fim em si, uma actividade natural do homem, cívica, nas suas recusas mais elementares». A sabedoria (o conhecimento) há-de constituir, portanto, a forma mais eficaz do verdadeiro protesto.

Em conformidade exacta com o que se acaba de notar, eis o tipo da «anomi» de Álvaro Moreira. Eis o específico da sua atitude de contestação relativamente aos meios socialmente aceites para se realizarem os modelos estáticos de certas condutas só burguesmente vivas.

A sua anomia, repito, ao contrário de ser cega e obstinada, enquadra-se numa vasta ilustração. Citando numerosos autores, escritores, artistas e até filósofos, não pretende Álvaro Moreira a rememoração vazia de experiências alheias, puramente tópicas. E o seu jogo não se resolve num esquema de complacências livrescas. Usando constantemente, ao longo das páginas desta sua aventura social, a memória de experiências estéticas e intelectuais alheias, Álvaro Moreira não se atém ao nível do só contemplativo.

Ele dá-nos, ao contrário, a documentação informativa de uma consciência adquirida, genericamente enquadrada (é certo) em muitos sentidos equívocos da literatura burguesa, mas por isso mesmo capaz de nos oferecer uma perspectiva mais dramática. Abundam assim, a propósito dos múltiplos acidentes e incidentes desta história, os nomes de escritores: Kafka, Malraux, Caldwell, Torga, José Gomes Ferreira, Morávia, Vergílio Ferreira, Camus, Fernando Pessoa, Redol, Goethe, D. Francisco Manuel de Melo, Baudelaire, Stendhal, Hemingway. E os nomes de músicos: Beethoven e Wagner. E os pintores: Gauguin, por exemplo. E de pensadores: o de Kostas Axelos, autor de **Marx, penseur de la technique** . Ainda os de cineastas: Bergmann... Também os de jornalistas: Homem Cristo e Raul Proença. E naturalmente os de políticos: Fidel de Castro, etc., etc.

Personificação típica de uma consciência em marcha, Álvaro Moreira resiste à coisificação e à burocracia. Direi que grande parte da novela de Baptista Bastos é mesmo a sua polémica com as causas da burocratização, as quais devem procurar-se na multiplicidade das relações impessoais e abstractas, nas relações à distância necessárias ao andamento (para ela feliz) de uma sociedade industrial. Álvaro Moreira sabe bem, afinal de contas, que a burocratização está na razão directa da carência de participação democrática do indivíduo nas responsabilidades sociais.

PRESER

uma ponte entre empresas

Av. Infante Santo, 65, 6ºEsq.º Lisboa 3 - TELEF.-674191/2/3

"RÉCITS BÊTES ET MÉCHANTS DE JEAN DE LA EGA, CITOYEN DE GENÈVE"

QUE FEZ A ALEXANDRE HERCULANO O SR. MANUEL LOPES DE ALMEIDA?

Na grave crise da família burguesa, tresmanhada na diáspora dos seus muitos afazeres, os pareentes só se encontram quando alguém morre dentro dela. O velório ao «ente querido» tornou-se o derradeiro tipo de reunião consanguínea
Os sobreviventes, de preto por fora e hieráticos, gozando nas fressuras internas a felicidade de viver e herdar, recordam então em voz baixa, com vagar e decoro, o «passado», sentados no «presente» em torno do caixão (um ou outro homem prefere virilmente a solenidade vertical, de pé com as mãos funerárias cruzadas à frente no local da parra) e para sacudir a alegria de tantas tristezas confidenciam dividendos para o «futuro».

Nunca o velório, a câmara ardente, as luzes com tremor e nevoeiro para o morto e os vivos, as flores, o cheiro abafado em que todos apodrecem um tanto cada um à sua maneira individualmente, nunca esse conjunto de coincidências foi assim indespensável. Até para se usar mais a religião. Porque é com efeito nessa altura, quando se preparam para despachar mais um parente para a eternidade e a glória do último lugar nos conselhos de administração, agora nos céus, que eles, no único *déficit* da sua experiência cheia de horas o tempo arranjam algum tempo para os ofícios divinos. (espera-se para breve a criação de um sindicato de rezadores por conta alheia).

As senhoras, às vezes com o nariz vermelho na ponta por causa do desgosto, deixam cair dos lábios, como granizo, as orações atadas no rosário por um fio que de súbito se parte, entornando-as.

Depois, no enterro, os parentes ainda continuam reunidos, embora motorizados e em fila.

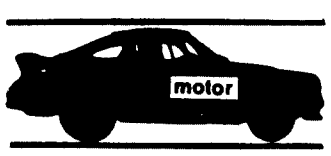
A cerimónia do enterro é pois uma das grandes últimas formas associativas e do direito de associação no hemisfério ocidental. Apenas outra actividade industrial se lhe compara nos meios e nos fins. Refiro-me, como calculam, aos centenários.

Em primeiro lugar, o centenário é na maioria dos casos um enterro em *segunda via*. Mas as semelhanças não se exaurem aqui.

Os enterros estão para a família como os centenários para as pessoas oficiais e oficiosas. Reunem. Só questões de pormenor (formas de especialização e divisão social do trabalho) os separam. Por exemplo: no enterro os oficiantes chamam-se *família enlutada*; nos centenários são *pessoas comemoradoras*.

Também quanto ao regime eleitoral existe a pequena diferença: no enterro propriamente dito o laureado não resulta de eleição prévia mas de um fenomeno corriqueiro, natural de democrático: a morte; nos centenários as vítimas são eleitas livremente. Se toda a gente tem morte, só rara gente tem centenário. A morte é um fenómeno de massas; o centenário é um petisco de elites.

Ainda nos prazos de execução da encomenda é de notar uma distinção de rapidez: o defunto vai em regime urgente, expresso e registado; o centenário aguarda cem anos depois do parto ou do partir, ou seja do nascimento ou do trespasse.



Pois tudo isto observado, não sei se Alexandre Herculano terá centenário em 1977. Neste meio século é evidente a sua baixa de forma no campo da imortalidade. Está pagando os muitos pecados a miopia que é o espírito crítico, a rescisão do contrato das Cortes de Lamego, o anulamento abusivo do milagre de Ourique, milagre tão abundante e o que mais se sabe até a sua *teoria dos concelhos*.

Como recomenda a hagiologia, esta *Teoria dos concelhos* é um despropósito. Baseia-se num contra-senso: aquilo que hoje se designa, com chá e simpatia, a *doutrina do ódio*, via dicendo: a luta de classes. Herculano descobrira a luta de classes dentro do processo natural em que ela adquirira aos, olhos do soldado da Guerra Civil (1832-34), inteligibilidade histórica, ou seja na História, de diante para trás, do presente do cidadão para a Idade Média do historiador.

Assim, o concelho revelara-se a seus olhos, à luz de uma experiência do século XIX, uma conquista *em parte* revolucionária.

E então, depois de Herculano, particularmente depois de Gama Barros, correligionário de João Franco, o ditador de Carlos I, o concelho transfigurou-se em *benefício, outorga dádiva* dos Serviços Sociais de reis, fidalgos, grandes abades ou chefes das ordens militares.

Um dos muitos castigos de Alexandre Herculano expõe-se permanentemente na Avenida da Liberdade de Imprensa. Para quem a trepa, à mão esquerda, para quem a desce, à mão direita, ancorado à porta da rua que tem o seu nome, aprecie-se, rodeando-o como se fosse uma passagem de modelos, o monumento ao autor de «História da Origem e Estabelecimento da Inquesição em Portugal». Há aí todo um anátema em pedra e escultura.

Rafael Bordalo Pinheiro tentara caricaturar o velho liberal, por exemplo em *azeiteiro* (os finos azeites do seu olival de Vale de Lobos a terra passaria mais tarde a simbolizar «exílio interno»); mas tivera de confessar que havia em Herculano uma dingnidade sem pompa, inacessível ao ridículo.

O escultor deste século foi mais infeliz, quero dizer afortunado, que é entre nós uma infelicidade do século. Talvez com o olho artístico a verter a imagem familiar de um recoveiro de antigamente à chacun ses rêves tangendo a mula de guizos por terras frias, o escultor enfiou ao grande homem aquele pasmo de capote, mais excomungante que o capote de Gogol, instrumento de uma faena de rancor à cultura. E para sublinhar o peso do sobretudo folclórico deu a Herculano o inteiriçamento de um fantasma que acabasse de sair do frigorífico, numa irmanação marítima com o peixe congelado.

Seria este porém um pequeno castigo se não houvesse receio de outro castigo maior Digo maior? Pois acrescentem V. Exas: em perigo de ser irreparável.

Numa tarde do «Diário de Lisboa», 18 de Março de 1946, José Galhardo, então existente e herdeiro de Herculano (oh, a tortuosidade das heranças!), revelava, em carta, uma notícia de regozijo e outra de sofrimento.

Era de regozijo o vir a saber-se que o historiador deixara inéditos de alto valor, entre eles os *Estudos para o 5.º volume da História de Portugal*.

Era de sofrimento infandum, reginae, jubes dolorem renovare! o conhecer-se que tais inéditos haviam sido entregues a Caeiro da Mata, então vivo e professor de Direito, e Manuel Lopes de Almeida, graças à ex-Santa Eufémia ainda hoje vivo e catedrático jubilado.

Porque se confiaram *aqueles* inéditos *nessas* mãos?

Dizia José Galhardo que «sempre pensou fazer preceder a sua divulgação de um estudo levado a efeito por *autoridades* no domínio das ciências históricas, jurídicas e literárias».

Cabe-me a temerária iniciativa de sublinhar *autoridades*; mas em 1946 sei que várias pessoas o fizeram mentalmente, com escândalo e os olhos de esguelha. Os citados professores eram com efeito *autoridades*, mas num sentido outro, de muita *autorização*, ou seja com direitos autorais sobre os pais; no sentido porém de competência exigida por *aquilo em que Herculano fora competente inexcedivelmente, nas ciências históricas, de que foi fundador em Portugal, e no talento literário* não se discernia onde estava a autoridade daqueles catedráticos, de certo professores magistrais, decerto grandes homens públicos, mas que no campo da História apenas tinham amealhado a sua história privada.

Alexandre Herculano

Indivíduos de muitos talentos, humanamente não lhes era possível reunir todos os talentos: e faltava-lhes precisamente o que abundava em Herculano (muito mais no historiador ou no, digamos, escritor de «literatura de ideias» do que no escritor de ficção): o talento literário.

Todas estas observações se vincavam com maior força e assombro ao recordar-se que na época havia um *homem chamado Paulo Mereia*, como havia um chamado Jaime Cortesão e, vá, um Damião Peres.

E havia ainda Vitorino Nemésio, embora quase uma criança loura mas de créditos estabelecidos (como se diz nesta sociedade de Deve e Haver) sobre a vida e obra do historiador, desde o seu trabalho notável (a que, mestre em preguiça, não daria o prometido desenvolvimento) *A Mocidade de Herculano, até à sua volta do exílio (1810 1834)*, publicada em 1934, ano em que trouxera também à luz um inédito do seu biografado *Scenas de um ano da minha vida e apontamentos de viagem*.

Poderiam apontar-se na época mais nomes com outro *ofício* para a edição dos inéditos de Herculano Joaquim de Carvalho, Duarte Leite, Veiga Simões. Aliás a sabedoria do bom senso, que a inocência de Descartes julgou ser «la chose du monde la mieux partagé» (Portugal não é du monde), aconselhava a, que, para editar Herculano, se requeria tão-só escrúpulo, rigor na transcrição dos manuscritos, a declaração descritiva sobre os autógrafos, estado em que o autor os deixara, critério ortográfico utilizado e pouco mais. Herculano agradeceria se ficasse por aí, tal como Apeles rogou ao outro que não excedesse a sandália.

Mas enfim, ao contrário do que disseram de povos que (segundo os binóculos de uma classe) têm a história que merecem, Herculano merecia outros herdeiros. Coube-lhe em 1946 José Galhardo e este, galhardamente, seguiu as regras do país: rendeu-se à aureola das *autoridades* escolásticas.

Desde esse ano (1946) até hoje rolaram já *vinte e sete* (27) longuíssimos anos, um quarto de século mais dois. Morreu entretanto muita gente. Dobrado ao peso do encargo que lhe dera o herdeiro de Herculano, faleceu Caeiro da Mata. Mais atlético e mais efebo, ficou Manuel Lopes de Almeida e graças demos a Noé.

E verdade que as grandes obras levam tempo a chocar. Ao fim porém de 27 anos não é de temer gravemente que esteja choco o sr. Lopes de Almeida?

E o que é que se poderá esperar do sr. Lopes de Almeida no estado de choco?

Naturalmente o pior: que também acabem por ficar chocos os inéditos de Herculano; e que, nos benefícios que a relaxação de carácter, o alheamento e, de ambos os casos, o silêncio, a ignorância consentida que, entre nós, conferem aos crimes contra a segurança da cultura, o património cultural do país, o ar de pequenas patuscadas de bibliómanos e bibliófilos impunes, corre-se o risco de o espólio científico-literário do autor dos «Opúsculos» desaparecer. Algum curioso perguntará depois: «onde estão os inéditos de Herculano?»; e as respostas mudarão o tempo de verbo: «estiveram aqui»... «estiveram ali»... estiveram...estiveram...

e onde pára a virgindade de Vénus!

Não se creia que faço ficção; como Camões, poderia dizer: «oxalá foram fábulas sonhadas». Sabe um quarteirão de pessoas que as estufas da nossa cultura abundam em raptos, desvios, alcapões esquecimentos deste género. Deles citarei um mais relativamente actual o «Caso Veiga Simões», nosso grande historiador falecido em Paris.

Veiga Simões (um homem cujos haveres, tempo, e superior inteligência consagrou a uma investigação pertinaz por arquivos, castelos da Europa e à compra de livros, manuscritos preciosos em leilões e alfarrabistas), possuia uma biblioteca sobre os Descobrimentos que, em quantidade e em qualidade, por ventura só confrontaria, entre particulares, com a de Charles Boxer (que, segundo me contaram em Londres, a Fundação Calouste, talvez mal aconselhada, deixou perder, por mil contos (creio) em favor da América. A biblioteca Boxer contava documentos das chancelarias reais portugueses (conforme também me contaram, por exemplo de D. João III) e valia muito mais os mil contos pedidos).

Pois Veiga Simões morreu Outro grande investigador e historiador, Vitorino Magalhães Godinho, que com ele privara de perto, fez todos os esfoços para salvaguardar aquele espólio duplamente raro: pelos livros e pelos manuscritos de Veiga Simões, dois dos quais, pelo menos, completos e cuja perda, pelo seu alcance e importância, constituíram um saque irremediável à historiografia portuguesa: «História do Infante D. Henrique» e «História do Infante D. Pedro», fruto de anos extensos de pesquisas por locais arquivos do Estado ou particulares cujos intrincados roteiros se perderam (talvez Inglaterra, França, Bélgica (Flandres, Borgonha), Hungria, Itália, a ter em conta as suas investigações sobre o Infante das Sete Partidas, que o estudo de Veiga Simões revelaria ter tido um papel fundamental, decisivo, pormenorizado nos Descobrimentos, papel esbulhado pelos hagiólogos do irmão).

Magalhães Godinho, com o empenho que lhe é próprio, alertou, pressionou a viúva do historiador; depois do suicídio desta, um ou dois meses mais tarde, tocou a rebate junto de «Coglioni» testamenteiros de Veiga Simões, chamou a atenção para a compra do espólio pelo Governo português. Nada. Uma amiga francesa da viúva, presume-se, trocou tudo por vacas. Magalhães Godinho pensou que se perdera, de todo, o rasto de tudo! Mas não. Não se perderia, pelo menos, o pequeno rasto. Com efeito amigos comuns (de Vitorino Magalhães Godinho e meus) compraram no Quartier Latin, por tuta e meia, exemplares da referida biblioteca, obras de valor minusculo, porém lembranças que se adquiriram como tais.

Não quero afirmar com isto que o sr. Lopes de Almeida perca, ou uma francesa de mau fado se intrometa e disperse os inéditos de Herculano, tal como os de Veiga Simões. So protesto que o venerando lente jubilado, membro da confraria dos mandarins universitários, não é herdeiro de Herculano e já possui (se é que possui) há tempo exorbitante, em seu poder, um legado que lhe não pertence e de que tem de dar contas urgentes (se, repito, os originais estão nas suas mãos).

De resto, por falar em herdeiros, a História dos direitos autorais de Herculano é a história mais bizarra, acrescenta-

Continua na página quatro

JOÃO DA EGA

ALEXANDRE HERCULANO E O SR. MANUEL LOPES DE ALMEIDA

Continuação da página três

rei menos decente que se possa procriar.

Para começo, o autor de Eurico» sustentou por claro e até polemizando Garrett (este aliás tinha razão), que a obra literária não podia constituir-se propriedade privada: era da nação, devia cair no domínio público.

Herculano não teve filhos, não teve descendentes directos; mas surgiram-lhe herdeiros (colaterais dele? da mulher? do soldado desconhecido?): em 1946 e não sei até quando, uma família Galhardo.

Nos anos 20, quando a obra do historiador ia cair em domínio público, o Código de Direito de Autor sofreu, consoante me informaram, uma reforma de milagres: e os 50 anos de vigência dos direitos autorais passaram a eternos. Segundo a mesma fonte de informações não seria alheia ao milhagre a Casa Bertrand (e falaram-me também em Caeiro da Mata). Como quer que se passasse (apenas reproduzo o que ouvi), um facto é certo, extraordinário e indecente: a *pouco mais de três anos do centenário da sua morte (14/3/1977), Herculando é o único escritor português que continua a verter dividendos no bolso dos herdeiros:* a família Galhardo, se ainda existe, e a herdeira choruda, a SARL Bertrand que vai existir até ao Vale de Josafá.

Obra literária que, em cem anos, produz direitos autorais é, como dizia o meu avô, uma obra da gaita, uma obra de engorda.

Viremos porém para os inéditos Herculanianos. O informador que referi (um dos maiores romancistas portugueses) particularizou-me que lera, in illo tempore, no *«Diário do Governo»*, a concessão, pelo Instituto de Alta Cultura, de uma bolsa ao sr. Lopes de Almeida, com o fim de preparar a edição, não sei se dos *Estudos para o 5.º volume da História de Portugal,* ou se de mais inéditos. Não li o *«Diário do Governo»*; não posso confirmar; não pergunto pois o que fez a bolsa ao bolso do sr. Lopes de Almeida? (se a teve ou tem) porque quanto tempo a embolsou? e ainda embolsará? Quem disponha de *«Diários do Governo»* e de paciência que o verifique e trauteie aquelas perguntas, se for azo. Eu farei estoutras:

Que fez a Alexandre Herculano o sr. Lopes de Almeida?

— Será o sr. Lopes de Almeida como o Pedro Sem que teve e não tem?

— Onde estão, desde há 27 anos, os inéditos mencionados por José Galhardo?

— Existem mais? Em que baú param?

Estas perguntas não são ociosas nem são divertidas Não há ociosidade nem divertimento quando se trata de acautelar um património cultural do país, país-que perde tantos patrimónios como as virgens sabinas perderam o adjectivo.

Não me cumpre aliás a mim só, feito homem de músculo e de circo, fazer tais perguntas e obrigar a tais e tais respostas.

Imagino que algumas pessoas e instituições devem mobilizar-se para resolver o problema. Não passando contra-fé às duas Academias, a das Ciências e a de História ou à Sociedade Protectora perdão! de Geografia (as três requiescant in pacem e os seus nabucodonosores), faço um apelo:

À Associação Portuguesa de Escritores presidida pelo meu distante amigo José Gomes Ferreira. Que a sua direcção, os seus membros, tomem a peito, como seu que é, a defesa e edição dos inéditos de Herculano.

À Sociedade de Autores e Compositores (não sei o resto) que é tão lampeira em cobrar direitos por coplas, vilancetes, canções, etc., que os autores por vezes não recebem e por vezes não querem receber (porque deram dados os seus versos, por exemplo, ao compositor Lopes Graça) mas que ela cobra cobradoramente, sociedade onde, creio, está o mais televisivo e portanto o mais cosmo-espacial, dos poetas, o sr. David Mourão Ferreira.

Entre pessoas lembro, porque é o homem que mais semanalmente «se bem se lembra» o sr. Vitorino Nemésio. Que em desconto dos seus pecados, leve quatro sábados de TV a ocupar-se assuno, ele que está em dívida (e e caloteiro, nisso)para com Alexandre Herculano, pertencendo ainda por cima á comedora de direitos Madame Bertrand (o sr. Vitorino Nemésio prometeu publicar outros inéditos, mas já não «se bem se lembra»).

E de esperar que o sr. Lopes de Almeida, após 27 anos de leitura quotidiana dos inéditos, se reforme e os entregue (se acaso os tem). Mas pode tomar-se a iniciativa de o reformar. E merecido: E que se lhe dê uma bolsa vitalícia. Também merecida e marsupial, cumulativamente.

Globe-trotter, diletante, em todo o caso sugiro à Associação Portuguesa de Escritores que recomende com a força que lhe for possível se quiser ter a força que lhe cabe, tomando sobre si o assunto que não deve deixar fugir da sua iniciativa, o nome destes intelectuais de competência e rigor se ocuparem da edição de Herculano: Vitonio Magalhães Godinho, J. Barradas de Carvalho, Armando de Castro, António Borges Coelho, Joel Serrão, Oliveira Marques.

Poderia referir outros casos talmente feios,e talmente sujos. Uso porém aquele conselho de meu primo Voltaire: «Ce'est vrai que j'ai un cul. Ah, mais je porte des culottes».

E é verdade. V. Excias vêm.

JOÃO DA EGA

Leia este texto até ao fim. Vamos pensar juntos no dia de amanhã...

O FUTURO NÃO SE ADIVINHA: APRENDE-SE!

A segurança da família depende em grande parte, senão na totalidade, de si. Ora, a sua vida **não está,** exactamente, na sua mão.

Já pensou nisto?

1 – Se fizer um Seguro de Vida por prazo determinado – digamos, 20 anos – e chegar ao fim do contrato de boa saúde, como esperamos, sabe as vantagens que isso lhe traz?

2 – Se tiver, ocasionalmente, um problema financeiro a exigir rápida solução, sabe como um Seguro de Vida o pode ajudar?

3 – Um acidente nem sempre é mortal. Pode provocar uma incapacidade permanente. Sabe como o Seguro pode minorar essas consequências?

4 – Se tivesse morrido ontem – em que condições se encontrariam hoje os seus?

As Companhias de Seguros respondem-lhe:

1 – Ao fim dos 20 anos (que podem ser 25, 30...) receberá a importância que capitalizou quase sem dar por isso, através do Seguro de Vida, na sua totalidade ou sobre a forma de uma renda. Ou seja: um excelente apoio para aquela idade em que os cabelos começam a branquear.

2 – A sua Companhia de Seguros poderá conceder-lhe um empréstimo, garantido pela sua apólice, se qualquer problema financeiro o apoquentar. Mais: nunca deixa de estar coberto pelo Seguro que fez, durante o prazo desse empréstimo.

3 – Existem coberturas complementares que possibilitam o pagamento de indemnizações, em caso de invalidez permanente.

4 – No caso extremo que referimos, muitas hipóteses se podem pôr. São os filhos a educar, é a casa ou o carro que ainda não estão pagos, é o nível de vida dos seus que precisa de se manter.

O Seguro não evita necessariamente que as coisas aconteçam. Ele serve, sobretudo, para lhes minorar as consequências.

As Companhias de Seguros existem para cuidar do seu Futuro. Confie nelas. Directamente, ou através dos seus Agentes e Vendedores.

ESPIRAL

O SEGURO PROTEGE O FUTURO

Cinema
LEITURAS

SOBRE "VIDA EM FAMÍLIA"

EDUARDO PRADO COELHO

Retomo (brevemente) a questão **Family Life** __como havia prometido __, não por mero gosto da contradição, mas por necessidade de aprofundar razões de divergência. E, neste caso, o ponto de partida era uma anónima nota do **Cinéfilo,** inserida no n.º 2, transformada no n.º 3. Onde se lia:

1) «um filme todo contente consigo mesmo: seguramente ancorado nos equívocos baixios da «objectividade», em nenhum momento do discurso um barco chamado desejo se solta desse voluntário constrangimento».

Comentário: observe-se a metáfora marítima («ancorado», «baixios», «barco»), que permite, no termo, um exercício de **conotação autonímica** (a expressão entende-se por si, mas é, na sua forma, alusão a uma expressão semelhante): «um barco chamado desejo», que joga aqui com a substituição no eixo paradigmático «eléctrico/barco» __ alusão que o homem de letras, e sobretudo o cinéfilo, logo reconhecem (o **Cinéfilo** está cheio disso).

O problema aqui parece-me duplo: num primeiro tempo, eu não vejo qualquer objectividade num filme que é todo ele uma **argumentação** em que cada sequência poderia ser alínea dum ensaio sobre psiquiatria e anti-psiquiatria: o trabalho, a relação com os pais, a sexualidade, a relação com os da mesma geração, a administração, a escola, o saber, etc.. Pressupor que o filme é um modelo de «cinema-verdade», gizando-se em termos de objectividade e neutralidade, é não ter entendido absolutamente nada do seu funcionamento.

Esta confusão é curiosamente desenvolvida na nota de **Cinéfilo** n.º 3: «este filme labora num **erro**: o de dar a objectividade como inocência e a «denúncia» como moral. De facto, tudo neste filme é construído, desmentindo a tal **posição** «neutral» e central que permitiria as análises «claras e directas».

Vejamos: este comentário pressupõe que o filme, sendo construído, se permite aparecer com a inocência da objectividade, o que seria iludir a boa-fé do espectador; em segundo lugar, parece depreender-se daqui que só um filme não construído, e em posição neutral, permitiria análises claras e directas __ como se a análise eficaz pudesse derivar de um real objectivo e espontâneamente significativo, e não de um real trabalhado pela teoria e didacticamente exposto. O crítico afunda-se aqui perto dos equívocos baixios da objectividade.

Num segundo tempo, e estamos ainda em análise da frase acima citada, pedir ao filme que nele se soltasse «um barco chamado desejo» era bonito, claro, mas era pedir o que o filme não podia dar a não ser que se **traísse**: porque se há um tema neste filme, é o da **ausência do desejo** (induzida de pais a filhos), do bloqueamento total provocado pela esquizofrenia. Pedir o desejo era exigir que o filme de discurso didáctico se transformasse em exercício estético, em poetização da loucura __ o que corresponde seguramente ao **desejo** do crítico que tem uma imagem sobretudo literária da loucura, imagem aqui **frontalmente** recusada (com uma excepção: o jardim pintado de azul).

Daí o absurdo da comparação com **Lillith** __ filme que não tinha nada de discurso didáctico, e que era, isso sim, um admirável discurso estético. Mas não admitir que um discurso didáctico seja possível em cinema parece-me tão caricato como seria impedir Cooper ou Mannoni de escreverem pelo facto de existir Lautréamont ou Roussel. Não o entender é certamente um equívoco **político**.

2) «se a história que se vai filmar implica pôr em cena (em questão) a máquina repressiva da psiquiatria, é necessário pôr-se em causa a relação que a análise concreta (a «objectividade», pois) estabelece com o próprio estilo a assumir (a **técnica narrativa** a usar)».

Que o crítico leia, por exemplo, Laing. Ou Mélanie Klein. Ou, se quiser, Gisela Pankow. Encontra normalmente vários casos. Recordemos, por exemplo, o «caso Dominique» de Françoise Dolto. Seria natural objectar-se a Dolto não contar ela a sua história no estilo de Joyce, Borges ou Guyotat? Não creio. As histórias são aí contadas segundo a forma tradicional de contar histórias, com tudo o que essa forma tem de convencionalidade submetida a exigências semióticas da narração (a lógica dos possíveis narrativos) ou a imposições de ordem cultural (como se sabe, toda a comunicação implica um cálculo da novidade, um jogo económico de informação-redundância-ruído).

Ninguém parece duvidar que Laing ou Cooper ou Basaglia põem em causa a máquina repressiva da psiquiatria __ mas ninguém teve o despudor de lhes pedir que eles utilizassem uma técnica narrativa de vanguarda __ pois não? Aliás, o filme não se ocupa propriamente da psiquiatria como aparelho repressivo (não há violência), mas da psiquiatria o que é mais grave __ como meio (suave e sabedor) de destruição na qualidade de aparelho ideológico que interioriza no sujeito a evidência da sua loucura.

3) «o esquematismo ideológico que o filme aproveita: esta crónica de uma esquizofrénica é-nos mostrada segundo a vulgata freudiana: papá, mamã, édipo, castração». Aqui o crítico **continuemos na metáfora marítima** mete água.

A prova do «esquematismo» é-nos dada: calculem que o filme segue **a vulgata freudiana!** Não sabemos aqui do que se traga ao certo: se todo o pensamento freudiano é qualificado de «vulgata» (porque «papá, mamã, édipo e castração» são efectivamente eixos da obra de Freud), se o erro do filme está em servir-se de um Freud **reduzido a vulgata** (e neste caso seria de dizer como é que a vulgata deturpa o sentido de «papá, mamã, édipo, castração»). A explicação de tudo isto é simples: o crítico decalca aqui uma fórmula de Deleuze-Guatarri em **L'Anti-Oedipe,** limitando-se assim à vulgata «deleuziana». O que se insinua para os entendidos é que é **em nome de Deleuze-Guatarri** que o crítico proclama aqui a sua condenação. Talvez seja precipitado. Registe-se, apenas em plano anedótico, que, na clínica em que Félix Guatarri figura como um dos responsáveis, La Borde, se exibiu para os «doentes» o filme **Vida em Família** (veja-se a reportagem de **Le Nouvel Observateur,** n.º 443, 7 de Maio de 1973).

Mas há mais: o crítico apela aqui para o exemplo e recordação de **Lillith,** e isso é bem curioso, porque embora sem esquematismo, o filme de Rossen girava, esse sim, em torno da relação com a mãe, de édipo e da castração. O que não acontece em **Family Life,** que nunca procura ser redutoramente explicativo.

Em terceiro lugar, há o **Anti-Édipo.** É bom que as pessoas leiam, mas convém que não leiam **demasiado depressa.** O tema do **Anti-Édipo** não é a enixistência de Édipo, nada disso. «Nunca dissemos que a psicanálise inventava Édipo. Tudo mostra o contrário: os sujeitos da psicanálise chegam já edipianizados, pedem mais, voltam a pedir... (...). O que os psicanalistas fazem é apenas apoiar o movimento (...) Mas Édipo faz-se em família, não no gabinete do analista, que apenas age como derradeira territorialidade. E Édipo não é feito pela família. Os usos edipianos de síntese, edipianização, triangulação, castração, tudo isso remete a forças um pouco mais poderosas, um pouco mais subterrâneas do que a psicanálise, do que a família, do que a ideologia todas reunidas. Estão aí todas as forças da produção e de repressão. É que são precisas, na verdade, forças bem poderosas para vencer as do desejo...» (Deleuze-Guatarri, **L'Anti-Oedipe,** pp. 144-145). «Não queremos dizer que a psicanálise inventa Edipo. Ela responde à procura, as pessoas chegam com o seu Édipo. A psicanálise apenas eleva Édipo ao quadrado, Édipo de **transfert,** Édipo de Édipo, no divã como pequena terra lamacenta. Mas, familiar ou analítica, Édipo é fundamentalmente um aparelho de repressão sobre as máquinas desejantes, e não uma formação do próprio inconsciente». (**L'Arc,** número sobre Deleuze, p. 50).

Mas consideremos um último ponto: «De que adoece o esquizofrénico, já que não é da esquizofrenia como processo? Que transforma o salto em queda? É pelo contrário, a suspensão forçada do processo, e a sua continuação no vazio, ou o modo como ele é forçado a transformar-se em fim. Vimos nesse sentido como a produção social produz o esquizo doente: construído sobre fluxos decodificados que constituem a sua tendência profunda ou o seu limite absoluto, o capitalismo não deixa de contrariar esta tendência, de conjurar este limite, substituindo-os por limites relativos internos que ele pode reproduzir numa escala cada vez maior, ou por uma axiomática de fluxos que submete a tendência ao despotismo e à repressão mais firme. É neste sentido que a contradição se instala (...). A partir daí, três eventualidades se esboçam: ou o processo é detido, o limite da produção desejante é deslocado, desfigurado, e passa agora para o sub-conjunto edipiano. Então o esquizo é efectivamente neurotizado, e é esta neurotização que constitui a sua doença. (...). Ou o esquizo resiste à neurotização, à edipianização (...). Neste segundo caso, o processo confrontado com uma neurotização a que resiste, mas que basta para o bloquear de todos os lados, é levado a tomar-se a si mesmo como fim: produz-se um psicótico, que não escapa ao recalcamento delegado propriamente dito senão para se refugiar no recalcamento originário, fechar-se em si num corpo sem órgãos e fazer calar as máquinas desejantes. (...). Ou então a terceira hipótese: o processo começa a funcionar no vazio (...)» (**L'Anti-Oedipe,** p. 435).

Fácil é de ver que: a) **Vida em Família,** que é um filme sobre a cumplicidade de instrumentos convergentes da produção da loucura-doença, do psicótico, deveria ter Édipo em primeiro plano, precisamente ao contrário do que o crítico pretendia; b) **Vida em Família** não é uma crónica estética de um processo de esquizofrenização, mas uma «tese» fílmica sobre a blocagem da esquizofrenização, sobre o estancar do desejo, sobre a retancar do desejo, sobre a repressão das máquinas desejantes (o que torna pitoresco que

Continua na pág. nove

OPÇÕES

(código: ★ com algum interesse; ★★ a ver; ★★★ bom; ★★★★ muito bom; ★★★★★ excepcional)

__ **O enforcamento** («Koshikei») no Estúdio
Real.: Nagisa Oshima
Uma indiscutível obra-prima do cinema contemporâneo, sobre o desejo, a realidade e o imaginário. E ainda: o mais inteligente filme em torno do sujeito, sua identidade, sua culpa, seu nome. Um argumento extraordinário, uma realização assombrosa. Não perca __ isso seria imperdoável. (Classificação: ★★★★★)

__ **Autópsia de um crime** («Sleuth») no Londres
Real.: J. L. Mankiewikcs
Dois grande nomes defrontam-se: com eles se defrontam duas inteligências, duas etnias, duas classes, duas formas de vida, duas idades. O jogo é grande, e Mankiewikcs é que o conduz: jogo de morte e de lucidez, sádico e requintado. Este cinema é simultaneamente rigoroso e fascinante. A não perder. (Classificação: ★★★★)

__ **Vida em Família** («Family Life») no Estúdio 444
Real.: Kenneth Loach
A importância deste filme não é apenas estética __ é política. Isso acontece, e muitas vezes até quando a política é o menos visível. Não é um filme «objectivo» nem qualquer exemplo de «cinema-verdade». É um discurso didáctico __ implacável, irrespirável. A não perder. Classificação: ★★★★★)

__ **Regresso de África** («Retour d'Afrique») no Satélite
Real.: Alain Tanner
Um filme que sabe a Maio-68 com o que isso tem de saber bem: inteligente, e sobretudo simpático, nele passa, sem muito ferir, a saturação duma determinada mitologia de esquerda e o vento inesperado e exaltante da utopia. (Classificação: ★★★)

__ **Luís da Baviera** («Ludwig») no Império
Real.: L. Visconti
Uma experiência de pesadelo: Visconti reduzido à caricatura dos seus fantasmas. O que é penoso, doloroso, insuportável. Vê-se agora com toda a nitidez a retórica empolada e ridícula, o progressismo oco, a falsa historicidade, e o puro e simples desacerto. Quanto mais nobre faz mais de alto Visconti cai. (Classificação: ★)

__ **Amor à italiana** («Avanti») no São Jorge
Real.: Billy Wilder
Este filme é simultaneamente: um divertimento insuperável; uma reinscrição no seu espaço mítico do nosso mito da comédia americana; um excelente argumento, um excelente diálogo, uma excelente interpretação; um cálculo muit sábio de referências dispersas à italianidade, à americanidade e à modernidade. A ver, a pensar. (Classificação: ★★★)

__ **Ensina-me a viver** («Harold and Maud») no Apolo 70
Real.: Hal Asby
Uma reflexão moral falsa e frágil: da excentricidade na vida e no cinema como chave para todos os êxitos. Demagogia apenas. (Classificação: ★)

CICLO DE LIÇÕES COMEMORATIVAS DO IV CENTENÁRIO DA PUBLICAÇÃO DE «OS LUSÍADAS»

(no XLVIII Curso de Férias da Fac. de Letras de Coimbra)

- pelos Profs. Costa Ramalho, Ofélia Paiva Monteiro, Aníbal Pinto de Castro, Aguiar e Silva e Salvador Dias Arnaut.
- volume de 128 págs. com índices de nomes próprios e de gravuras, prefaciado pelo director da Faculdades de Letras de Coimbra.

À VENDA NAS LIVRARIAS / PREÇO: 80 ESC.

EDIÇÃO DA COMISSÃO EXECUTIVA DO IV CENTENÁRIO DA PUBLICAÇÃO DE «OS LUSÍADAS»

O CASO DO "TEATRO NACIONAL"

PROPOSTA DE DISCUSSÃO

. Não é cómoda a posição de quem se propõe estudar o teatro português e ao mesmo tempo sugerir soluções, ainda que provisórias, para alguns dos seus problemas, pelo facto de esse estudo e essas soluções não poderem deixar de ter em conta as realidades estruturais em que assenta o nosso teatro, *embora não possam ir além de um ponto de vista caracterizadamente reformista.* Esse carácter de classe (burguesa) já que qualquer política que não pretenda ir além desse espírito reformista não pode deixar de ser classista . implica a aceitação de soluções parciais, portanto ilusórias, mesmo que se apresentem apenas com o referido carácter circunstancial.

Seria, pois mais cómodo proclamar que o rei vai nu (coisa que toda a gente sabe) e que nem sequer vale a pena tentar disfarçar-lhe a nudez porque esses problemas serão resolvidos a outro nível embora, por outro lado, tal atitude não passasse igualmente de mera atitude. Estar, pois, ciente da precaridade, tanto sob o ponto de vista teórico como prático, não só deste artigo como de toda a prática crítica, mesmo daquela que se proclama subordinada à formulação da luta de classes.

Insisto, a partir destas verificações óbvias, na possível utilidade de levantamento de problemas ou seja da discussão da realidade portuguesa, neste caso do teatro que temos e do teatro que devíamos e podíamos ter.

Como se sabe, tem sido acidentada a carreira do Teatro Nacional após o incêndio do edifício do Teatro D. Maria II. Os juízos que se façam sobre a actividade da Empresa Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, à qual tem competido desde há dezenas de anos preencher a missão de dar vida ao Teatro Nacional, não pode deixar de ter em conta os azares de que tem sido vítima. E, pois, dentro dessa fronteira que vamos tentar a análise dessa actividade.

Antes de mais nada, não posso deixar de levantar uma primeira questão, que diz exactamente respeito ao longo período, sucessivamente renovado, da gestão do Teatro Nacional pela referida empresa. Não se entende muito bem por que ao longo destes quarenta anos não se viu a necessidade de uma renovação do espírito e dos métodos utilizados — renovação de que a Empresa Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro não se mostrava capaz (eis,pois, um ponto da nossa realidade onde não chegou a soprar o ventinho da célebre Primavera; no Teatro Nacional, continuidade foi sempre a palavra de ordem.

Digo isto, tendo em consideração dois factores: (1) Não me move qualquer má-vontade pessoal contra os responsáveis da Empresa Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro a propósique convém sublinhar sempre que se faz uma crítica menos simpática; (2) Não ignoro que aquela companhia, embora nacional, não está ao abrigo de certas dificuldades que impedem uma livre expansão do teatro em Portugal.

Estes dois pontos, todavia, não deverão impedir-nos de traçar o diagnóstico das enfermidades que definem a actividade do Teatro Nacional e adquiriram há muito características de doença crónica. Vou aproveitar-me, para esse efeito, de uma circular distribuída pela Empresa Amélia Rey Colaço-Robes Monteiro a propósito das suas bodas de ouro que este ano se comemoraram (justamente em silêncio). Vejamos o teor dessa circular:

. A Empresa Rey Colaço-Robles Monteiro comemora, este ano, meio século de existência. Desses cinquenta anos, quarenta e quatro foram passados como concessionária do Teatro Nacional D. Maria II.

Ao longo destas cinco décadas, Amélia Rey Colaço, primeiro com seu marido e, após a morte deste, sozinha, levou à cena, cerca de meio milhar de originais na sua esmagadora maioria portugueses.

Em 1946, quando se comemorou o 1.º centenário da fundação da casa de Garrett, foi publicada uma «História do Teatro Nacional D. Maria II», da autoria de Gustavo de Matos Sequeira, na qual se relatam dezassete anos de trabalho daquela empresa e dos artistas empresários e seus contratados.

Três anos após a publicação destes dois volumes, Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro deram ao prelo um outro livro intitulado «Vinte Anos do Teatro Nacional», obra de tiragem reduzida, só distribuída por colaboradores e amigos da casa.

De 1949 para cá nada mais foi publicado sobre a actividade desta companhia, receando-se que as vicissitudes do tempo e dos acontecimentos tornem difícil, se não impossível, tal trabalho. Dois incêndios, primeiro o do Teatro Nacional D. Maria II e, mais tarde, o do Teatro Avenida, vibraram um golpe profundo no espólio da empresa concessionária do teatro do Estado. Não desejando, porém, deixar passar o cinquentenário da sua companhia sem o assinalar da forma possível, embora modesta, Amélia Rey Colaço reuniu algumas fotografias documentais de 60 dos 168 espectáculos realizados de 1949 a 1973, expondo-as no átrio do Teatro da Trindade.

Saliente-se que desses 168 originais subidos à cena, nesse período, 116 foram estreados e 52 repostos. Deles, também, a esmagadora maioria é composta por peças portuguesas, algumas de jovens que no Teatro Nacional iniciaram a sua carreira de dramaturgos.

Assinale-se ainda a existência, nesta exposição, de um pequeno sector dedicado aos artistas plásticos. António Soares, Almada Negreiros, Jorge Barradas, Stuart Carvalhais, Eduarda Malta, Raul Lino, Maria Adelaide Lima Cruz, Leitão de Barros, Cotinelli Telmo, Júlio de Sousa, Lucien Donnat, João Vieira, João Abel Manta, António Botelho, Fernando Bento, Paulo Guilherme, Pedro Leitão, são alguns, entre algumas centenas, dos artistas que criaram cenários e figurinos para o teatro nacional.

A maior parte destas maquetas consumiu-as o fogo. Apresentamos algumas das quais foi possível salvar de tão cruel destino. Figurinos, adereços de cena, tudo, enfim, quanto poder tornar mais aliciente uma exposição de índole teatral, criando nela um clima de mistério e de encantamento, sossobrou.

Resta-nos esta pequena amostragem de vinte e cinco anos de trabalho, que deixamos à consideração do público, porventura esquecido do que tem sido o nosso labor.

Para os de boa memória, estamos certos de que estes «25 Anos de Teatro Nacional» hão-de constituir um desfilar de boas recordações, tanto quanto o permitem as oscilações desta ingrata profissão, que vive da derrota e do êxito, da atracção e da repulsa entre o actor e o seu público.

Fixemos estas palavras: mistério, encantamento, derrota e êxito, atracção e repulsa entre o actor e o público . pois, talvez sejam a chave que nos ajude a descobrir a concepção que a Empresa Amélia Rey Colaço faz do teatro.

Analisemos mais de perto o que foram esses 25 anos de actividade do Teatro Nacional através da lista que orgulhosamente foi enviada com a circular referida. Vejamos os números: 168 peças apresentadas o que dá uma média de 6,7 peças por temporada, média surpreendente quanto é certo que nas últimas temporadas a companhia se tem limitado a apresentar dois ou três espectáculos. Dessas 168 peças, 116 foram estreias e 52 reposições, o que dá quase 50 por cento de reposições, o que me parece excessivo.

Mais importante, contudo, é o conhecimento das peças e dos autores apresentados, sintomáticos de uma determinada «política de espírito», como antigamente se dizia,

Assim, em relação ao teatro português, encontramos nomes como os de Gustavo Matos Sequeira, Francisco Mata, João Gaspar Simões, Chagas Roquete, Pedro Lemos, Virgínia Vitorino, Augusto de Castro, Elvira de Freitas (?), Teresa Leitão de Barros, Lucien Donnat, Varela Silva, João Osório de Castro, Ângelo César, Afonso Botelho, Nuno Moniz Pereira,

Em relação aos dramaturgos estrangeiros, o panorama é igualmente desanimador: desde Somerset Maugham a Paul Nivoix (?), de Edouard Sheldon (?) a Martinez Sierra (?), de Ruiz Iriarte a Bernstein, de Calvo Sotelo a J. M. Segarra, de Barilley et Crédy (!) a Robert Thomas (!), de André Roussin a Marc Gilbert Sauvauvajon

Se tivéssemos de falar das ausências, não acabaríamos este artigo mas não posso deixar de lamentar, embora não esteja surpreendido por se tratar de uma consequência de uma terminada visão do teatro, a de dramaturgos como Eugene O'Neill, Frank Wedeking, Kleist, Jean Giraudoux, autores isabelinos, além de Shakespeare, Beckett, John Osborn, T. Williams, Wesker, para citar apenas alguns nomes quase ao acaso. Além disso, verificamos esta coisa dramática que consiste no facto de o teatro nacional apresentar dramaturgos de qualidade aparentemente como alibi cultural para uma actividade cujo carácter anticultural parece evidente. Em 25 anos, a Empresa Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro apresentou (calcule-se): 1 Strindberg, 1 Ibsen, 1 Tchekhov, 2 Pirandellos, 1 autor grego, 3 Shakespeares, 1 Hauptmann, 1 Bernard Shaw — isto para citar apenas autores clássicos cujo conhecimento extensivo teria sido fundamental para a formação dos espectadores portugueses se se pretendesse que esses espectadores estivessem em contacto cum uma história viva do teatro, o que competiria, creio, a uma companhia como esta.

Não se trata, é bom de ver de problemas de censura o de outras motivações do género: trata-se, como disse, de um problema de concepção da prática teatral, a qual não se adequa com as responsabilidades de um teatro nacional.

E claro que a escolha do reportório é importante mas não se pode separar do tratamento cénico que esse reportório sofre. Aliás, o critério da escolha do reportório está ligado aos pressupostos estéticos que esse critério implica — e esses critérios não podem deixar de ser os mesmos na sua passagem à realidade cénica, sejam os textos bons ou maus.

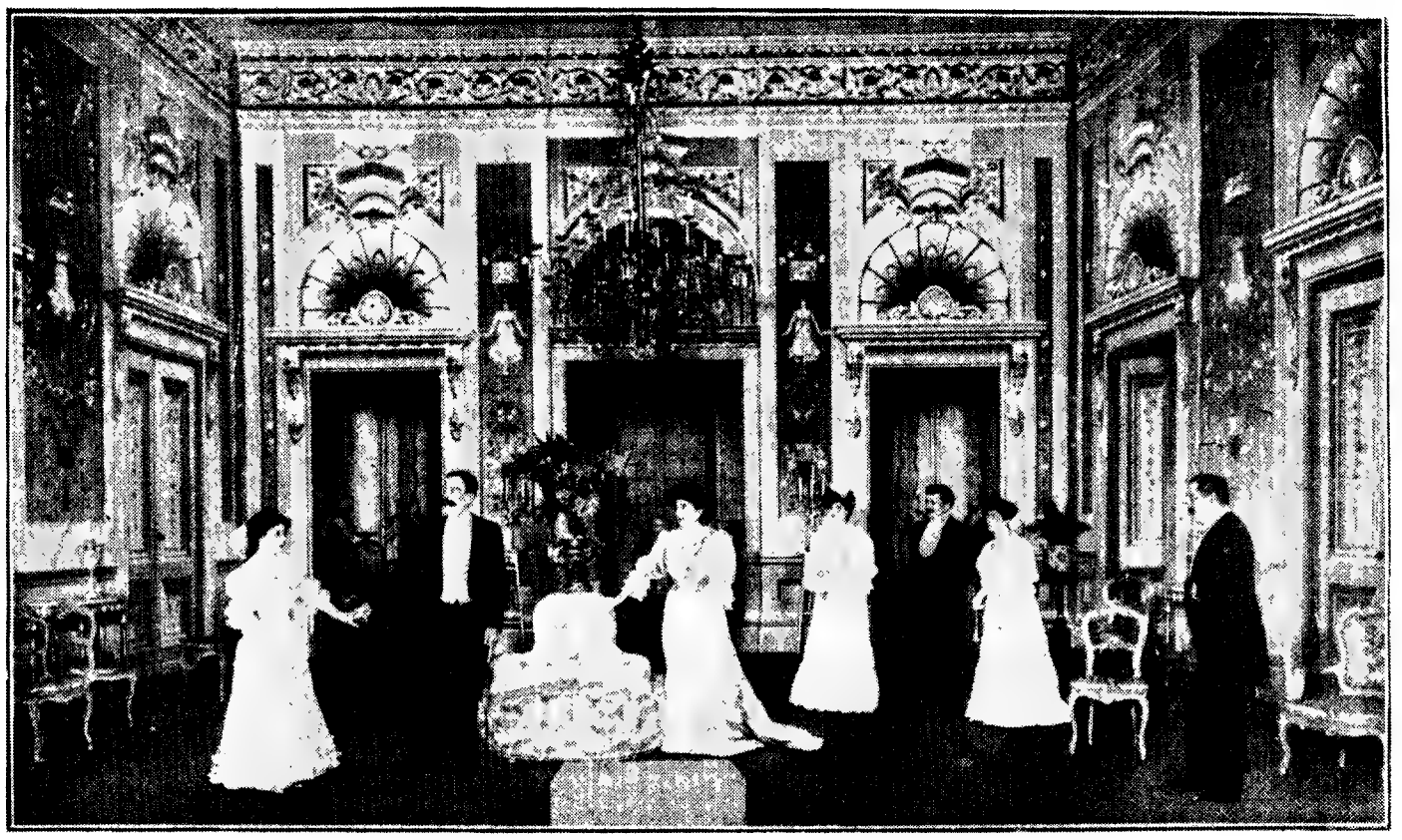
A composição da companhia e a organização das suas estruturas são importantes para o entendimento da *realidade teatral* que tem sido o teatro nacional. Tanto uma como as outras impõem, ao mesmo tempo que se subordinam, um determinado estilo que, diga-se de passagem, tem sido mantido com certa coerência embora se tenham agravado as características que o marcam. Fala-se depreciativamente num estilo «à Nacional», tendo em conta, ao mesmo tempo, o tipo de representação dos actores . declamatório e pomposo, procurando uma valorização errada do texto , o enquadramento cenográfico sempre ignorando a função significante que deve ter e procurando uma realidade que exclamações do género *que bonito! que luxo!* — definem bastante bem; ainda a marcação, naturalmente condicionada pelos dois elementos referidos e, portanto, a leste de qualquer preocupação de linguagem.

Se ao longo destes 25 anos foi possível apreciar alguns espectáculos que superaram a mediocridade habitual, os espectáculos do teatro nacional denunciam habitualmente a ausência de uma concepção actualizada do teatro. Por isso, compreende-se facilmente que o factor reportório não é causal mas sim consequente daquilo a que chamarei a incapacidade dos responsáveis — teatro nacional em entenderem evolução do teatro e das suas leis no que se refere a todos os aspectos da prátvica teatral, incluindo o fundamental das relações com o público a fazer todos os dias.

Assim, o Teatro Nacional atingiu o nível mais baixo da sua carreira; o seu desprestígio tem sido traduzido pelo desinteresse do público, de uma forma geral; pelo desprezo do público mais jovem que tem manifestado esse desprezo de duas maneiras: pela pateada e pela ausência.

No meio de tudo, já nem sequer evoco o critério de escolha no que se refere aos encenadores estrangeiros convidados; não falo nos erros de distribuição por vezes tremendamente suspeitos; não falo no desinteresse que a companhia revela na formação e aproveitamento de novos artistas (autores, actores, encenadores, cenógrafos).

Temos, pois, de um lado, esta realidade: uma companhia



Não é um espectáculo do Teatro Nacional, mas podia ser! Repare-se no cenário, figurinos e marcação: trata-se de um espectáculo de 1906!

Montagem fotográfica no programa da peça «Equilíbrio Instável», de Albee.

de teatro que é nacional (a única); do outro, temos uma empresa que há mais de quarenta anos vem preenchendo essas funções. Analisada, embora por alto, a forma como aquela desempenhou essa missão, é tempo de alinharmos algumas ideias sobre qual poderia ser o projecto de um teatro nacional e como deveria concretizar-se.

Um organismo vivo — a banalidade da proposta está na razão directa da pobreza da situação de que partimos, pois a primeira crítica que podemos fazer ao Teatro Nacional é o de ser um organismo destituído de vida de que a apresensção rotineira de dois ou três espectáculos é triste arremedo.

Um organismo vivo cuja projecção seja efectivamente nacional. Não se pode aceitar que o Teatro Nacional exerça unicamente funções locais, esquecendo-se, como quase sempre, que Portugal não é Lisboa.

Um organismo vivo cuja projecção seja nacional, estruturado de tal maneira que possa mobilizar o interesse de vastas camadas de público colhidas nos vários extractos que o compõem. Porque um teatro nacional não poderá dedicar-se a «fazer flores» para a alta burguesia lisboeta. Façamos um esquema que, aliás, não pretende mais do que apontar hipóteses de trabalho. Uma comissão formada por cinco membros (por exemplo, um dramaturgo, um crítico, um actor, um representante da empresa, um espectador anónimo) proporia uma reorganização do teatro nacional a partir das necessidades esboçadas acima e de outras que entendesse.

Essa comissão responsabilizar-se-ia pelo plano de actividade do teatro nacional, o qual deveria ter como objectivos: a realização de um reportório de que participassem, de forma coerente, autores clássicos e contemporâneos dedicando uma atenção especial ao autor português; a realização de espectáculos de carácter mais experimental em que artistas jovens (autores, actores, etc.) pudessem ensaiar novas formas de expressão teatral; a realização de «tournées» regulares por todo o país, o que exigiria o desdobramento da companhia.

Para atingir estes objectivos, os quadros da companhia deveriam ser suficientemente elásticos, de forma a que as necessidades tanto em relação a actores como encenadores, cenógrafos e técnicos fossem satisfatoriamente preenchidos (por outras palavras, um teatro nacional não deveria ser o feudo dos Lucien Donnats, Pedro Lemos e Varelas Silvas lá do sítio).

Estabelecido, com a indispensável antecedência, o programa de uma temporada (incluindo as «tournées»), uma outra comissão (de que fariam parte especialistas na matéria) procuraria fazer a promoção desses espectáculos junto de todo o público, mas muito especialmente do público que não vai ao teatro. Ter-se-ia em consideração o facto de os bilhetes deverem ser vendidos, a preços especiais, por intermédio de sindicatos, associações académicas e outros organismos colectivos. Não precisarei de voltar a lembrar que o interesse pelos espectáculos desse público potencial depende não só da qualidade como do tipo de inquietação que lhes fossem propostos. Se fazer espectáculos é importante, igualmente importante será enquadrá-los noutras actividades que quebrem o isolamento em que o teatro está, sem culpas, metido. Por isso, um teatro nacional digno desse nome deveria ter as portas abertas para discussões sobre os espectáculos em curso ou sobre os seus projectos; deveria ser um lugar de convívio onde se pudessem consultar revistas e livros, da especialidade e não.

Um teatro nacional seria um organismo vivo — e só assim seria teatro e nacional — se interessasse os seus frequentadores não apenas pelas suas actividades específicas como pelas problemáticas sociais, estéticas, éticas, a que essas actividades estão ligadas. Desde a exibição de filmes até à realização de pequenos cursos de toda a ordem abertos a todos (ou seja, anti-académicos), desde a realização de exposições e de concertos (umas e outros de um tipo que nada tivesse a ver com os que se fazem habitualmente) — haveria uma gama quase inesgotável de actividades capazes de transformar a pedra morta que é o actual teatro nacional no corpo vivo que a sua existência deveria implicar.

E que o resto é... teatro. Agradeço que voltem ao princípio deste artigo.

CARLOS PORTO

JORGE LISTOPAD

FICHAS NA MESA

12,1 — (Os grandes sabem...) . Sabe-se. Marlène Dietrich ainda hoje é o «anjo azul», o mito. Ou a memória do mito. Ou a imaginada memória do mito. Mas o «anjo azul» tenta de vez em quando pôr esse mito à prova. Faz bem, faz mal? De novo, aconteceu isso, agora em Paris, na sala chamada «Espaço Cardin»: o espectáculo é bem montado, preparado com minúcia, a indústria da relojoaria suíça não está longe. A voz de Marlène ainda ressuscita os velhos tempos com relâmpagos de rouquidão sensual, com algo da antiga fascinação erótica. O mistério insinuante, a ambiguidade dos gestos, o riso repentino, todavia, desapareceram. Uma bem conservada dona de casa americana, com 70 anos, dizem, está perante os espectadores, que têm efectivamente alguma dificuldade em sobrepor-lhe a imagem de uma certa mulher alemã da época febril antes da chegada de Hitler, o paradigma do «Cabaret».

E eu, ao vê-la (faz bem, faz mal, ela? faço bem faço mal, eu?), ao vê-la mostrar-se aos «snobs» e aos nostálgicos, sonho: se estivesse aqui Sternberg, Marlène não sairia do casulo sedoso do mito; Josef v. Sternberg, como se sabe, foi o homem que inventou Marlène Dietrich e codificou o universo em que ela se integrou com talento, embora a fama do seu criador (e realizador) não se possa comparar à do seu produto. Mas ela não esqueceu o facto, prova que sabia inteligentemente a origem da glória, os seus limites. Todos os anos, Sternberg, já velho e quebrado, recebia, no dia dos seus anos, flores e a mais recente fotografia enviadas por Marlène, com a teimosamente mesma dedicatória: «Não era nada sem ti. Não sou nada sem ti». Isto conta Sternberg nas «Memórias». A frase sincera, ou apenas em parte, testemunha quem é, quem era Marlène Dietrich. Actriz soberba, mulher inteligente, modesta e sensível, que sabia ou suspeitava que sem a personagem do realizador da craveira de von Sternberg, apesar de todo o talento inato, pouco seria, porque o talento não ficaria solto, liberto. Os grandes, actores e outros, sabem que não nascem nem sós nem ensinados.

12,2 — (Cartazes): Um cartaz publicitário para consumo de laranjas, não vende só a fruta mas também a saúde. Um cartaz que quer abastecer as donas de casa com massas alimentícias, não vende só **spaghetti** (talvez, «made in Portugal»), mas a Itália inteira, turisticamente falando.

Concretamente: os autores dos cartazes com obrigação de a) informar sobre o futuro **Festival de Jazz em Cascais**, para b) provocar interesse de vária ordem, mas que se traduz em c) venda posterior dos bilhetes para o mesmo; pois esses autores deveriam saber antes de tudo o que é que vendem, e, uma vez sabendo, o que querem sugerir para que o negócio venda-compra se feche favoravelmente. Não sabendo bem isso, fizeram da exposição de cartazes na Sociedade Nacional de Belas-Artes, em vez de um pré-festival dinâmico da matéria fascinante que é o jazz, uma chumbada, um desfile amorfo, anódino. Quanto às algumas ideias, sobretudo gráficas e pictóricas que surgiram, raramente eram expressão de uma visualização fulgurante em consequência directa das buscas sociológicas, culturais, semânticas, semiológicas. Por exemplo: o jazz, esse, sumiu-se...

12,3 — (O Enforcamento, mais uma vez): Já foi enviado, caro leitor deste jornal, para o Estúdio pelo Eduardo Prado Coelho; já foi enviado para ir lá ver «O Enforcamento» pelo crítico de serviço, Lauro António: e pelos outros nos outros órgãos de Imprensa. Se também eu, tardiamente, vou falando do filme japonês num tom entusiástico, o leitor bombardeado, até agora paciente, crédulo, ou encurralado já emdefensiva, poderá iniciar-se na **era da suspeita** perante tanta unanimidade, demais declarada. Além disso, o justo entusiasmo da crítica é partilhado com uma certa moderação por parte do público.

Posto isto, sugiro apenas algumas pistas, para os que viram o filme, e que não li nos outros comentários. Mas antes de tudo, se o filme, aquando desta ficha impressa, ainda for projectado no Estúdio, um conselho prático: não ir ver aos sábados, domingos e feriados — os bilhetes são mais caros, e o jornal e a curta-metragem, pelo menos na sessão das 19 horas, ficam na gaveta. Indiferentemente da qualidade (e talvez da pouca perda), o procedimento parece menos correcto.

As pistas, pois. Tecnicamente: como aliás noutro filme anterior do mesmo realizador, que vi há alguns anos no estrangeiro, a câmara trabalha, em certas sequências, com pouco espaço, utilizando enquadramentos não correctos de um ponto de vista ortodoxo, a fim de sugerir a verdade, a autenticidade, como que imagem surpreendente, mal domesticada pelo inesperado e acontecido. Relativamente à personagem principal, de um jovem numa cidade que não é a dele (o outro filme de Oshima teve o mesmo motivo — o rapaz em busca da mulher, propósito com mais banalidade, mas socialmente com maior agudez, com os mesmos tiques e obsessões — erotismo, masturbação, perdição, incompreensão, mulher-fantasma — indo até ao delírio), a sua aculturação, aculturação da memória e da não-memória, faz-nos lembrar o Gaspar da Handke (vidé Ficha 2,2); a obcessão bicicleta-violação sinaliza um outro ocidental, o Robbe-Grillet do primeiro romance «Le Voyeur». Sobre o método psicodramático já se falou; não «happenning» como alguns apontaram, mas psicodrama utilizado aqui «sui generis», sem a metodologia de Moreno, evoca antes as experiências teatrais que provocam os psiquismos latentes, para serem utilizados mais tarde pelos actores na criação dos papeis (Ingmar Bergman). Como salta à vista, as influências ocidentais ou ocidentalizadas são patentes, como aliás outras detectáveis no outro filme de Oshima já citado. Pergunta nossa: o Japão real de hoje não será exactamente aquele? O resto, orientalista, exótico, o que o espectador queria, porventura, encontrar na fita, não é já só folclore?

12,4 — (Corpos e anticorpos): O livro chama-se «Corpos Estranhos» e só quem anda no mundo com os olhos fechados, poderia achá-lo estranho. Tenho a certeza que Mário Henrique Leiria vai lê-lo até ao fim.

Autor: Alberto Pimenta, português relativamente desconhecido, apesar dos cometimentos precedentes «O Labirintodonte» (1970) e «Os Entes e os Antientes» (1971). Gostaria que O'Neill procurasse o texto no seu livreiro habitual. Idem Cesariny.

Embora editado pelo autor, o livro é bonito graficamente feito com piada que corresponde ao texto como a luva para a mão. Se Natália Correia — e os seus amigos — tiverem um pouco de tempo livre, leiam uma noite em voz alta.

Textos livres e rigorosos. Delírios, sem, mas controlados, como é controlado o parto em condições, como é controlada a respiração pelo bom actor. Delírios controlados sim, e mais: distanciados pela ironia poderosa e quase omnipresente. Empresto «Corpos Estranhos» a Luiz Pacheco que não tem dinheiro para compras.

Dada sim, mas igualmente antidada pelo alto sentido político, cívico; directo. Jogos úteis, a lírico que fabrica. Os do e etc receberam? E o Virgílio Martinho, conhece?

. Eros. Polis. Relações humanas e sociais. O resvalar da convenção. O explosivo bem minutado: **timing** da escrita. Armando Silva Carvalho, se não gostar, pago a despesa. Eduardo Prado Coelho já não lê livros deste género?

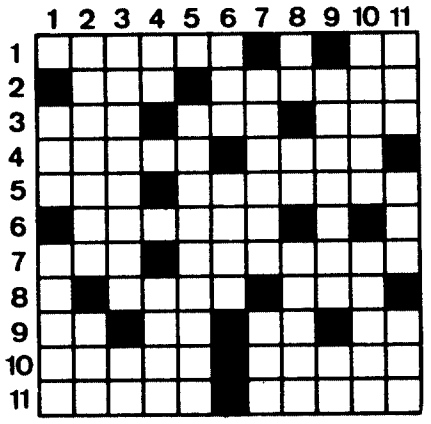
. Finalizo: para não induzir o leitor em erro: O livro «Corpos Estranhos» não é só para os artistas e intelectuais, Lda., mas para todos, rapidamente.

O caricaturista americano Walt Kelly foi vitimado agora pela diabetes, na Califórnia. Contava 60 anos e as aventuras da sua criação «Pogo» (da qual se pode ver um esboço na telefoto) eram publicados em cerca de 550 jornais de todo o mundo. (UPI-Telimprensa-DL)

PASSATEMPOS

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10588



HORIZONTAIS:

1 Menos doente. Tempo do verbo ser. Tempo do verbo ir.
2 Mãe de Romulo e Remo. Enfraquecer (Prov. beir).
3 Apelido. Planta cujo suco é empregado para envenenar as frechas dos Mandingas. Ocasião.
4 Natalício. Prova de regularidade.
5 Historiador alemão, filho do margrave Leopoldo IV da Áustria. Queimados.
6 Guarnecei de arames.
7 Emprega. Grande ave da África.
8 Pantorrilha. Pega.
9 Prefixo de negação. Medida japonesa igual a dois decilitros. Quantum satis. Solitário.
10 Enrubesces. O mesmo que esmar.
11 Ave trepadora. Enguias.

VERTICAIS:

1 Espaço de doze meses. Exclusiva.
2 Corrigendas. Maior.
3 Aquelas que lêm. Rádio (sq).
4 Tempo do verbo haver. Gritar (Gir).
5 Queixosa.
6 Título honorífico na Índia. Amofina.
7 Serôdio. Pronome relativo.
8 Hospedaria oficial, na China (Inv.º). Nesse lugar. Ave columbina da região de Tete.
9 Terrenos incultos. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
10 Desocupado. Casa de grandes rendimentos.
11 Anel. Fecho as asas para descer mais depressa. Romancista e crítico de arte espanhol autor de «A Arte de Goia».

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6745

HORIZONTAIS:

1 Asseguarar. Caixa de dela tapara transportar comida.
2 Mulheres de baixa estatura. Pequeno molusco do Brasil.
3 Troças. Piedosa. Prefixo que designa ar.
4 Servem. 5.
5 Estimais. Falsifica.
6 Baú. Estanca-rios.
7 Tribo indígena brasileira. Içais.
8 Crença. Pronome reflexo.
9 Pronome pessoal.
10 Relata. Separa de outro.
11 Verbais. Habitas.

VERTICAIS:

1 Vaso para água ou flores. Apuro.
2 Liguei. Oportunidade. Atmosfera.
3 Arranhara. Grande.
4 Campeão. Férteis. Medida itinerária do Japão.
5 Ponderas (fig). Emas.
6 Suspiros. Boro (s.q).
7 Descobre. Consentimento.
8 Em partes iguais. Afia. Isolado.
9 Bramara. Tempo do verbo ir.
10 Cidade da Alemanha. Pronome demonstrativo (pl). Nota musical.
11 Que têm olhos azuis. Murchas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10587

HORIZONTAIS

1 BORRACHA.
2 Acerais. Ara
3 Zala. Sovei
4 Gim. Arrã
5 Air. Atice
6 Varri. Ve
7 Nave. Rera
8 Anemia. Es
9 Oó. Ir. Pisar.
10 Varar. Saga
11 Colares. Ba.

VERTICAIS:

1 VAZIA NÃO
2 Cá. Ivanovo
3 Belgrave. Al
4 Orai. Remira
5 Rã. Mar. Irar
6 Ri. TIRA. Re
7 Assai
8 Orçareis
9 Havre. Assab.
10 Area. Agá.
11 Aí. SECURA

Provérbio: BORRACHA VAZIA NÃO TIRA SECURA

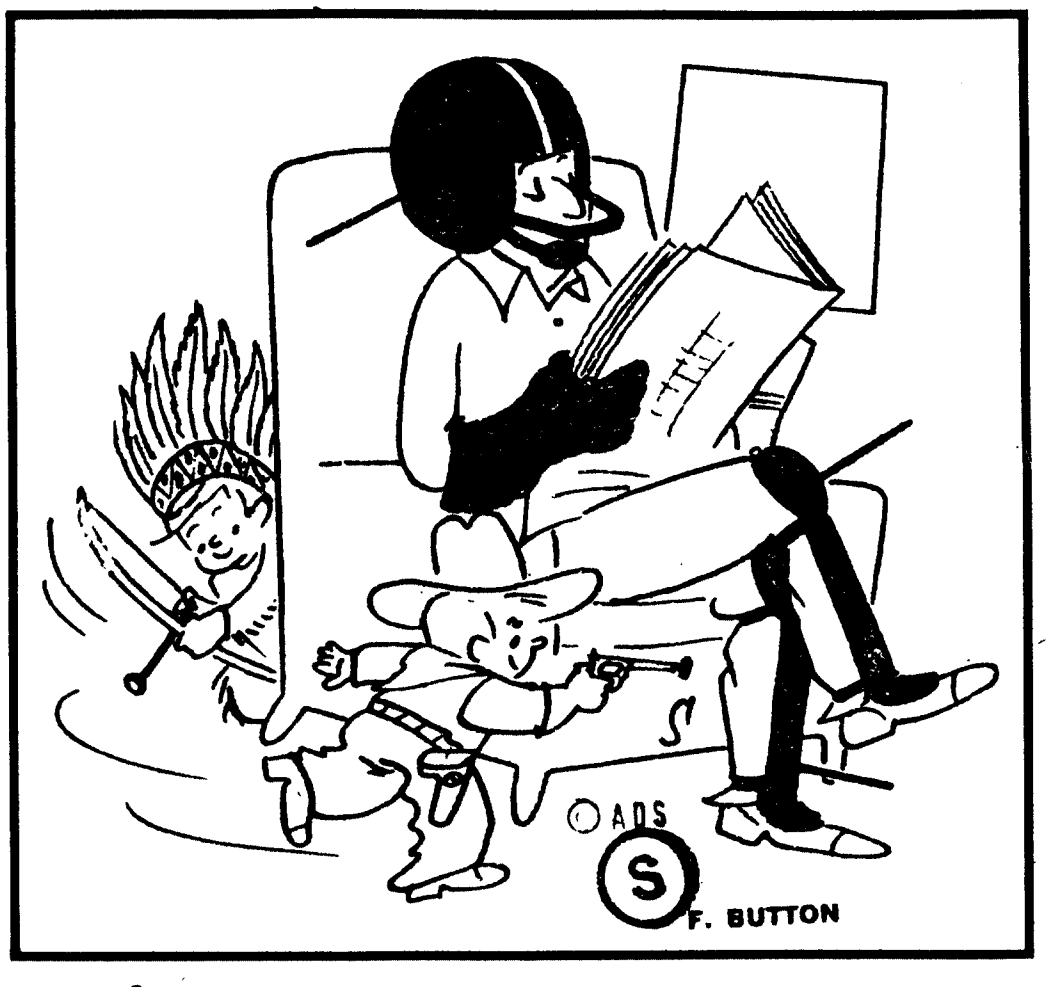
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6744

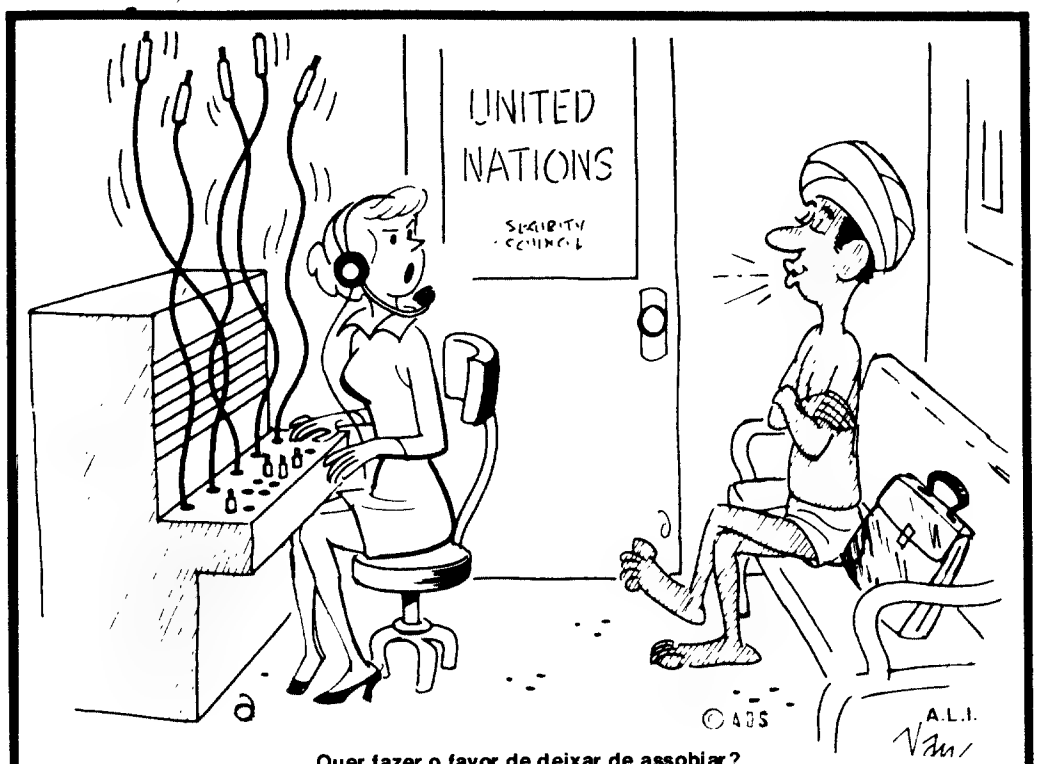
HORIZONTAIS:

1 Paira. Acu
2 Amarraremos
3 Ri. Mói. Mela
4 Copo. Acenar
5 Asa. Asara
6 Segar
7 Más. Doma
8 Irão. Tâmara
9 Sulcaríamos
10 Sa. Aio. Rã
11 Assai. Ola

VERTICAIS:

1 Carca. Missa
2 Mios. Aruá
3 Pá. Passal.
4 Armo. Ocas
5 Iró. Agi. Ais
6 Raia. Troa
7 Ar. Cardai.
8 Emes. Omar
9 Amena. Mamão
10 Colar. Aro
11 Usaras. Asma





Quer fazer o favor de deixar de assobiar?

SOBRE "VIDA EM FAMÍLIA"

Continuação da página cinco

o crítico diga que falta ali o «barco chamado desejo») — creio que o caso de Janice corresponde à segunda hipótese posta por Deleuze-Guatarri: a psicotização; c) **Vida em Família** é portanto **um filme político** que não fala directamente de política.

4) «que não se tome pela lebre do filme político **lato sensu** o gato das boas intenções ou o rato da «denúncia humanista». E que não se tome a superficialidade como uma análise...»

Apetece também dizer: e que não se tome a superficialidade como uma crítica... Porque nós temos um certo direito de perguntar onde está o «humanismo» do filme que permite ao crítico falar de «denúncia humanista»: não é o homem que é um conceito humanista, é o humanismo que é uma problemática que se apropria da palavra «homem» e lhe dá um sentido teórico, e a converte em conceito; e não é em nome de coisa nenhuma que ali se faz a denúncia, mas **em nome de Janice,** apenas, com tudo o que isso implica **de político** (será preciso explicar?). Quando Deleuze; Foucault, Gentis, Guatari e outros fazem denúncias das condições concretas da vida nas instituições psiquiátricas, nos asilos, nos hospitais, **serão denúncias humanistas?** Evitemos o ridículo de sermos mais anti-humanismo. «É preciso tomar cuidado e não confundir o que **politicamente** não pode ser confundido, quando os factos não têm medida em comum. As reacções teóricas humanistas de intelectuais filósofos no Ocidente, e mesmo nos países de Este, é uma coisa. Mas seria politicamente grave pretender julgar e condenar, por causa dum adjectivo («humano») algo como o «socialismo com rosto humano» em que as massas checas exprimiram, mesmo se por vezes de modo confuso, os seus protestos e aspirações de classe e nacionais» (Althusser, **Réponse à John Lewis,** p. 67). Seria preciso que o crítico demonstrasse a problemática anti-humanista do filme para falar da «denúncia humanista»: ou será que todas as denúncias são humanistas?

5) há ainda uma última questão, difícil de tratar agora: uma certa ideologia da política no cinema (definindo-se pela exigência de **uma posição de classe significada** e de um **saber totalizador** sobre os problemas) vem-nos sempre pedir que o filme diga explicitamente tudo. Essa imposição (que pretende por exemplo que o trabalho de um Derrida se inscreva **já** na luta de classes, quando é talvez muito mais útil que ele disso se preserve **por enquanto**, evitando as articulações precipitadas) parece resultar de um gosto de totalização que, curiosamente, é uma marca do poder estabelecido: «o poder tem forçosamente uma visão global ou total», diz Deleuze. E acrescenta: «face a esta política global do poder, devem-se fazer respostas locais, contra-fogos, defesas activas e por vezes preventivas. Não temos que totalizar o que apenas se totaliza do lado do poder...». E Foucault completava: «Quer dizer que a generalidade da luta não se faz certamente na forma dessa totalização de que se falava há pouco, essa totalização teórica, na forma da «verdade». O que faz a generalidade da luta é o próprio sistema do poder, todas as formas de exercício de aplicação do poder». Para Deleuze concluir deste modo o diálogo: «Toda a defesa ou ataques revolucionários parciais articulam-se deste modo com a luta operária» (diálogo Deleuze-Foucault, **L'Arc,** n.º 49). Entre outras coisas, o reformismo consiste em falar em nome dos outros, quando, se o nosso tempo é o tempo do fim da representação, isso leva a que cada um fale a partir dessa base frágil **mas única** que é **falar em seu nome**. Em nome de Janice, por exemplo: e se alguma coisa **Vida em Família** nos diz como moral é isso que nos prova toda a indignidade que existe em falar de alguém, em exercer esse poder, raíz de todo o poder, que é falar em nome dos outros. Que me ouçam bem: quando Janice exige falar em seu nome, **ela exige tudo.**

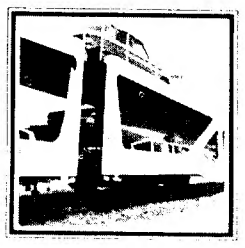
AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR

ÚLTIMAS EDIÇÕES

Lutando pelo Destino Comum *J. M. Silva Cunha*	50$00
Ordenamento Rural e Urbano da Guiné Portuguesa *Gov. da Guiné Portuguesa*	800$00
Relatório das Actividades do Ministério do Ultramar — 1972	40$00
Factos e Figuras do Ultramar *Marcelllo Caetano*	15$00
Passo Histórico *A. Lopes dos Santos*	10$00
Fausto Sampaio *(catálogo)*	50$00
Honório Barreto Português da Guiné *J. Duarte Silva e Teixeira da Mota*	15$00
Fauna Selvagem e Protecção da Natureza	80$00
Na Hora do Arranque.. *Fernando Alves Aldeia*	10$00
Etnografia e Turismo na Região do Cunene Inferior *Carlos Estermann*	180$00

Pedidos: Agência-Geral do Ultramar
Av. da Ilha da Madeira
LISBOA-3

Agora pode poupar mais de 300km de fadiga a conduzir.



Novo serviço diário
AutoExpresso
LISBOA↔PORTO
Início a 23/8 no sentido Lisboa-Porto e a 24/8 no sentido Porto-Lisboa
Caminhos de Ferro Portugueses

3
PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE
Arroz «TREVO»
Arroz «MOÇAMBIQUE»
Especiarias «TREVO»

O seu nome poderá ser famoso!

CONCURSO FOTOGRÁFICO INTERNACIONAL

Nikon 1973

aberto a todos os possuidores de aparelhos fotográficos **NIKON** em todo o mundo — amadores e profissionais.

A alta perfeição mecânica e óptica dos aparelhos **NIKON** torna-os instrumentos de grande valia na produção fotográfica.

Os seus 250 diferentes acessórios e 42 objectivas, representam uma extensa gama de possibilidades que estimulam a criação artística.

No ano de 1971, um grande fotógrafo português conquistou, sensacionalmente, o 2.º Prémio Mundial neste Concurso, glorificando o nome de Portugal!

No ano passado outro notável amador português conquistou também uma boa classificação.

O Júri constituido pelos melhores fotógrafos japoneses, seleccionará os trabalhos dos concorrentes, classificando-os e atribuindo-lhes prémios: medalhas em ouro, prata e bronze, a oferta de valiosos artigos **NIKON** e inúmeras Menções Honrosas.

O Concurso encerra a 31 de Outubro do ano corrente.

Colha os proveitos que a sua **NIKON** lhe oferece, participando no maior Concurso Fotográfico do Mundo!

Conquiste um primeiro lugar em Tóquio!
A sua NIKON abre-lhe o caminho da glória!

CONCORRA!

Peça boletins de inscrição com todos os pormenores ao seu habitual revendedor **NIKON.**

CONCURSO FOTOGRÁFICO INTERNACIONAL **Nikon**

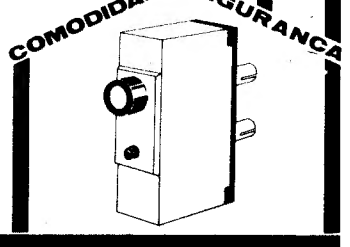
UTILIZE OS SERVIÇOS RODOVIÁRIOS DA C. P.
HORÁRIO DA CARREIRA

BARREIRO-ÉVORA

8-30	15-10	P.	Barreiro (est.)	C.	\	12-10	19-10
8-54	15-34		Moita			11-46	18-46
9-20	16-00		Montijo			11-25	18-25
9-27	16-07		Atalaia			11-13	18-13
10-03	16-43		Pegões Velhos			10-37	17-37
10-10	16-50		Pegões (cruz.)			10-30	17-30
10-32	17-12		Vendas Novas			10-08	17-08
11-08	17-48		Montemor-o-Novo			9-34	16-34
11-55	18-35	\	C. Évora	P.		8-45	15-45

BBC BROWN BOVERI

utilize na sua casa ...
... OS INFUSÍVEIS STOTZ
Substituem os fusíveis comuns SEM QUALQUER ALTERAÇÃO DO QUADRO



PARA OS ADQUIRIR DIRIJA-SE ÀS BOAS CASAS DE ARTIGOS ELÉCTRICOS
Distribuidores:

LIVROS RECEBIDOS

COMISSÃO EXECUTIVA DO IV CENTENÁRIO DA PUBLICAÇÃO DE «OS LUSÍADAS»

FERNÃO GOMES, UM PINTOR DO TEMPO DE CAMOES
Dagoberto L. Markl

EDITORA ARCÁDIA

SER OU NÃO SER PELO PARTIDO ÚNICO
Introdução e coordenação de António Valdemar
Depoimentos de Magalhães Godinho, Nogueira Pinto, Barrilaro Ruas. Coelho da Silva, Victor Wengorovius e Pinto Balsemão
Colecção Ser ou Não Ser

ALEGRIA BREVE — 3.ª edição
Vergílio Ferreira
Prefácio de Robert Bréchon
Colecção Obras de Vergílio Ferreira

EDITORES ASSOCIADOS

DE VÍBORA NA MÃO
Hervé Bazin
Tradução de Maria Judith de Carvalho e Urbano Tavares Rodrigues
Colecção Livros Unibolso — n.º 29

O ENTE QUERIDO
Evelyn Waugh
Tradução de Jorge de Sena
Colecção Livros Unibolso — n.º30

EDITORIAL FUTURA

O CONCEITO DE CATT
Ivor Catt
Tradução de Franco de Sousa
Colecção Liberdade Ano 2000

REPORTAGEM NO SÉCULO XXI
M. Vasilev e S. Guschev
Tradução de Franco de Sousa

CONTOS POPULARES CHINESES — 1.ª série
Tradução de Maria Serrão

CONTOS POPULARES CHINESES — 2.ª série
Tradução de Patrícia Joyce

CONTOS POPULARES CHINESES — 3.ª série
Tradução de Patrícia Joyce

EDITORIAL INOVA

A METÁFORA EM FERNANDO PESSOA
Maria da Glória Padrão
Colecção Civilização Portuguesa n.º16

MEMÓRIA DESTRUÍDA
Rogério de Freitas

«GRACEJOS À SOLIDÃO»
Margarida Losa
Colecção Ágora — n.º2

LIVROS DO BRASIL

O PSICÓLOGO E A SELECÇÃO DOS QUADROS
Maurice Jeannet
Tradução de Ramiro da Fonseca
COLECÇÃO Vida e Cultura **C** — n.º 51

A INVASÃO DOS INSECTOS
Ra Cummings
TraduçãodeEuricoFonseca
jcolecção Argonauta — n.º 196

MISTÉRIO EM HOTEL DE LUXO
Agatha Christie
Tradução de Maria do Carmo Piarro
Colecção Vampiro — n.º 316

PRELO EDITORA

ESTRUTURAS AGRÁRIAS EM PORTUGAL CONTINENTAL (Vol. 1)
J.Silva Martins
Colecção Biblioteca de Economia — n.º 13

COM OS CAMPONESES — PARA UMA AGRICULTURA MODERNA
Louis Perceval
Tradução de J.Campos
Colecção Biblioteca de Economia — 15

OS ESTUDANTES E O ESQUERDISMO
Claude Prévost
Tradução de P. Santos
Colecção Documentos — n.º12

OS CONSTRUTORES DE FOGUEIRAS
Augusto Rodrigues
Colecção Autores Portugueses

DO CONFLITO À COEXISTÊNCIA
Alain van Lombeek
Tradução de Alice Nicolau
Colecção Documentos — n.º13

PROBLEMAS AGRÁRIOS PORTUGUESES
Blasco Hugo Fernandes
Colecção Biblioteca Popular — n.º11

RENASCENÇA GRÁFICA

JUSTIÇA DE CLASSE OU INJUSTIÇA DE CLASSE?
Francisco Salgado Zenha

NOTICIÁRIO EDITORIAL

LIVRARIA BERTRAND

Em quarta edição, vai sair na Colecção Autores Portugueses, da Bertrand, o romance de Fernando Botelho «A Gata e a Fábula». A propósito desta obra afirmou David Mourão-Ferreira tratar-se de um marco importantíssimo na revelação de um dos mais fortes talentos novelísticos de toda a nossa história literária.

A Bertrand apresentou o VI volume de «Opera Omnia», de Manuel Maria Barbosa du Bocage, sob a direcção do professor Hernâni Cidade. Fazem parte deste volume, cuja preparação do texto e notas são da responsabilidade da doutora Helena Cidade Moura, os seguintes poemas didácticos traduzidos: «Os Jardins», «As Plantas», «A Agricultura» e «O Consórcio das Flores». Assim termina a publicação deste notável conjunto de obras que permite conhecer melhor a obra do grande poeta português.

Quem não gosta de tirar fotografias? Em todos nós existe um fotógrafo amador sempre na expectativa de encontrar o enquadramento insólito para gravar uma bela imagem. Mas a fotografia é uma técnica que só ganha se for praticada com o mínimo de conhecimentos. É esta a intenção de um manual como o que a Bertrand vai incluir na colecção o Pequeno Guia e cujo título é precisamente «Fotografia».

Os autores deste livro são H. Zim e R. Burnett, que demonstram, através de 320 ilustrações, como se deve utilizar a câmara, qual o tempo de exposição a aplicar em cada caso, a acção da cor, a composição da imagem, a utilização da luz artificial, a magia da câmara escura e uma infinidade de outros assuntos que esclarecem o amador de modo a aperfeiçoar a sua técnica.

LIVROS DO BRASIL

Escolher o melhor homem para o melhor lugar, constitui o grande problema das empresas modernas, especialmente daquelas que, acompanhando o progresso, introduzam novos métodos e sistemas de operar, impondo uma dinamização em todos os serviços, que exige espírito de iniciativa e competência de todos os colaboradores.

Assim, a selecção profissional é hoje um dos temas de maior importância nas actividades económicas e o psicólogo tem um papel muito importante a desempenhar nesse capítulo.

Uma parte muito importante do sucesso de uma empresa deve-se, sem dúvida, à eficácia dos homens que presidem ao seu destino; é, pois, perfeitamente compreensível que os responsáveis pelo seu pessoal se preocupem, cada vez mais, em o escolher judiciosamente.

O livro «O Psicólogo e a Selecção dos Quadros» de Maurice Jeannet, agora publicado entre nós pela editorial «Livros do Brasil», escrito por um especialista de renome internacional, vem colocar o problema nos seus termos correctos. As suas ideias revestem não só um inegável alcance teórico mas uma importância prática indiscutível. Ler este livro não é apenas tomar contacto com um problema. É, de certo modo, aprender os parametros e condicionamentos de uma selecção eficaz.

Em tradução de Maria do Carmo Pizarro, acaba de aparecer um novo romance de Agatha Christie, essa extraordinária «fabricante» de «suspense», que não cessa de surpreender o leitor ao fim de longos anos de operosa actividade. «Mistério em Hotel de Luxo», publicado na colecção «Vampiro» da editorial «Livros do Brasil» é a obra mais recente da famosa escritora e não escapa a essa regra. E um romance capaz de prender, se não mesmo de arrebatar a atenção do leitor, prendendo-a da primeira à última página.

Mais uma vez o que parecia mistério impenetrável acaba por ser decifrado por quem sabe descobrir aquilo que parece insondável.

«Mistério em Hotel de Luxo» comprova-o amplamente, fornecendo-nos mais um exemplo do talento inigualado da «rainha do romance policial».

Os verdadeiros clássicos na literatura de ficção científica, são bem raros. Até Verne e Wells têm hoje o sabor do passado. Mas por vezes mais raramente ainda há obras intemporais. **A Invasão dos Insectos**, de Ray Cummings, é uma delas lançada agora ao público leitor do nosso país, pela editorial «Livros do Brasil».

Que um homem seja atacado por mosquitos, numa casa onde todas as janelas estão cobertas por rede, é bem estranho. Mas que a rede apresente sinais de ter sido cortada **por uma ferramenta mais pequena que um mosquito** isso é que estranho!

Que um homem veja uma formiga tropical, vermelha, a passear pelo chão de sua casa, pode em certas circunstâncias, ser natural. Mas será também **natural** que essa formiga seja cavalgada por uma pequena figura erecta sobre ela? Um homem! E inclinado para a frente, chicoteando-a, obrigando-a a apressar-se!

Um homem mais pequeno que uma formiga! Ilusão ou realidade? Simples fantasia do autor extraordinário que foi Ray Cummings. Talvez isso, mas também talvez algo mais do que isso. **A Invasão dos Insectos** — incluída na colecção «Argonauta», de ficção científica — é a história de uma ameaça fantástica, mas talvez possível, uma obra clássica, repete-se, mas, sobretudo, uma obra que faz pensar.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Inúmeros psiquiatras, psicólogos e sociólogos têm lamentado a falta de livros de informação psicopedagógica que se possam «pôr em todas as mãos». Essas obras possuiriam sólidas bases técnicas, mas seriam escritas num estilo simples, podendo servir de introdução ou complemento a conversas mais profundas, a estabelecer com os pais que se encontrassem em dificuldades.

A «Biblioteca dos Pais» veio preencher esta lacuna em Portugal. Dirigida por uma equipa de especialistas mundiais em psicopedagogia, uma conclusão, pelo menos, já se pode tirar sobre esta colecção de Publicações Europa América: cientistas experimentando souberam colocar-se ao alcance dos pais para lhes falar, com toda a simplicidade, acerca dos problemas dos seus filhos. É o que tem sido comprovado com os seis volumes já lançados, cujas primeiras edições estão praticamente esgotadas. **Autoridade... mas Qual?**, agora nas livrarias, é o sétimo título da referida colecção.

Trata-se de um livro onde as relações entre pais e filhos sobre o prisma da autoridade são tratados a partir de exemplos os mais verdadeiros possíveis. Os autores destes livros procuram colocar-se ao lado dos leitores para os acompanharem num esforço de reflexão sobre os seus problemas particulares, através de numerosas histórias cuidadosamente escolhidas, na tentativa de que, perante uma enorme gama de situações e comportamentos diferentes, seja possível ao leitor situar-se e evoluir progressivamente, analisando com uma maior lucidez os seus casos pessoais.

FEDOR MIKHAILOVITCH DOSTOIEVSKI

Sim, do teu universo eu participo.
Não com essa metódica razão preliminar.
As coisas ponho-as a esmo dentro de mim.
Tanto me faz que fiquem à direita
ou de cima para baixo
ou separadas ou não
ou bonitas ou feias
ou boas ou más
ou irrisórias ou confusas
ou criminosas ou inocentes
ou deste mundo ou do outro
ou de mim ou dos outros
ou familiares ou distantes
ou simples ou complexas
ou imediatamente vistas ou confusamente percebidas
ou certas ou duvidosas
ou cegas ou videntes
ou adúlteras ou virgens
ou crentes ou não crentes
ou de joelhos ou postas na Cruz
ou desejosas de brandir de flamejar a rubra
bandeira de liberdade em cada peito
humano
ou prisioneiras de si mesmo
ou condenadas de origem
todas as coisas, juntas!,
se albergaram em mim
me tratam por amigo...

RAUL DE CARVALHO

3 POEMAS

CATACUMBA

Labirinto encarcerado
da nossa escuridão

Ar pouco, nenhuma luz
diurna, galerias
e galerias de vermes,
de mortos soterrados.

Cântico mísero
de quem se esconde
e escava sèmpre mais
na alegria que lhe resta.

Voz degradada
pela própria oculta tortura,
à espera dos leões, de ser devorada,
e confiante apenas no futuro.

CALCETEIROS

Escrevem na rua:
juntam
cuidadosamente
palavras.

Pegam-lhes
sílaba a sílaba,
escolhem, unem,
completam,
tocam-lhes
ao de leve por cima
e continuam.

Com o maço
e o seu suor
assinam.

OFICIO

Armazenar sofrimento.

Distribuí-lo depois
límpido.

ANTÓNIO OSÓRIO

"Deutsches Requiem", uma obra de reflexão política

Deutsches Requiem (1), de Pierre Bourgeade, segundo volume de uma trilogia inspirada pelo que o seu autor considera os mais importantes «dramas históricos europeus» do século XX, é uma fábula sobre o advento de Adolfo Hitler e a inspiração do fascismo na Alemanha. E, diria Pierre Borgeade, da sua expansão no mundo...

Personagem «fabuloso» pois, o Hitler de **Deutsches requiem** (mutação da história em lenda) «n'est pas mort dans les décombres du bunker». Refugiado numa aldeia da Argentina após a derrota da Alemanha nazi e dos seus exércitos pelas tropas aliadas e soviéticas, o Führer vive. Graças aos desvelos de dois dos seus mais próximos e incondicionais «servidores»: Eva Braun e Martin Bormann. Um Hitler-múmia coberto de ligaduras que ambos fizeram passar por cego e inválido (vítima de queimaduras provocadas) e recusa a derrota militar e ideológica do III Reich. Um «guia único» (ou fénix eternamente renascida das suas próprias cinzas) e eufórico inteiramente ocupado pelos preparativos da (nova) ofensiva mundial da «raça pura e superior» contra as «raças impuras e inferiores», possesso da histeria nacional-socialista pronto a representar (uma vez mais) a tragédia das hordas invasoras, das perseguições policiais e religiosas, da exterminação colectiva e dos processos políticos prefabricados. Rebelde a todas as psicoterápias, eterno prisioneiro dos seus conflitos psíquicos, louco mas decidido, voraz mas calculador, feroz mas cínico.

Em dois actos e treze cenas, **Deutsches Requiem** foca e analisa (com a subtil psicologia do autor de **New-York Party** e das **Immortelles** (2), romancista, contista e dramaturgo para quem a retórica não é sinónimo de retorta nem laboratório de experiências pseudoformalistas) os principais episódios da ascendência e decadência do nazismo através das alucinações do Fuhrer e uma série de **fkash-back** evocadores do incêndio do Reichstag; da entrevista Estaline-Ribbentrop; da desgraça do **feldmarschall** von List, comandante do grupo dos exércitos do «Centro» sobre a frente Leste; do «julgamento» dos conjurados do atentado do 20 de Julho de 1944; da «luta contra os parasitas» ou exterminação do povo judeu e a criação dos comandos especiais, os **Einsatzgruppen**, encarregados por Himmler, Rosenberg e Kaltenbrunner da liquidação física das populações dos territórios russos ocupados: em Witebjsk (12-10-1941), 3.640 judeus fuzilados; em Yanowittschi (23-9-1941), 1.250 judeus passados pelas armas; em Tschernikow, 665 doentes mentais exterminados; em Poltawa, 565; em Daunapilsk, também no hospital psiquiátrico, 820 doentes, entre os quais 60 crianças (22-8-1941); na região de Jitomir, 51.000 judeus fuzilados no dia 12-12-1941; e na cidade de Misk, 733 «elementos inferiores» exterminados no dia 4-9-1941, culpados de «mistura de sangue asiático»!

Adolfo Hitler rejubila: «Os generais alemães traíram-me, mas os homens do povo integrados na Waffen S. S. obedeceram-me».

No II acto, a história transforma-se em lenda com a «ressurreição» dos doze «fiéis servidores», os doze **apóstolos negros** do regime. O III Reich (re) começa, pode (re) começar. Monsenhor Kaas, fiel a si mesmo e ao seu famoso «Gott mit Uns!» do 23 de Março de 1933 surge neste decor de trágico-farsalhada (uma cabana na América do Sul!) à frente das suas tropas de choque: várias dezenas de milhares de pias consciências dedicadas a **Gott** e ao «seu» embaixador no Vale-de-Lágrimas. «Em 1933... em Munique... o cardial Pacelli... **avait bien compris...** etc.»

Aclamações populares. Braços esticados (como para ver se chove, que nunca fiando nestes climas daqui...) e **Horst-Wessel Lied.** Cobrindo o conjunto, «la voix de Hitler, hystérique», anunciando o (re) começo de uma época: o fim do respeito do Homem e dos seus direitos naturais.

Assim vai a História repetindo, a quem quer ouvi-la, que o fascismo será (e servirá de) pretexto a todas as autocracias futuras. Nos cantos nocturnos de uma multidão de larvas viscosas, hábeis no manejo psicológico do terrorismo — pirâmide de oportunistas dispostos a todos os excessos e abusos de poder na esperança (ilusória) de ultrapassarem a sua mediocridade natural. Tal é a «mensagem» de uma obra de reflexão política ao mesmo tempo que exercício de uma dramaturgia necessária.

1, 2, 3) **Editions Gallimard**, Paris.

ALCIDES DE CAMPOS

Folhetim-artístico

José-Augusto França

O RATO EM QUESTÃO

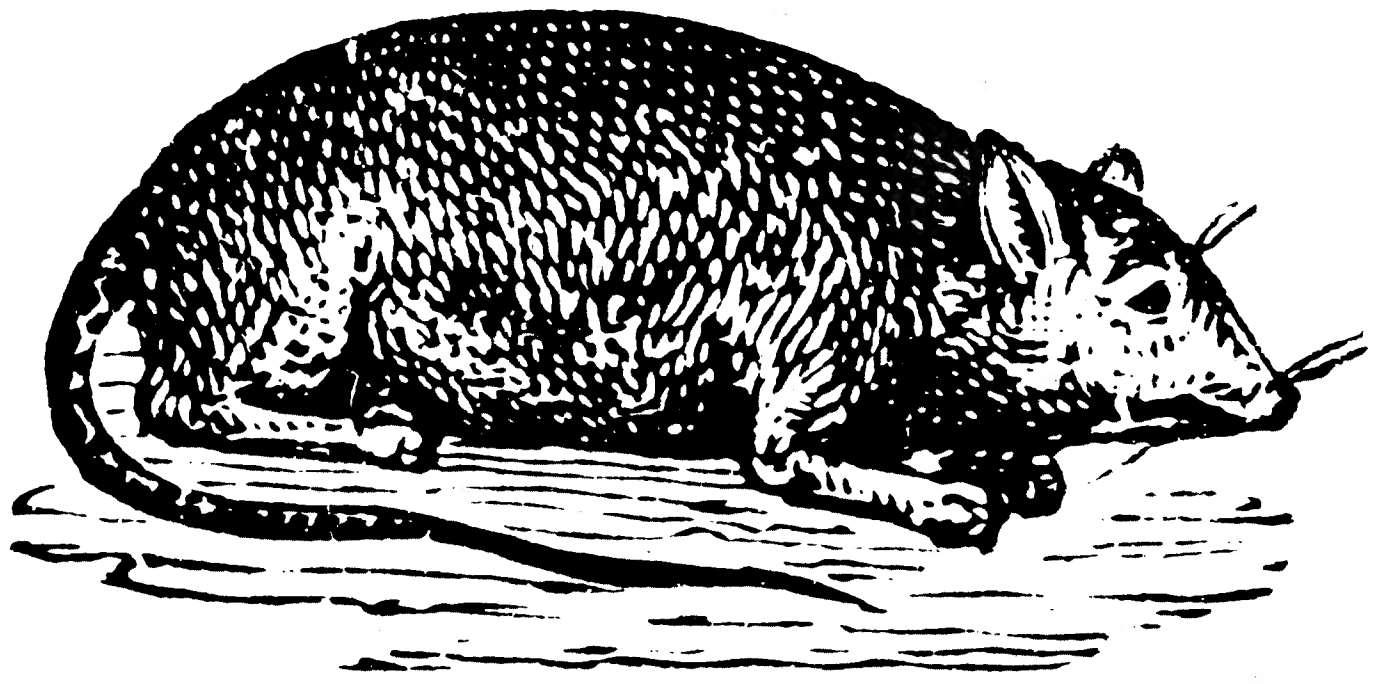
Recentemente alguns jornais lançaram o alarme: o Largo do Rato ia ser pista multidimensional de automóveis (os «senhores da cidade»...) com manifesto prejuízo dos peões. Em vista disso, o arq. Duarte Nuno Simões, encarregado pela C.M.L. do estudo da Unidade de Ordenamento que inclui o dito largo, teve um encontro com jornalistas para esclarecer o público sobre os complexos problemas do local e suas ideias e projectos. Daí resultou que os jornais anunciaram que, cerca de 1980, o Rato ficará reservado aos peões...

Claramente se vê a sensibilização actual ao problema do trânsito (e da poluição e dos transportes) e do direito dos pedestres a circularem também na cidade que, em princípio, lhes pertence. O Largo do Rato, cruzamento de nove ruas, é ponto principal e esquentadíssimo, na cidade de Lisboa, e falar nele é, logo, falar em automóveis correndo e transeuntes correndo também, para se livrarem deles...

...Mas o Rato tem outros problemas que não os dos trânsito que o arq. D. N. Simões muito bem pensa resolver fora do largo, criando vias de derivação, a Norte (Infante Santo-Duarte Pacheco) e a Sul (paralela à Avenida da Liberdade, na zona da Alegria) — ou vindo a reservá-lo para os transportes públicos que um dia existam, numerosos, cómodos, eficientes...

O Rato tem outros problemas — mas o que é o Rato?

Largo mais do que Praça — isto é, alargamento de ruas convergentes e não tanto propósito urbano, o Rato tem uma longa história ao longo da Lisboa seiscentista e já, decerto, de Quinhentos. A sua fixação terá sido obtida pela fundação do Convento das Trinas de Campolide, facto do século XVII mas só verificado em princípios do século seguinte. Antes, e mesmo depois, ele definiu-se sobretudo pela vizinhança de S. Bento, da Cotovia, do morgadio das terras do Pombal, e de Santa Isabel. S. Bento eram os frades «negros» com o seu convento onde o Liberalismo fez Assembleia Nacional; a Cotovia (que chegou a estender o seu nome ao largo) era a crista do caminho que ligava o Rato a S. Pedro de Alcântara (e a S. Roque-Portas de Santa Catarina, isto é, mais ou menos, o Camões — e o Tejo) e onde estava instalado o noviciado dos Jesuítas, depois Colégio dos Nobres pombalinos e enfim Escola Politécnica, cujo nome foi dado ao caminho tornado rua por efeito da mentalidade «tecnocrática» do fontismo. As terras do Pombal desciam do caminho da Cotovia para a rua de S. Bento e o morgadio (que nada aliás tinha que ver com o «terrível marquês») tinha cabeça num solar dos Soares, onde depois foi e é a Imprensa Nacional; foram terrenos de urbanização pombalina (objecto mesmo de uma «Companhia Edificadora» que para o efeito se criou, em bom anúncio de capitalismo promotor...), e, bordejando o caminho da Cotovia, a poente, ergueu-se a Fábrica das Sedas, o palácio meio rústico do Cruz, morgado de Alagoa e pombalino fiel, e o palácio dum comendador Rebelo de Andrada que, aumentado de um andar, é o melhor e mais rico do «estilo» que a Reconstrução da cidade propôs ou permitiu — tudo construções do terceiro quartel do século XVIII. Santa Isabel, por seu lado, foi uma paróquia que se desenvolveu no segundo quartel do século, antes do Terramoto e então teve a sua igreja; no século seguinte, por lá ou pela via do Sol ao Rato (aliás antiga estrada de ou para Alcântara), se chegou a Campo de Ourique que viria a ser urbanizado muito mais tarde e era sítio de manobras e paradas militares.



Mas do Rato saía também a Estrada das Amoreiras que levava à praça fabril do mesmo nome, rente ao aqueduto, e até ao Arco do Carvalhão, onde se balizou um dos grandes planos de urbanização sonhados pelo marquês de Pombal. Junto ao largo, desse lado, era a fábrica da louça, outra iniciativa malograda do marquês. Mais a norte (hoje S. Filipe Neru), um caminho de «entre-muros» que se bifurcava para a Palhavã, e para Campolide (e de Campolide se chamava o sítio do Rato), juntando-se depois em Sete Rios — longíssimo da cidade que acabava no Rossio...

Mas esse débito de circulação para Norte e Noroeste recebia matéria não só de S. Bento e da Cotovia mas também do Salitre, caminho velho que vinha do centro, ao alto do Passeio Público, e da Alegria, e que era saída natural da cidade, como do outro lado do Vale Verde que seria a Avenida da Liberdade, a sequência de ruas que vão das portas de Sant'Antão até S. Sebastião da Pedreira — outra baliza da ambiciosa urbanização pombalina.

«Plaque tournante» da circulação lisboeta do lado noroeste, o Rato foi-o, desde Seiscentos, e continuou a sê-lo, até à saturação actual. Sítio de passagem, local de emigração provisória, após o Terramoto, pois oscilou pouco, a fixação urbana, ganha com o Convento, com as fábricas da Louça e das Sedas, com o palácio dum tal Brito, funcionário rico, que depois seria do Farrobo e depois dum seu herdeiro marquês de Viana (que, antes de se arruinar, deu dos mais belos bailes da Lisboa Romântica) e depois, e hoje, dos marqueses da Praia, e também com o palácio Palmela (que alargou a casa de Manuel Caetano, arquitecto da última geração pombalina) — foi, como regra da Lisboa tradicional, monástica, aristocrática e popular. Um popular, e isso lhe dá originalidade, que tomou feição fabril. Nos princípios do século XX, uma planta de Lisboa atribui «casas operárias» à zona que se estende por detrás do largo, a Sul.

Naturalmente que foi o povo miúdo que deu feição quotidiana ao largo e, descendo de Santa Isabel e pela rua do Sol ou das Amoreiras, e subindo de S. Bento ali teve sítio de encontro e paleio alfacinha (ainda!). As lojas que bordejam o largo, pelo Sul, são efeito desse quotidiano, tal como o «Jardim Cinema», que tem mais de trinta anos de idade e bem simpático é — numa rua aberta nos anos 30 que se quis de boa burguesia e rendas caras em cimento armado. Esta Avenida Alvares Cabral, tal como, meio século antes, a Alexandre Herculano, irromperam artificialmente no Largo do Rato, perturbando-lhe a definição, a «imagem» orgânica.

Este largo difícil, que tem os palácios e conventos que vimos, e também um chafariz (talvez de Manuel Caetano), e Lojas, centros de cultura e convívio, super mercados — uma nova definição para um novo local de convívio, quando os execrandos automóveis o vista sobre a obra-prima que é a «Mãe-d'Agua» de Mardel, que já sofreu, pelo lado norte, a monstruosidade de um prédio de rendimento de fachada-de-traseiras encurvada, que o domina e lhe altera a escala geral — que vai ser dele?

deixaram em paz? Uma nova definição, uma nova imagem, como quer o arq. Duarte Nuno Simões? O largo, o bairro evolui, ou tende a evoluir; o povo deixa de ser «miúdo» (deixará?), os salários aumentam, os alojamentos beneficiam-se e encarecem mais ainda, o sector terciário toma conta desta zona ainda central. Fatalidade ou progresso de uma sociedade de consumo que o urbanista apenas poderá canalizar e, na medida do possível, vigiar, cuidando-lhe do aspecto exterior?

A não ser assim — como fazer? Há alternativa de programa?

Favorecer o sentido tradicional, popular e modesto do largo, tentar detê-lo, proceder a um «desaceleramento» social? Deixar ficar, tão perto do centro, contra possibilidades de grande rendibilidade, um núcleo urbano ainda de lembrança oitocentesca, senão rústica? Ou, pelo contrário, promover uma «fuga para a frente», no procesus social?

A opção é, evidentemente, do domínio sociológico; mas também do domínio moral; mas também do domínio pragmático... E os urbanistas, que agem necessariamente sobre conjuntos modelares, têm que pesar a sua intervenção e medir a sua cirurgia. Trata-se, afinal, de, intervindo nos seus centros nervosos, modificar a personalidade de um bairro. Ou de uns milhares de pessoas presentes e futuras...

... Quanto ao «Rato» em questão, que deu nome ao convento e ao largo, era um Gomes d'Elvas, da grande finança portuguesa dos séculos XVI e XVII, de forte costela judia e cedo nobilitada.

ANTÓNIO ALÇADA BAPTISTA
CONVERSAS COM MARCELLO CAETANO
O LIVRO SENSAÇÃO DO ANO
MORÆS editores

OFERECEMOS-LHE

— testes e inscrições grátis
— um ambiente moderno, acolhedor
— eficiência, sentido da responsabilidade e RESULTADOS

Inscrições agora para cursos rápidos de INGLÊS, FRANCÊS, ALEMÃO e PORTUGUÊS

CENTRO AUDIO-VISUAL DE LÍNGUAS
Praça Luís de Camões, 36-3.º, Esq.
LISBOA — Chiado Tel.: 3 49 88

ESPIGA
há palavras que o vento não leva...
O Disco Falado, da Sassetti, é sempre uma presença viva de cultura, de informação, de diálogo.
Do interesse das entrevistas a grandes homens da cultura, às gravações das grandes peças da oratória portuguesa.
Da mensagem poética à dimensão dos nossos dias, à actualidade e urgência de interessantes mesas redondas.

coleccão textos literários
em lançamento
sermão de Sto António aos peixes
de
Padre ANTÓNIO VIEIRA
textos ditos por
Ary dos Santos

Sassetti DISCO FALADO
à venda nas livrarias e discotecas

Crítica de artes plásticas

Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

UMA PINTURA DE "TRADIÇÃO FRANCESA"

Duas leituras podem ter os nos que encabeçam esta gina: «tradição francesa», ainda, pintura «abstracta» tradição francesa. Uma é ito recente e cabe toda nes- rase de Marcelin Pleynet ao erir-se à atitude dos novíssi- s pintores franceses, peran- o vanguardismo dos anos como uma etapa neces- ia para a liquidação **do pro- cianismo** e do **academismo tracto** da Escola de Paris». ustiça? Outra leitura vai bus- para este termo duas dife- tes origens: o magistério de pintor que nunca se aceitou mo mestre e que por isso oi, seguido por epígonos ori- ais como poucos neste ulo, Bissière (e os discípu- foram Manessier, Le Moal, tholle, Bazaine e de certo do Vieira da Silva), e uma posição organizada em 1941 Galeria Braun, intitulada nte Jovens Pintores de Tra- ão Francesa» (os nomes, nceses, que acima citei, e s Lapicque, Beaudin, Su- ne Roger, Borès, Courtaud, ne, Singier, Pignon, Gishia, ien Lautrec, Legeult, Mar- and). «Ora, para organizar a tal exposição», diz Jean ichard-Meili num artigo co- morativo dos seus vinte e co anos («Galerie des Arts», ho de 1967), «com tal de- nação em Paris, em plena pação alemã, quer dizer, n deserto artístico (e num erto minado), eram neces- ias coragem e astúcia. A as- ia jogava com o termo **tra- ão**... A coragem desafiava autoridades nazis que per- guiam a arte dita **degenera- **». Coragem artística, cora- n política também, embora palavra tradição nada por to dissimulasse, antes impu- a defesa de uma cultura através dos seus pintores se auto-interrogava, contra- ndo-a à barbárie ignorante neo clássica» da **kultur** na-

Será que a trinta anos de tância o que era uma pro- sta progressista em várias ntes se tornou, pelo menos sticamente, reaccionária? parece ser o sentido a dar eitura destas duas interpre- ões tão afastadas.

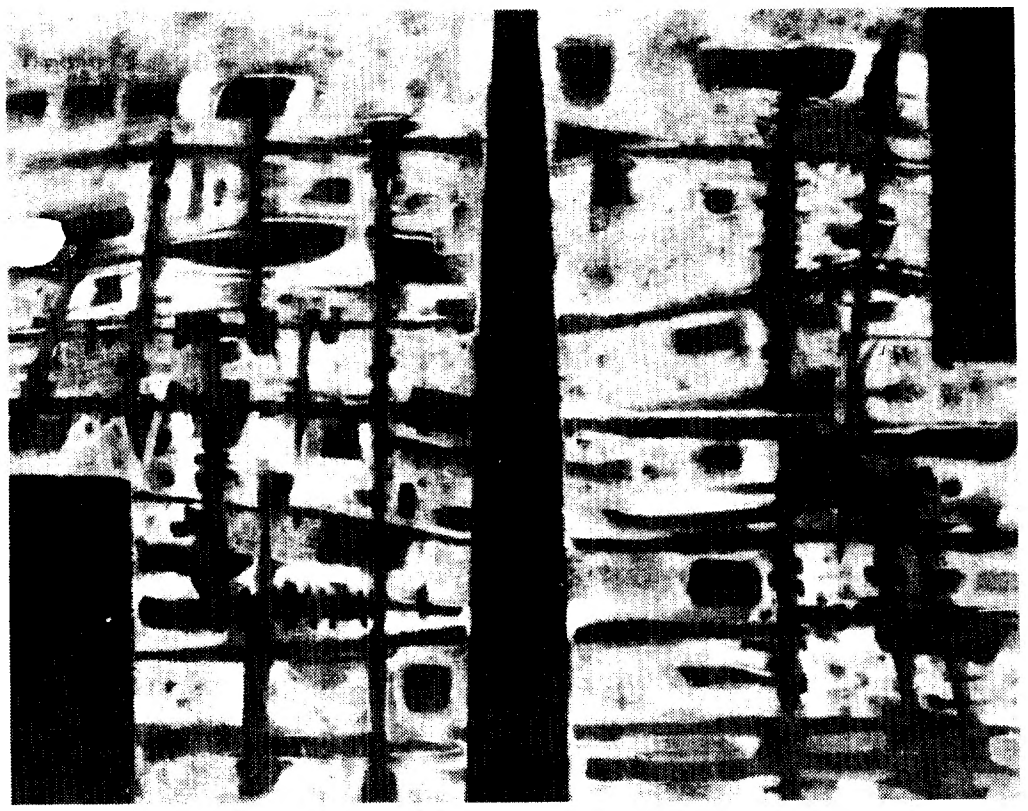
Seja-me permitido dar sobre e assunto um pequeno tes- unho pessoal. Tenho, e não io ser a única pessoa em rtugal, umas contas pes- is a ajustar com a tradição ncesa e a sua pintura, a da gunda Escola de Paris». Eu, no todos aqueles que forma- juízos e opiniões à sombra cultura francesa, e, portan- de revistas e livros france- s, que eram, mais ou menos cretamente, outros tantos culos de informação e, so- tudo, de propaganda, não vez pelo que exageravam, s pelo que **omitiam**. Isso me ou a julgar ser o fenómeno abstracção um caso tipica- nte francês, ou melhor, pari- nse, e que o seu auge, no estava mais certo, era a tura francesa do pós-guer- À medida que fui descobrin- mundos novos, fiquei furio- porque senti que durante uns anos me fora roubada possibilidade de um melhor tendimento de contempora- idade.

Suponho que histórias para- as possam ter acontecido a itos de nós em Portugal. Por ro lado, muitos dos scípulos» de Bissière torna- n-se, por força das enco- ndas, artistas «oficiosos» da República e geraram um academismo que não está tanto neles próprios como nos epigonismos estéreis que os cercam e nalguma literatice pseudocrítica que os apoia comercialmente. Daí que Pleynet tenha também razão, pois a renovação que os jovens pintores de 41 anunciavam era também o fim, «o fim da pintura francesa».

UMA EXPOSIÇÃO

Até uma certa idade tem-se o acesso à escolha. Mas depois, quando se retém algo sólido, que nos enche completamente — e para mim é o encontro sobre a tela da vida espiritual e do mundo exterior — então é preciso conter-se, prosseguir neste filão, como um mineiro, indo cada vez mais fundo... O importante não é o movimento a que se pertence, mas sim ir tão longe quanto possível nesse movimento.

(Conceitos referidos por Jean Clayin, em «Réalités», n.º 202, 1962 — in Catálogo da Exposição Manessier, Gulbenkian, 1973).



«A Sexta Hora»

«A marca (tríptico) e predela».

Está actualmente patente na Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian uma exposição antológica de Alfred Manessier (45 pinturas, 10 aguarelas, 4 litografias, e um grupo de 12 tapeçarias, tudo mediando entre 1944 e 1971), representante ilustre quer da Escola de Paris quer de uma tradição francesa na «pintura-pintura».

A exposição poderia ser toda tomada como de um comentário ao texto acima citado, texto do princípio dos anos 60, quando a hegemonia da Escola de Paris começava a desagregar-se, aparecendo em França e fora dela novas opções e propostas que certamente levaram o pintor a esta opção que é a do aprofundamento e do alargamento dos meios da sua pintura. Acontece que embora Manessier tenha diversificado os seus meios expressivos, tendo-se de há muito dedicado à tapeçaria e ao vitral (consequência das encomendas e do facto de ser «oficiosamente» considerado pintor católico), ele continua sendo fundamentalmente um pintor. As doze tapeçarias que apresenta são meras transcrições de cartões, e as aguarelas, interessantíssimas, são estudos de texturas e de ritmos naturais que aparecerão magnificados nas telas, num tratamento gostoso da matéria pictural que vem direitinha ainda do século XIX, afirmando uma certa tradição e também uma certa «qualidade», e um enorme prazer de pintar, num gesto contido, feito conhecimento da matéria, ou antes, da pasta, que só por duas vezes parece querer automatizar-se, como gesto, em duas telas, uma das quais curiosamente se refere a um trágico acontecimento americano: a homenagem a Luther King, datada de Abril de 1968.

Arrancando de problemas que ainda são pós-cubistas, os trabalhos mostrados nesta breve exposição documentam uma opção a favor de uma pintura não (directamente) representativa, ou abstracta, se preferirem, ainda ao longo dos anos 40. A partir daí, toda a produção de Manessier parece tender a resolver-se numa tensão entre uma pintura religiosa que tenta renovar e o paisagismo abstracto que é, sem dúvida alguma, a sua opção sensível, caminho também de toda a sua geração e o que melhor representa a «tal» tradição francesa.

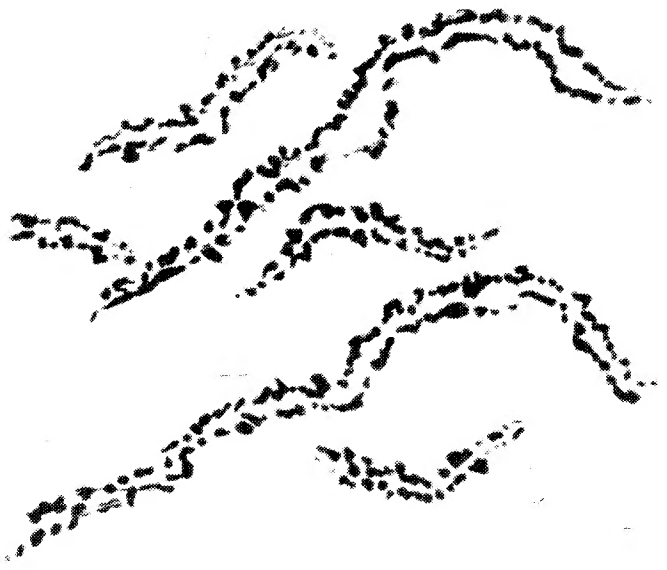
a. A PINTURA RELIGIOSA

Muitas vezes, na divulgação e na propaganda, Manessier nos aparece como se de um Rouault mais «moderno» se tratasse, tentando aliar a uma pintura «abstracta» necessidades ou apenas citações de uma iconografia cristã tradicional (peregrinos de Emaús, Anunciação, as Santas Faces, etc.), ou pelo aproveitamento de formas simbólicas e naturais muito simples (a cruz na «Paixão segundo S. Mateus», o mandala numa das Santas Faces, ou o cipreste na «Sexta Hora»). Outros exemplos há da tentativa de fazer tal tipo de citações, empregando montagens que são tradicionais na pintura religiosa, como o tríptico «A Marca», reforçado por uma predela que me parece tentativa gorada de «meter vinho novo nos odres velhos», esquemas formais que já perderam a sua razão de ser.

b. PAISAGISMO ABSTRACTO

Saída indirectamente do último Cézanne e de Bonnard, dificilmente a pintura abstracta da tradição francesa poderia deixar de ser um paisagismo, no caso de Manessier um estudo de texturas e de matérias, de ritmos e de reflexos **aquáticos**. É a água que preside a bom número dos trabalhos «paisagísticos» de Manessier, numa pintura que muito ganharia se fosse estudada à luz da psicanálise dos elementos de um Gaston Bachelard, e muito provavelmente do «ensaio sobre a imaginação da matéria» que se intitula «A Água e os Sonhos». A biografia de Manessier está regularmente marcada pela sua relação com lugares em que viveu por onde passou, e o seu trabalho de pintor é, mais do que um diário íntimo, como foi a obra do seu mestre Bissière, um acumular de memórias visuais de sítios e lugares realizado em pintura.

A presente exposição aponta-nos a serena plenitude de um homem sem discípulos que aprofunda o que é, possivelmente, um beco sem saída (cultural), para além do qual encontramos hoje um fervilhar de gestos e propostas que são também o sinal de uma inquietação colectiva perante o fim que Manessier representa. Que a Fundação Gulbenkian se interesse também por essa inquietação geral, que é a própria vida da arte de hoje, passando da divulgadora que tem sido à pesquisadora que pode ser, complementarizando assim a sua acção, é um voto que fica sempre ao terminar uma visita a uma exposição como esta, com mais de uma dezena de anos de atraso.



«Aguarela n.º 19»